

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 15 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 8 de Abril de 1944



NO TEXTO:

HUMBERTO DE CAMPOS

ESCRITOR DE ALEM-TUMULO

Confeitaria e Sorveteria

TIJUCA

PRAÇA SAENZ PEÑA



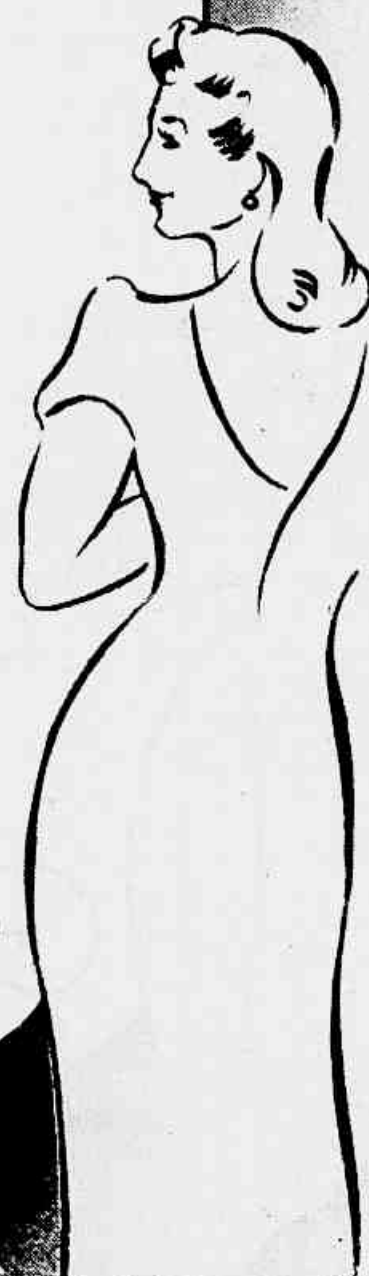
★
Ar condicionado
perfeito em
ambiente de
requintado
conforto

•
Orquestra permanente

•
CHÁ
SORVETES
ALMOÇOS
LANCHES
JANTARES

•
Serviço completo
para banquetes

•
A maior organização
da América do Sul



VOGA
PUBLICIDADE

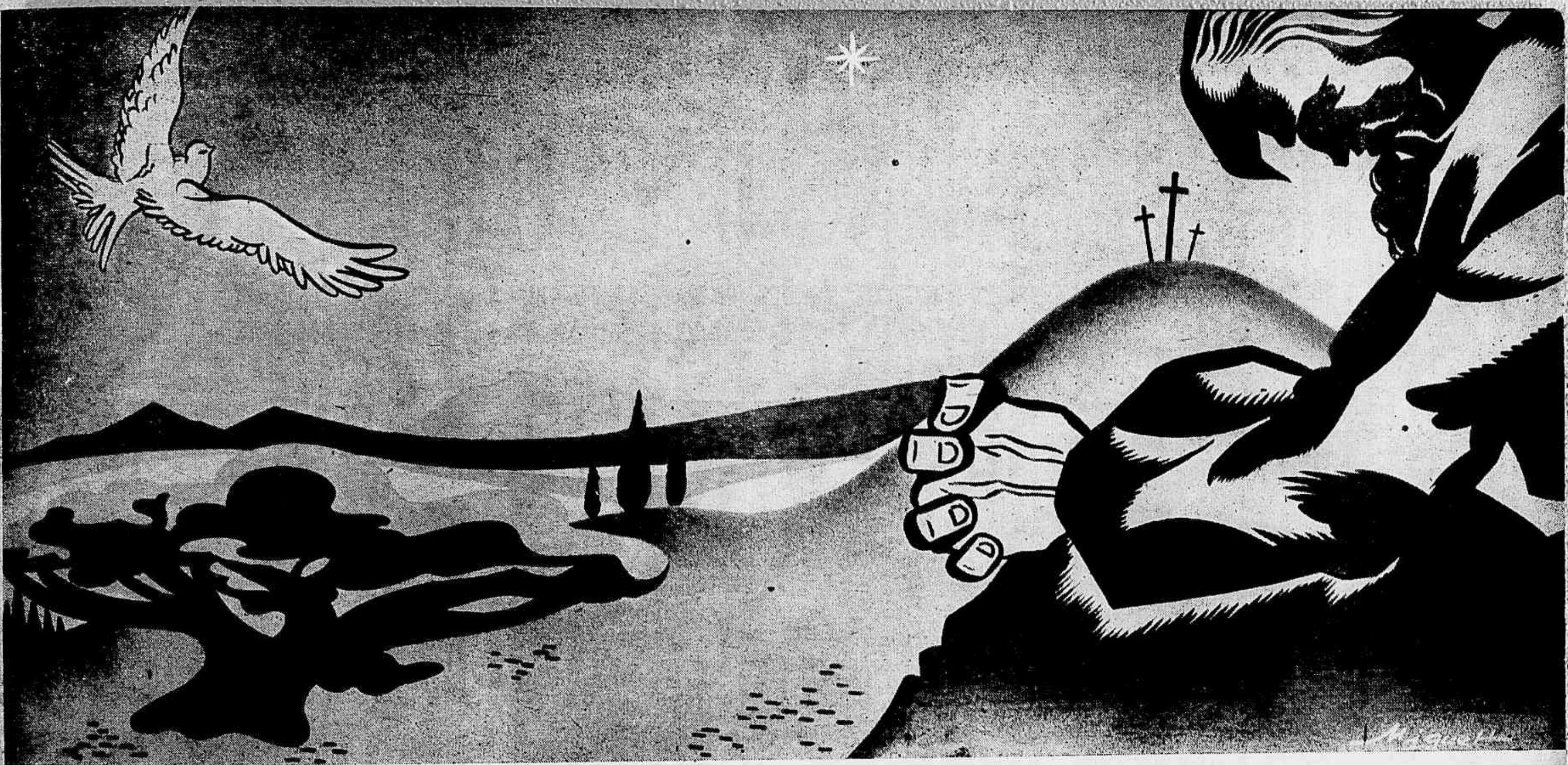
BAPTISTA, GODINHO & Cia.



Rua Conde de Bonfim, 352-A



Telefone 48-4940



QUANDO a pedra do sepulcro se abriu sem ruido no jardim fechado de Arimathéa, todas as casas ainda dormiam, de luzes mortas, na madrugada. A última estrela veio pousar nos pés feridos. Uma ave insone desceu do ninho e cobriu com a pluma suave das azas a chaga que o cravo rasgara na carne viva. Um lírio ergueu-se na haste esguia e, uma por uma, soltou as pétalas na oblata humilde do seu perfume.

O Christo olhou a Cidade do Pecado. Viu, no alto da montanha, as cruzes negras oscilando na bruma da manhã. Os homens dormiam sem nenhuma esperança. Não havia mais fé no coração do Apóstolo. Estava só na aurora do milagre como na hora amarga do cálice do Gethsemani. Só a estrela. O lírio. A ave. O homem dormia.

Que lhe importavam, naquela hora, a luz da estrela, a ternura da ave, o aroma do lírio? Se Ele quizesse, milhões de estrelas rebentariam do céu profundo; lírios brotariam se Ele quizesse, como nevada cobrindo a terra; e turbilhões de azas sem conta celebrariam num canto imenso a glória clara da Ressurreição.

Por que, de toda a terra, de toda a vida, escolhera o homem para salvar, para curar, para querer com o amor que leva à morte?... Por que, pelas estradas da Judéa, indiferente às figueiras que se curvavam oferecendo frutos, às fontes que vinham correndo mitigar o cansaço dos seus pés, Ele procurara, apenas, a alma dos homens, estreita e fria como as parêdes da sepultura?

Chamara todos. A cabeça abrigada no seu peito, as crianças muitas vezes tinham ouvido caminhar o sangue no seu coração. Lançara rês com os pescadores. Curara os leprosos. Ressuscitara os mortos. Dera pão aos pobres. Bebêra no festim dos ricos. No alto da montanha, acendêra, um dia, uma esperança de redenção para o sofrimento. Escrevêra na areia o perdão da adúltera. Bebêra com a mulher de Samaria, quando a primeira estrela mergulhava na água do cântaro.

E estava só na hora do milagre.

Se partisse agora, seu nome morreria em breve como um longínquo rumor de passos morre na estrada. Se de novo mergulhasse no sepulcro, sua lembrança viveria apenas, enquanto vivos fossem na terra aqueles poucos corações amigos que tinham ido até ao Golgotha. O tempo! O grande mistério. Rio que foge...

Ele tinha a eternidade como clima. Para além da vida e para além da morte. Mas sem limites. Luz sem crepúsculo. Antes de Bethlém. Depois do Calvário. A inquietação do homem, aquela estranha luta mesquinha por ouro e prata, aquela doida corrida em pós do amor e da fortuna, talvez fosse apenas a vida limitada ao tempo. O tempo secando as lágrimas. O tempo apagando os ódios. Abandonando os túmulos. Esquecendo. Caindo sobre as almas, gota a gota, levando o corpo das horas mortas.

Se Ele não fosse Deus! Se Ele pudesse ser, apenas, Homem! E permanecer sob o túmulo. Um corpo dissolvido na terra do jardim. Um nome escrito na lage fria. Uma lembrança para a saudade dos pescadores quando a tormenta rondasse em torno da barca, tonta, desarmada longe do porto.

De azas fechadas sobre a sepultura o anjo da Páscoa esperava. E se partisse? Os homens ignorariam o milagre, esqueceriam a divindade. Talvez chorassem de saudade efêmera. Talvez o povo lhe lembrasse a história dentro da vida: — "Ele era inimigo de Roma e foi crucificado. Ele quiz libertar o povo e por isso o mataram. Ele queria o reino da Justiça e da Paz, e foi condenado por Cesar."

Seria belo ser uma lenda na hora do sono dos pequeninos, na hora da revolta, da luta e do sacrifício das gerações. Partiria em silêncio na madrugada. Que os homens tivessem outros deuses! E erguessem templos de ouro e de mármore para seus ídolos! Ele ficaria o Christo. a mangedoura, a cruz, o túmulo, o Homem.

Deu as costas à cidade do Pecado. A eternidade se abriu para acolhê-lo.

Então, do alto, viu a terra inteira. Globo de lama perdido no infinito. Sobre ela, o povo. A dor. O desespero. E as mãos erguidas dentro da noite para o riso cruel e a tranquila paz dos deuses distantes. Dos deuses que não podiam consolar porque não sabiam o gosto das lágrimas. Dos deuses que não ensinavam a esperança porque a eternidade os separava da vida como uma rude muralha de pedra na qual batiam, sem nenhum eco, as vozes dos homens tangidos pela morte. Viu-os rezando sem nenhuma fé. Só porque os caminhos estavam fechados; os passos não podiam ir além; nada mais havia a fazer do que rezar, de joelhos, chorando. Viu os homens rezando sem nenhuma esperança aos deuses eternos do céu e das águas. Aos deuses que jamais tinham bebido a vida com sofreguidão como o lírio bebe o orvalho de sua única manhã.

Então o Christo desceu sobre o jardim. Sentou-se na pedra do sepulcro. Ficou esperando o sol. Esperando as mulheres e os apóstolos. Para que eles contassem aos outros o milagre. Para que todos os homens de todos os tempos e de todas as pátrias soubessem que um deus tinha vivido entre eles. Vestido da carne e das dores do mundo. Morto e ressuscitado. Vivo pelos séculos sem fim. Prometendo a ressurreição e a vida para além de todos os abandonos. Imortalizando os que expirassem sobre a Cruz da injustiça dos cesares em nome da verdade humana.

Permanecendo, fiel, fraterno, quando a incompreensão fechasse os lábios dos deuses coroados de pâmpanos e mirtos, de rosas e de ramos de hera. Porque "só a dor inspira o amor e a piedade".

Ele tinha sofrido. Ele seria o Deus do Homem.

Uma lágrima rolou dos olhos puríssimos. Apagou a estrela. O lírio fechou-se para guardá-la. Um raio de sol envolveu o sepulcro. A ave ergueu o vôo e cantou no jardim: "ALELUIA! RESURREXIT!"

RESURREXIT

Por SARAH MARQUES
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

SOLDADOS DE CRISTO

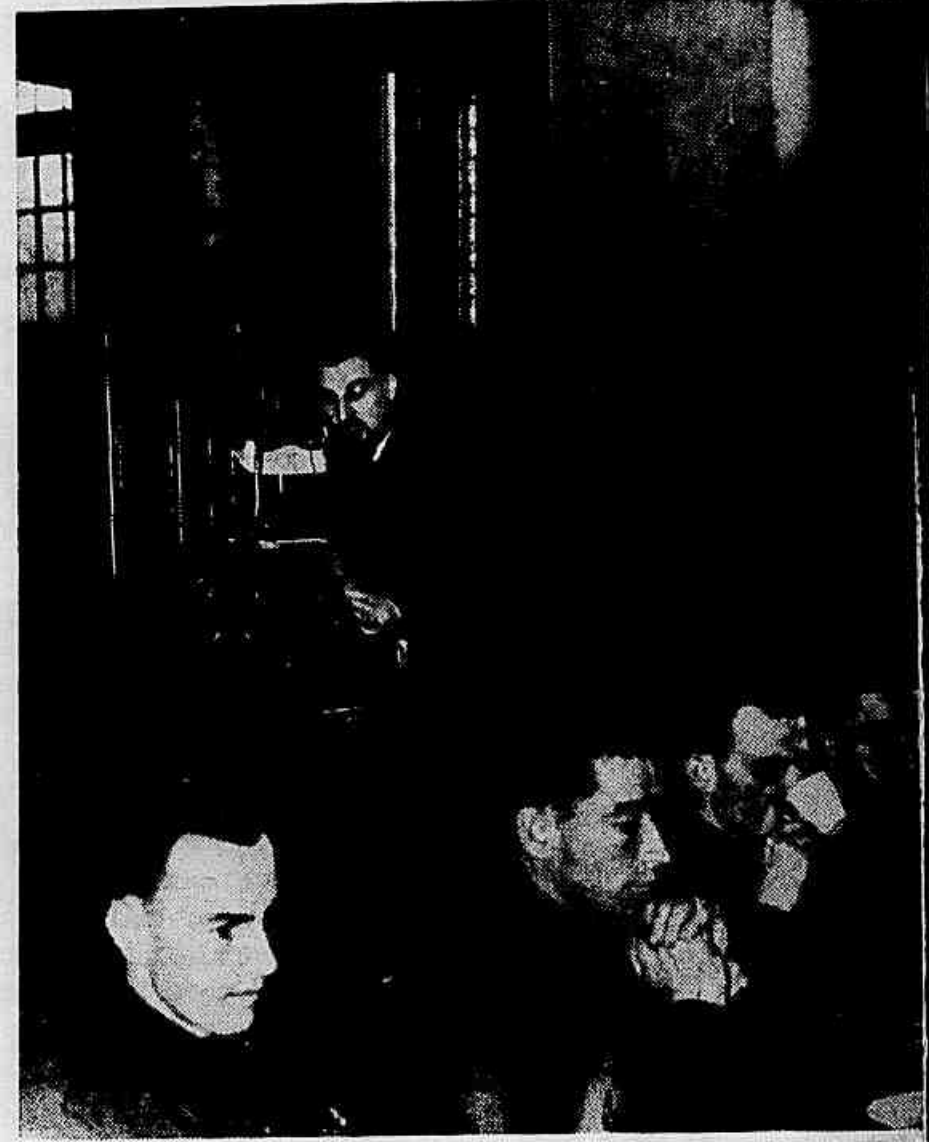
ONDE SE ENCONTRAREM GUERREIROS DAS NAÇÕES UNIDAS, AI ESTARÁ SEMPRE A ASSISTENCIA RELIGIOSA :: E O CORPO AUXILIAR FEMININO DOS EE. UU. ASSOCIA-SE AS CELEBRAÇÕES MISTICAS



DE JOELHO EM TERRA, ANTES DE INICIAR AS OBRIGAÇÕES MILITARES DO DIA, O SOLDADO INGLÊS VAI RENDER SEU CULTO À VIRGEM, A QUEM PEDE QUE O ILUMINE E LHE DÊ SUAS GRAÇAS. AS ORAÇÕES DA MANHÃ SÃO SAGRADAS E NADA NEM NINGUEM O PODE ARREDAR DESSE DEVER RELIGIOSO.



ELES VÃO PARTIR DENTRO DE POUCOS INSTANTES. ESTÃO PRONTOS PARA O QUE DE'R E VIE'R, SENDO PROVAVEL QUE ALGUNS NÃO REGRESSEM POIS A GUERRA TEM DESSES IMPREVISTOS. MAS, ANTES DO EMBARQUE, ESCUTAM ALGUMAS PALAVRAS DE FÉ E ENCORAJAMENTO., QUE O SACERDOTE LHE DIZ.



A PRIMEIRA REFEIÇÃO FAZ-SE SOB COMPLETO SILENCIO, OUVINDO-SE APENAS O PREGADOR. ESTE DEDICA ALGUNS MINUTOS À LEITURA DA VIDA DE SANTOS E EM SEGUIDA COMENTA AS PASSAGENS MAIS APROPRIADAS PARA AQUELE INSTANTE. OS SOLDADOS SÃO CANADENSES E ESTÃO ATENTOS.

Os soldados das Nações Unidas defendem a Cruz de Cristo e, porque essa verdade é incontestável, onde quer que eles se encontrem, aí também vão ter os legítimos representantes do Catolicismo. Na Grã-Bretanha, são frequentes os retiros religiosos destinados exclusivamente aos membros das Forças Armadas. No Seminário Católico de Campien House, situado no bairro de Isleworth, nos arredores de Londres, cerca de mil

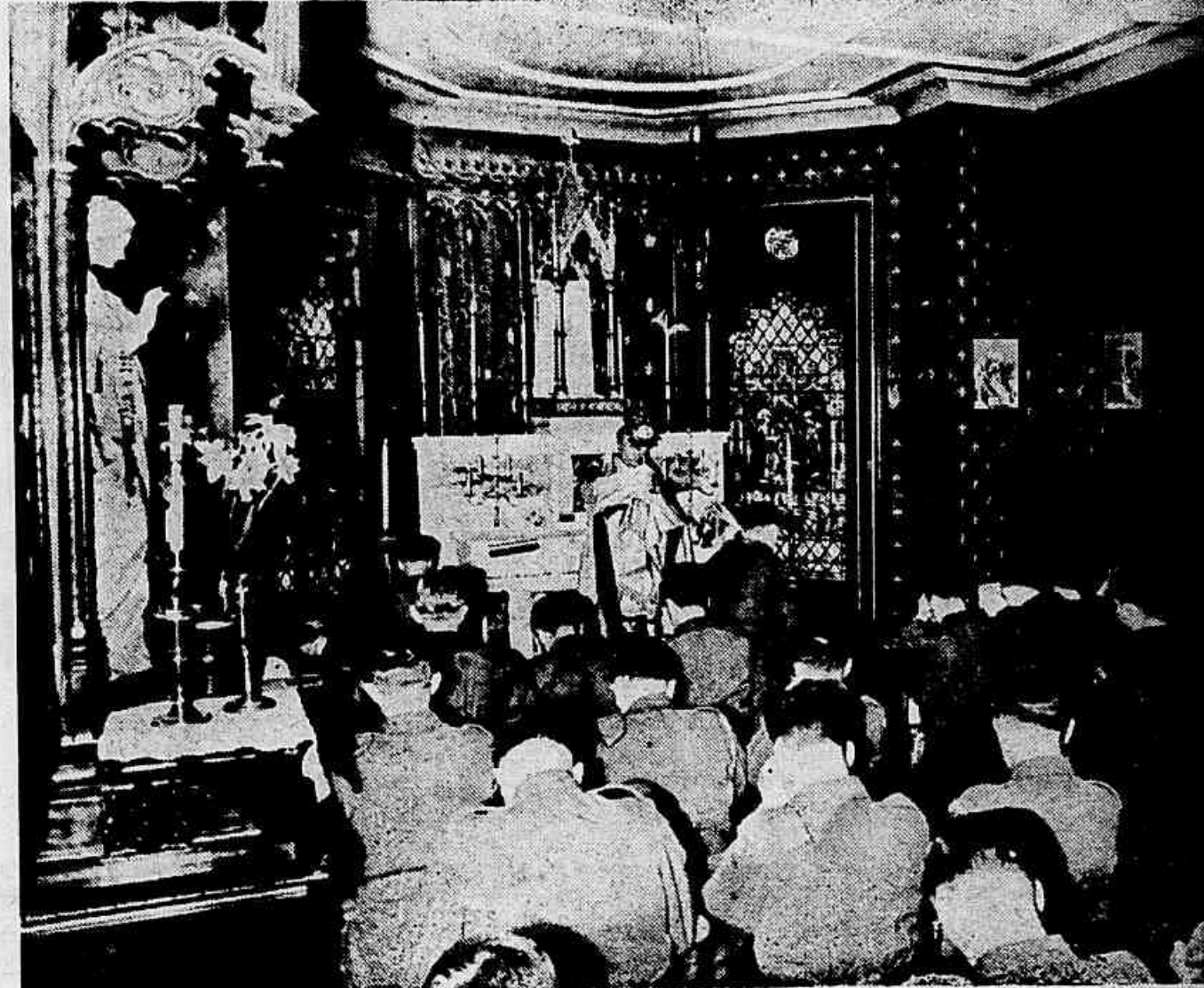
soldados do Imperio Britânico procuram mensalmente a paz espiritual perto de Deus, vivendo ali alguns dias dedicados à prece e à meditação. Na tranquilidade de um colégio religioso, sacerdotes orientam os pensamentos dos soldados para os ideais cristãos. Chegam constantemente a Campion House novos grupos de soldados que ali buscam o socorro de espírito que só a religião pode proporcionar. Mas em todos os campos de batalha,

em qualquer parte onde tropas se encontrem, os missionários tem trabalho. As gravuras desta página mostram-nos detalhes a respeito.

Agora que se aproxima uma vez mais, de nós todos, a fase litúrgica por excelência, quando a Semana Santa vem de ter cumpridos todos os seus rituais, ainda mais

MEMBROS DO CORPO FEMININO DO EXERCITO "YANKEE" ASSISTEM À MISSA, A BORDO DO VAPOR QUE AS TRANSPORTA PARA REGIÕES AFRICANAS. ELAS VÃO PRESTAR ASSISTENCIA AOS SOLDADOS DE CRISTO QUE LA' ESTÃO SACRIFICANDO A VIDA PELA SALVAÇÃO DA MÃE PATRIA.

NESTE MOMENTO, O CORAÇÃO DESSES RAPAZES ELEVA-SE A CRISTO. CONCENTRAM-SE E CERRAM OS OLHOS. CURVAM-SE AS CABEÇAS. É O MINUTO CULMINANTE E MILAGROSO DA SANTA MISSA. ELES SABEM QUE AMANHÃ OU DEPOIS PODEM NÃO A OUVIR MAIS, SACRIFICADOS PELA GUERRA...





MESMO NO CAMPO DE BATALHA PRÁTICA-SE A RELIGIÃO. ESSES SOLDADOS CANADENSES APROVEITAM AS TREGUAS DA LINHA DE FOGO PARA IMPROVISAR UMA PROCISSÃO A' QUAL JUNTA-SE A GENTE DO LUGAR ONDE COMBATEM. ELES SÃO OS VERDADEIROS SOLDADOS DE CRISTO E DISSO NÃO SE ESQUECEM NUNCA.

piadosos e concentrados, si possível, em mercê das horas cruciantes por que passa o Mundo, é interessante apreciar o respeito com que os soldados em guerra se voltam para a Cruz e para os assuntos místicos. Quando a vida se expõe e todos os perigos nos ameaçam, é quando justamente mais e melhor se necessita de amparo espiritual. O soldado sabe que acordou nesse dia, sabe que está fazendo a sua primeira refeição, sabe que terá de pegar no fuzil daí a instantes para dar conta dos seus deveres de guerreiro, mas não sabe nunca si voltará a adormecer na noite que virá mais logo. Ele precisa ter sempre os olhos voltados para o Alem, contando com todas as possibilidades. E mesmo quando lhe sorri a vitória, na pelêja em que participa, ele tem que agradecer a Deus o ter-lhe favorecido a sorte. Os ingleses e os norte-americanos, bem como os militares de todos os países unidos, rezam e concentram-se piedosamente. E as mulheres, que também prestam serviços de assistência moral às tropas, ainda os auxiliam nessa missão.

♦ E a proposito das mulheres:

Sessenta mil mulheres norte-americanas servem atualmente no exercito e são comandadas por uma coronel bela e simpática de apenas 38 anos de idade. E a atraente coronel Oveta Culp Hobby declara em um artigo para uma revista de guerra "A origem das WAACS repousa na necessidade militar, não há outra razão para a sua existencia. Não tem outra finalidade além dessa". Atualmente não segredo para ninguém que o "Corpo Auxiliar Feminino do Exercito" (Women's Army Auxiliary Corps) é uma organização exclusivamente militar.

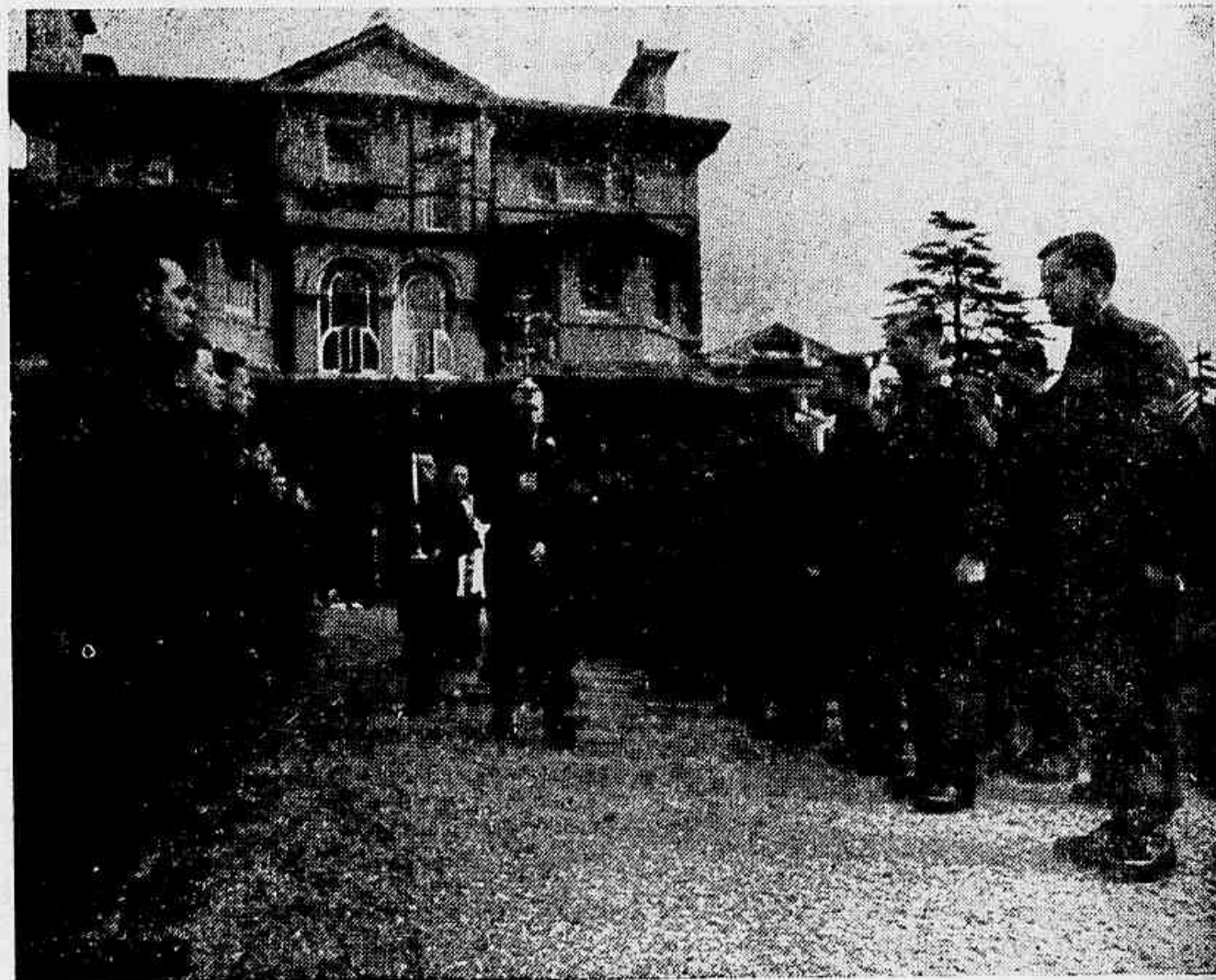
(Continua na pag. 49)

AGORA E' O MOMENTO DE DISTRAIR O ESPIRITO. UNS LÊEM, OUTROS ESCUTAM VITROLA E TERCEIROS DISCUTEM UM PONTO QUALQUER DE LITERATURA. ESSES QUATRO SOLDADOS ERAM SEMINARISTAS E TROCARAM A BATINA PELO UNIFORME MILITAR. QUANDO VOLTAREM RECOMEÇARÃO OS ESTUDOS SACROS.



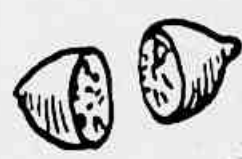
TAMBEM OS SOLDADOS AMERICANOS RENDEM CULTO A CRISTO. MAIS DE VINTE MIL PESSOAS FIZERAM A PEREGRINAÇÃO ANUAL A' ESTATUA DE CRISTO REI, NO ALTO DO MONTE CRISTO REI, EM EL PASO, TEXAS. E OS SOLDADOS OCUPAVAM A MAIORIA. AI' OS VEMOS, OUVINDO A PRELEÇÃO DE UM SACERDOTE.

FESTAS DA PASCOA CELEBRADAS LONGE DO RINCÃO PATRIO, ONDE AS TROPAS CANADENSES ESTÃO TREINANDO PARA A LUTA. PILOTOS DESTEMIDOS PERFILAM-SE A PASSAGEM DE CRISTO, REI DOS REIS E DOS HOMENS DE BOA VONTADE. HORAS DEPOIS, ELES ESTARÃO LONGE DALI'...





"Meu Limão, meu Limoeiro..."

 Você póde não ter um limão, mas em qualquer lugar encontrará...

Soda
Limonada Especial



ANTARCTICA



No calor não há nada melhor

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 8-4-1944 --- N. 15

sumário:

LITERATURA:

Ressurrexit (SARAH MARQUES).....	Pg. 3
Livros Novos	10
A Literatura e a Elegância Feminina	12
O Caso do Marido Precursorado (MARTIN FISKE)	15
O Macaco Azul (ALUIZIO AZEVEDO)	39
Ilusão Perdida (MARIE CLAIRE)	33
Coisas Não Ditas (ESCRAGNOLIE DORIA)	42

REPORTAGENS:

Por que se candidatou à Academia? (Entrevista com TASSO DA SILVEIRA)	8
O Corpo Expedicionário em Desfile	20
A Ação Social da Mulher Brasileira	22
Humberto de Campos, escritor de alem-tumulo	25
Figuras e Fatos	32
Aconteceu no Rio	29

FOTOGRAFICAS:

Solidões de Cristo	40
A Vida Sedentária é um Mal	46
Joquei Club	44

CINEMA:

Centre de Hollywood	16
Um Novo Robert Taylor	35

FEMININAS:

Modelos de Alina	18
Saber Vestir — e outros assuntos a partir da pg.	36

AVULSAS:

A Guerra em Marcha	19
O Velho Inferno ainda é o melhor	30

CARICATURAS:

De Bom Humor	30
"Charge" de Raul	58



SEMANA dedicada à liturgia católica, esta que atravessamos cabe, por excelência, à Cristandade. Uma vez mais, na hora dramática por que atravessa o mundo, comemora-se o supremo sacrifício d'Aquêle que pelo Homem baixou a' terra. Jamais o exemplo da divindade tanto careceu de se pôr à prova, e jamais a Humanidade precisou tanto de volver os olhos e o pensamento a's alturas, onde não pairam as mesélas aqui de baixo. Também a REVISTA DA SEMANA se associa ao espirito religioso destes sete dias, fiél a's suas tradições de quasi meio-século e traduzindo os anseios e as crenças da nossa população. Nossa capa é, assim, uma homenagem a' Semana



Santa que agora termina, com a apoteose da Aleluia e da Páscoa — Páscoa e Aleluia que nós desejamos sejam contagiadas a todos os corações brasileiros, pulsando pelo advento de melhores dias. Que o exemplo da bondade divina faça espargir bons pensamentos e nobres idéias a'queles que hoje dirigem os destinos das grandes Nações, e que o Brasil tenha a compensação de todos os sacrifícios a que agora se expõe, por um dever de civismo, de respeito aos seus preceitos de país emancipado e livre, empenhado numa guerra para a qual não contribuiu e para onde a chamaram os algezes inimigos de outros rincões. Aguardemos, em 45, uma Semana Santa mais alegre, pois a verdadeira Aleluia da redenção há de vir, e a Páscoa de todos os corações hoje alanceados, e então libertos de maiores apreensões, será festejada pelo Homem depois de ter expulso da face da terra o ultimo inimigo da Civilização.

Diga isto

a

seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estomago, a lingua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, palpitações, nervosismo, falta de ar, sufocação, opressão no peito ou no coração, certas doenças da pele, queda dos cabelos, mal estar depois de comer, dores no corpo ou nas articulações, preguiça e moleza geral, dores, colicas e outras perturbações do ventre, do figado e baço, muita sede e quentura na garganta, ansias e vontade de vomitar, prisão de ventre, mau halito, indigestão, arrotos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substancias infectadas e fermentações toxicas no estomago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata todos estes sofrimentos porque faz muito bem ao sangue, figado e baço, tonifica as camadas musculares do estomago e intestinos, e os limpa das substancias infectadas e fermentações toxicas, que tão grande mal causam aos nervos, ao cerebro, ao coração, rins e a todos os órgãos do corpo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

alguns vidros de **Ventre-Livre**

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"O SONHO DA ACADEMIA É INEVITÁVEL EM TODO O HOMEM DE LETRAS DO BRASIL", DECLARA TASSO DA SILVEIRA — AS ANTIGAS E AS MODERNAS DIRETRIZES DA CASA DE MACHADO DE ASSIS — SOBRE O ROCHEDO DA ORDEM, ALÇOU A BANDEIRA DA AVENTURA — AS TRÊS CORRENTES DO MOVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO — TASSO, O TEORISTA DOS TOTALISTAS — VIDA LITERÁRIA NO BRASIL? UM POUCO AMORFA — ARTE E GANHA-PÃO — O POETA NA INTIMIDADE, E O SEU CADERNO DE RECORTES — OUTRAS NOTAS

Entre os escritores brasileiros modernos, Tasso da Silveira é um dos que possuem vida literária mais intensa.

Professor, poeta e crítico, deixa em todas as tarefas a marca inconfundível da sua personalidade forte e bem definida.

Costuma ver o mundo e a vida não de fora para dentro, deixando-se impressionar pelo que observa, mas de dentro para fora, transmitindo um pouco da sua vida interior às coisas que analisa. É isto só é possível àquelas que têm realmente uma personalidade. Aliás, esta é característica fundamental da sua obra. Os versos de Tasso traduzem bem claramente esta capacidade de introspecção tão rara mesmo nos escritores de elite. Não diríamos que ele seja modernista nem o filarmônico a nenhuma escola pela simples razão de que sua arte não pode ser rotulada. Ele é apenas Tasso da Silveira. E isto não é pouco.

Nasceu Tasso da Silveira em Curitiba, capital do Paraná, em 1895. É filho de Silveira Netto, o poeta de "Luz de inverno", que Silvio Romero e Nestor Vitor colocam ao lado de Cruz e Souza, na primeira planta do movimento simbolista brasileiro. Fêz o curso de primeiras letras em Curitiba, Curitiba e Vila Militar do Iguaçu, no extremo oeste do Paraná. O de preparatórios em Curitiba e Rio. O de Direito no Rio e Curitiba. Este nominalismo era-lhe imposto pelas viagens frequentes em que acompanhava seu pai, funcionário da Fazenda, constantemente enviado em missões delicadas.

1920 marcou na vida de Tasso dois acontecimentos de suma importância, talvez decisivos na sua vida particular e de escritor: nesse ano ele se casa e se converte ao catolicismo. Até então fora ateu impetuoso. Do casamento vieram-lhe sete filhos.

Professou em diversas faculdades e colégios, ocupando-se principalmente da filosofia e literatura, escritor, colaborando em alguns dos principais jornais da Capital, suas atividades são múltiplas e a sua capacidade de trabalho extraordinária.

Publicou até agora vinte e poucos livros: ensaios de filosofia e estética, prosa, romance, didática e poética. Tem perto de vinte livros a publicar: ainda ensaios de filosofia e estética, romance, poesia e teatro. São muitos os títulos e noções da sua carreira de homem de letras e intelectual. Pertence à Academia de Letras do Paraná, à Academia Amazeirense de Letras, à Academia de Letras do Instituto do Brasil.

É detentor do prêmio "Raul de Leoni" que lhe foi conferido pela Academia Paranaense de Letras pelo conjunto de sua obra, assim como do prêmio "Jackson de Figueiredo" que lhe foi atribuído pelo "Centro D. Vital".

Depois de Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luiz Edmundo, Silvio Julio e J. G. de Araujo Jorge, cabe a vez, hoje, ao escritor Tasso da Silveira, para nos falar da sua carreira literária e dos motivos que o fizeram candidatar-se a uma das três vagas da Academia.

No próximo número: PORTO DA SILVEIRA.

Entre o que se escreveu sobre sua personalidade, destacam-se dois livros: "Itinerário Lógico de Tasso da Silveira, de Joaquim Ribeiro, e o de Adonis Filho: "Tasso da Silveira e o tema da Poesia Eterna".

Fervido apologistas da grandeza lusa, foi distinguido pelo governo de Portugal com a roseta de oficial da Ordem de Santiago e aclamado sócio de honra do Gabinete Português de Leitura.

Tem aqui o leitor, aflora algumas experiências que não vêm ao caso, a vida, a atividade e a obra do nosso entrevistado desta semana.

Era preciso que nos dissesse alguma coisa sobre a sua candidatura à Academia, razão da nossa entrevista.

— Você sempre sonhou com a Academia, Tasso?

— O sonho da Academia é inevitável em todo o homem de letras no Brasil. Para nós, esta é a consagração definitiva. Não podemos alimentar grandes esperanças de ressonância no estrangeiro. Não dispomos das prestigiosas correntes de opinião que, na Europa, nos Estados Unidos, mesmo na Argentina, consagram um escritor independentemente do "placet" oficial.

— De modo que, para você, ela foi sempre uma instituição simpática?

— Nunca fui hostil à Academia, embora tenha longamente trabalhado em divergência com suas antigas diretrizes.

— Tem havido então uma mudança de diretrizes, na Casa de Machado de Assis?

— Eu me referi a "antigas" pensando no tempo em que ela era exclusivamente dos Parnasianos e dos naturalistas. Mais tarde, ela se abriu a todos os ventos do espírito, acolhendo figuras expressivas do movimento renovador.

La' estão Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Casiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia. Sobre o rochedo da "ordem" alçou a bandeira da "aventura" como diria Guilherme de Torre. Integrou-se por esta forma no seu destino de exprimir totalmente o espírito.

— Acha então que "ordem" e "aventura" são dois polos necessários da arte?

— É minha velha doutrina exposta e defendida vinte ou vinte e cinco anos antes de Guilherme de Torre.

Como sabe, no chamado "Movimento Modernista Brasileiro", três correntes principais atuaram: dos Primitivistas, que pugnaram por um recomeço de tudo, a pretexto de que, no Brasil, até então, só fizemos literatura imitada; a dos objetivistas-dinâmicos, que pretendiam inquirir a literatura brasileira e o Brasil, "aterrando os pantanos com os índios para que sobre eles pudesse passar o trem de ferro". E, finalmente, a corrente totalista, que, partindo do que já havíamos feito, da nossa bela tradição de espírito e inteligência, saía em busca dos ritmos novos, dos temas inesperados, das atitudes que no fundo do nosso ser ansiavam pela realização. Coube-me, por meio do influxo de circunstâncias ocasionais, ser o teorista dos totalistas. Publiquei meus artigos em Festa e depois os reproduzi em volume: "Definição do Modernismo Brasileiro". Nesses artigos proclamava justamente a necessidade de integrar a aventura na ordem, ou a ordem na aventura, como hoje faz Guilherme de Torre, como fazem entre nós todos os que são dotados de verdadeira vocação literária. Como esta' fazendo a Academia.

A obra de Tasso da Silveira é variadíssima. Quasi todos os setores da atividade literária são abrangidos. Destacamos o essencial: Ensaio de filosofia e crítica: Romain Rolland, Igreja Silenciosa, Alegria Criadora, Definição do Modernismo Brasileiro, Tendências do pensamento contemporâneo, Os caminhos do espírito, Gil Vicente e outros estudos portugueses, Ghandi.

Poemas: Fio d'água, A alma heroica dos homens, Alegrias do homem novo, As imagens acesas, Canto do Cristo do Corcovado, Discurso ao povo infiel, Descobrimento da vida e O canto absoluto.

Novelistas: "Só tu voltaste" "Romance" "Silêncio" novela.

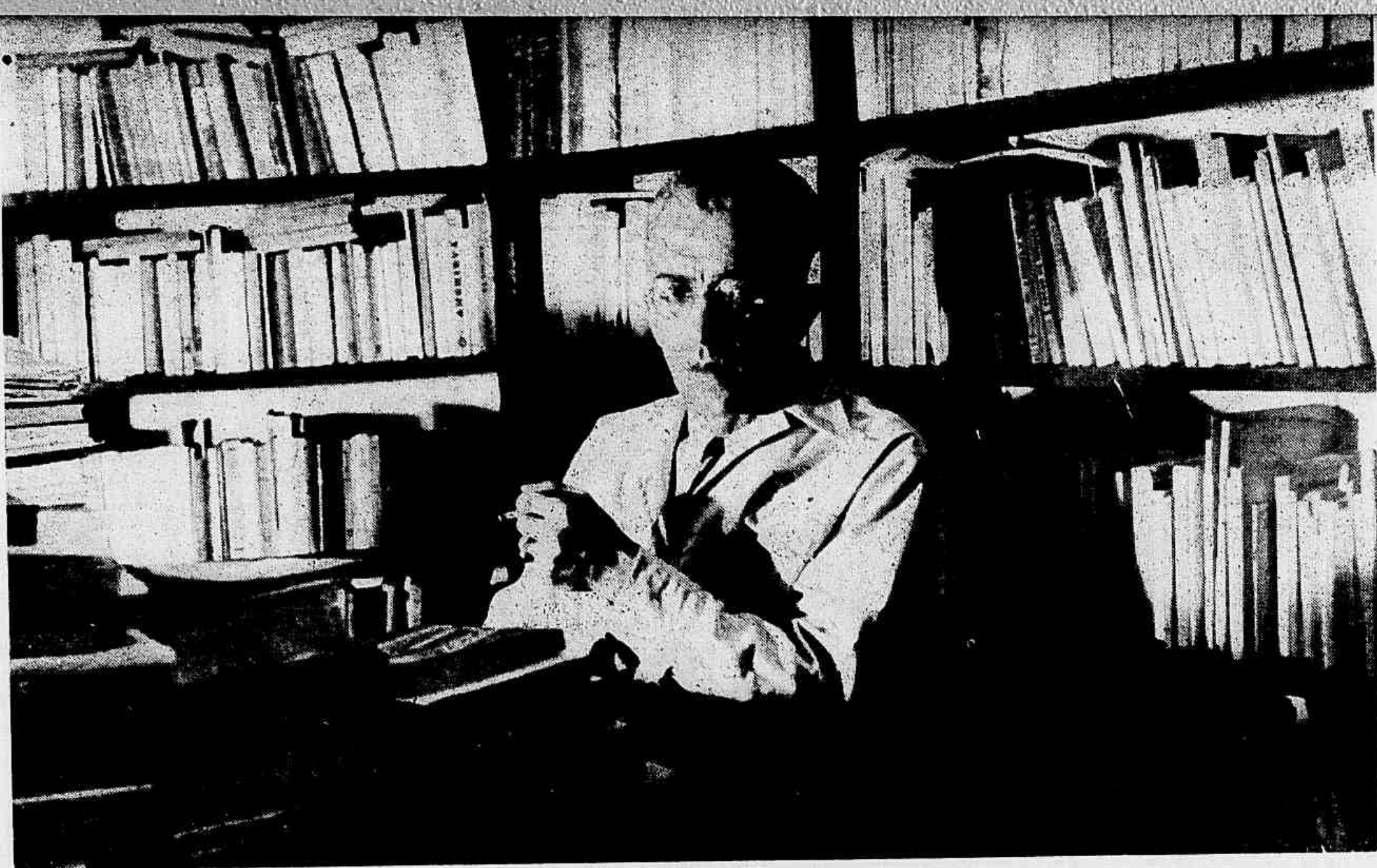
Traduções: "Uma nova idade média" de Berdiaeff; "Jesus, nosso irmão" de Karl Adam; "A essência do Catolicismo" de Karl Adam; "Pio XI" de M. Fontenelle; "Hitos à Igreja" de Gertrud von Le fort.

Diante da multiplicidade dos assuntos aborda-



TASSO DA SILVEIRA EM FAMÍLIA. É HORA DO JANTAR. A ESPOSA E OS FILHOS PREPARAM-SE PARA A REFEIÇÃO EM QUE TODOS SE REUNEM. TROCAM-SE IMPRESSÕES DE MAIS UM DIA DE TRABALHO. DISCUTEM-SE PEQUENOS ASSUNTOS CASEIROS, E PLANEJAM-SE NOVAS TAREFAS PARA AMANHÃ... NESSES INSTANTES O POETA DE "O CANTICO DO CRISTO DO CORCOVADO" CONVERTE-SE NO LEGÍTIMO CHEFE DE FAMÍLIA PATRIARCAL, CONSELHEIRO E ZELOSO PELO FUTURO DOS QUE LHE SÃO CAROS.

AGORA, NO GABINETE DE TRABALHO, TEMOS AQUI O OUTRO TASSO DA SILVEIRA, O INTELLECTUAL, O QUE SE ENTREGA ÀS SUAS OBRIGAÇÕES DE ESPÍRITO, NÃO RARO VARRANDO NOITES SEGUIDAS, NO ESTUDO DE UMA OBRA, NA ELABORAÇÃO DE UM POEMA... NINGUEM O PERTURBA. OS FILHOS, A ESPOSA SABEM QUE AQUELE LUGAR É SAGRADO E ALÍ SÓ SE ENTRA COM A DEVIDA PREPARAÇÃO ESPIRITUAL... FOI NESSE GABINETE QUE O CANDIDATO À ACADEMIA ATENDEU GENTILMENTE À "REVISTA".



dos, não pudemos reprimir a pergunta que nos veio aos lábios:

— Por que esta multiplicidade de gêneros, que dá idéia de uma dispersividade bôemia?

— Tive sempre uma ansia incercível de totalidade, ou de totalização.

E Tasso continua:

— Os gêneros literários são algo mais do que geralmente se pensa. Cada um deles tem uma aptidão especial a apreender certa face da realidade e do espírito. O romance nasceu da necessidade de exprimir, de realizar, "uma" apenas das faces do espírito e da realidade. O teatro, da necessidade de exprimir outra face diversa. A lirica, da necessidade de exprimir outra face diferentíssima. Assim por diante. E' summa tolce pretender transportar uma inspiração, um tema, de um gênero para outro. Em compensação, qualquer pessoa que pretenda totalizar, tem de exercer todos os gêneros. Este é, sempre foi o meu sentimento de literatura. Desde os meus primeiros escritos. Há os que se satisfazem apenas com o romance, ou só com o ensaio, ou só com a lirica, ou apenas com o teatro. Por mim, nunca pude conter-me nos limites de um gênero determinado.

"Porque a vida é multipla e diversa, é "inumeravel"..."

— E essa orientação eclética, pretende continuar a segui-la na sua obra em preparação? — perguntamos.

— Mas se este é o meu modo de encarar a literatura, é uma tese, uma diretriz na minha vida de escritor. Entre os meus livros inéditos, conto romances novos, livros de ensaio, duas peças de teatro, um poema dramático de assunto grego, etc. Como vê, a dispersividade continua, e só assim me sinto à vontade.

— Que pensa da vida literária no Brasil?

— Um pouco amorfa. Limitada por todos os lados. Pela indiferença do publico, pelos preconceitos, pelos partidarismos. Pelo terrível esforço do ganha-pão. Mas de minha parte, não obstante, estou satisfeito. De qualquer maneira o interesse literário é uma felicidade e uma alegria. Talvez a única alegria terrena duradoura, com a do amor. Depois, a critica foi, para mim, uma surpresa. A critica à minha obra ultrapassou, em generosidade, todos os meus desejos e preterções. Na minha adolescência, quando ardia de febre pelo primeiro artigo sério, não imaginei nem pelo mais breve instante, que se diriam de mim certas coisas que mais tarde foram ditas.

Parece que realmente, a critica tem para Tasso uma grande significação. Numa visível ebriciz, num encantamento quasi infantil — curioso e significativo num homem a beirar os 50 anos, a idade do desconsolo e do ceticismo, — mostrou-nos alguns dos numerosos livros de recortes de jornais, em que se contém a critica à sua obra. Escritores de renome, nacionais e estrangeiros, opinam sobre o entrevistado. São afirmações decisivas que nos ia apontando neste e naquele artigo. E' sempre interessante conhecer a opinião desses homens. Citaremos ao acaso algumas, entre as muitas que nos chamaram a atenção.

De Enrique Bustamante y Ballivian (Peru): "Poucos livros de América têm tão altas virtudes como sua "Igreja Silenciosa"..."

De Fidelino de Figueiredo: "... Um representativo índice das novas verdades morais que as gerações do Brasil querem trilhar..."

De René Arcos (Paris): "...E' ao nosso caro Romain Rolland que devo o ter conhecido o seu pensamento fraterno..."

De João Pinto da Silva: "...Admirável Igreja si-

lenciosa em cujas páginas se revelam nitidamente, invulgares aptidões para a alta critica literária e filosófica..."

De Cleomenes Campos: "Que sopro de poesia verdadeira na amplitude de mar de tua prosa!"

De Nestor Vitor: "Faça verso ou faça prosa, seu ser descanta com o timbre que têm as cordas de ouro, lembrando a frase de um Ruskin, sugerindo uma vida como que supra-terrestre, aquela que tantas vezes sugere o juvenescido Lamartine".

De Augusto de Lima: "...Seus ensaios, em que não raro se reflete a luz de um talento evidente..."

De Hermes-Fontes: "Ja' pelo titulo, o belo volume faz pensar em Goethe. E' um livro de serenidade e elevação..."

De Raul Machado: "Tudo nele, na sua literatura, é pensamento e esplendor... Tem-se a impressão de que uma nova ordem de coisas e uma forma nova de pensamento se instituiram no mundo..."

De Jackson de Figueiredo: "A mais séria, a mais heroica, a mais resistente das almas da geração a que pertenco..."

De Remigio Fernandes: "A poesia de Tasso da Silveira não tem rival na literatura brasileira. Inicia uma época..."

De Berilo Neves: "A ressonancia grandiloqua de sua dor e ao mesmo tempo a meiguice refinada de sua poética lembram-nos, às vezes, o grande Coppée..."

De Augusto Frederico Schmidt: "E' um S. Francisco de Assis moderno que, olhos cheios de lagrimas, vê pouco a pouco desaparecer da terra o místico encantamento das preces e da bondade...E' um grande poeta..."

De Menotti del Picchia: "...E' um grande artista de "Bibels", um miniaturista, um esmaltador de Camaféus. Tasso sopra na sua arte um pensamento mais alto e mais alto...Um grande poeta..."

De Tristão de Athayde: "O Canto do Cristo do Corcovado — um dos mais belos poemas de nossa lingua e de nossa alma..."

De Murilo Araújo: "Extraordinaria obra poética, cheia de forma e de essencia, integral e ao mesmo tempo leve e aérea, como acontece unicamente com a chama..."

De Agripino Grieco: "Puros e ardentes ritmos, reveladores de uma inspiração não comum e, acima de tudo, de plena posse de uma consciencia que olha a vida de cada criatura como um grave acontecimento na vida do planeta..."

De Jarbas Peixoto: "O poeta — poeta bem tagoreano — que vibra numa angustia ao espetáculo doloroso do sofrimento universal..."

De Pereira da Silva: "Admirável revelação de poeta interior..."

De João Ribeiro: "Inconsutil poesia..."

Eram pedaços de opiniões que iam sendo lidos, apontados pelo escritor. Homens de diversas nacionalida-

des, de países distantes opinavam sobre a personalidade e a obra do artista que estava ao nosso lado. Tínhamos a impressão de que, dos cadernos, se elevava um hino a Tasso da Silveira. Uma sensação de irrealidade ia tomando conta de nós.

Um cafésinho quente e forte trouxe-nos porém à vida. E como para confirmar essa realidade, as filhinhas de Tasso entraram na sala tagarelando. Um sorriso feliz espalhou-se na fisionomia do poeta. Poeta e ótimo chefe de familia. Olhamos ainda para o ca-



TASSO NUMA CARICATURA RECENTE.

dermo, procurando outras frases. Era impossível continuar.

Cada uma das que aí ficam foi tirada de longo artigo, escrito, em geral, no mesmo tom de principio a fim. Tasso da Silveira observa:

— Repare que não ha', sobre mim, artigos mais escritos...

Compreendemos a alusão sutil e...orgulhosa. Justificadamente orgulhosa.

E retiramo-nos indagando a nós próprios: Não sera' este realmente, um academico de amanhã?

MODELO 1944!



Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

Toda família gosta...



A FILHA



O PAI



OS FILHOS

QUE alimento de valor extraordinário! Não há, em nossa família, quem não tire proveito dos nutritivos elementos da deliciosa Quaker Oats. Alimento puro e integral, é de gosto agradável, econômico e de fácil preparo. Compre, ainda hoje, Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade
asseguram maior rendimento por lata

Livros

MONUMENTO A LOS HEROES DE DOURADOS (1864) y DE LA RETIRADA DE LA LAGUNA (1867). — Apartado de la Revista Militar e Naval — Coronel O. Vasquez Ledesma. — Montevideo — 1943.

CORONEL O. VASQUEZ LEDESMA

EL MONUMENTO
A LOS HEROES DE DOURADOS 1864
Y DE LA RETIRADA DE LA LAGUNA 1867

APARTADO DE LA REVISTA MILITAR E NAVAL

O coronel O. Vasquez Ledesma teve a gentileza de nos enviar o seu pequeno e bem apresentado opusculo sobre o monumento aos Heróis da Laguna e Dourados.

Estuda este militar do país irmão não apenas os detalhes do monumento como ainda nos apresenta um histórico sobre cada uma das situações que os originaram.

Temos assim, não apenas uma obra de caráter técnico mas também histórico.

O livro representa não só o entusiasmo que o monumento produziu no espírito do autor, quando aqui esteve integrando a "Misión Militar Cultural Uruguaya" presidida pelo general Júlio X. Roletti, que visitou o nosso país em 1939, como também um preito de gratidão que o autor quis prestar ao general Raymundo Barbosa.

Tendo expressado ao dito general a admiração que lhe despertara a obra, fez-lhe este presente de um exemplar de "A Retirada da Laguna", de Taunay. Como é do conhecimento geral, essa obra é considerada documento oficial. Prometeu-lhe então o autor que tornaria conhecidas de seus compatriotas estas páginas gloriosas da história mi-

litar do nosso país.

E' o que faz realmente no opusculo que recebemos, tendo portanto dado sua contribuição para tornar conhecido dos nossos irmãos do Prata um dos episódios mais brilhantes e comovedores da nossa História.

PERFIS DE EUCLYDES E OUTROS PERFIS — Gilberto Freyre. — Rio — 1944.

Os desenhos de Santa Rosa e Portinari concorrem para dar maior interesse ao livro de Gilberto Freyre. As obras do conhecido escritor são recebidas sempre com agrado. Não se trata evidentemente de uma obra do peso de *Casa Grande e Senzala*, mas Gilberto Freyre apresenta aqui um estilo mais leve e mais ameno. E' mais um livro de memórias, em que ha critica, sociologia e reminiscências pessoais. Além do perfil de Euclides, são ainda apresentados os de Oliveira Lima, Feliz Cavalcanti, Pedro II, Augusto dos Anjos, Farias Brito, Flípe de Oliveira, Manoel Bandeira, Estácio Coimbra, J. liio Belo e Nina Rodrigues. Com alguns desses, privou ou ainda mantém relações o autor, apresentando-os de modo interessante em que podemos sentir o observador agudo e o psicólogo, a par do escritor elegante.

Perfil de Euclides
e outros perfis

LIVRO JOSÉ OLYMPIO, Editora



podemos encontrar nesta obra do grande sociólogo e escritor.

Revela-se assim o autor um mestre na arte do retrato, faceta que ainda não nos havia apresentado nas suas outras obras. Apesar de não se tratar de um trabalho de erudição no sentido dos que nos foram apresentados anteriormente pelo autor, sente-se entretanto, em todas as páginas, e em particular no forte estudo sobre Euclides da Cunha, que abre o volume, o erudito de *Casa Grande e Senzala*.

Esta erudição não perturba, porém, a amenidade do estilo. As citações são feitas sempre de modo discreto, justificando-se plenamente, e não como uma demonstração descabida de conhecimento.

Gilberto Freyre estuda as relações do biografado com o meio, de modo magistral, mostrando as influencias deste sobre o escritor ou o artista.

Concisão, elegancia, segurança são qualidades de estilo que

O "tal" que não usa LIFEBOUY



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL!"

LINTAS LHS 74-0354B

INDIANA — George Sand. — Romance.

Para aceitarmos esse romance de George Sand, que, como todos sabem, é o pseudônimo da escritora francesa Lucilia Aurora Dupin. E' necessario antes de mais nada que nos lembremos ter sido o livro escrito no século XIX, vi do impregnado de todos os defeitos que a literatura daquela época parece apresentar aos olhos do século XX. O agitado e materialista. Diríamos mais propriamente desajustamentos, pois não podemos chamar defeitos às tendências e modos de encarar a vida de uma época determinada em face da critica atual.

George Sand nasceu em 1804 e morreu em 1876. Indiana é praticamente o primeiro romance da autora pois anteriormente só escrevera a novela *Rose et Blanche* em colaboração com Jules Sandeau. Como tal deve resentir-se não apenas da influencia do sentimentalismo da época em que viveu, como também do próprio temperamento arrebatado e sentimental ao extremo.

Nos livros da fase mais equilibrada da sua vida, consegue a autora redimir-se desse pecado, se assim podemos chamar seu sentimentalismo, expressão de uma natureza exageradamente romantica mas sincera.

Entretanto, como pintora dos costumes e da sociedade do seu tempo, George Sand, se bem que não se iguale aos verdadeiros gênios nesse genero que a França nos apresenta, consegue bastante realismo.

Muitas das figuras do seu livro são uma critica à sua época, ao mundanismo, à hipocrisia e aos vícios peculiares a uma sociedade decadente.

Pretendendo fazer "obra de poesia tanto quanto de análise", a principal característica dos romances de George Sand é o lirismo.

INDIANA

GEORGE SAND



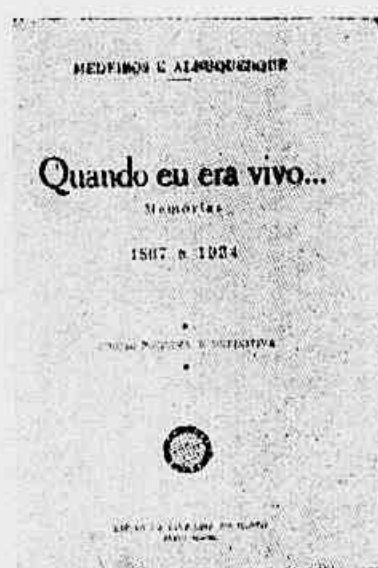
Nova

A autora apresenta-nos em seus livros uma idealização da vida. Seus personagens não são de modo algum destituídos de certa naturalidade. E' que podemos notar sempre uma grande sinceridade da autora.

Ela escreve com paixão, por vezes exagerada. Há neste livro muito de auto-biografia. O próprio caso conjugal de George Sand é retratado no drama da heroína, presa por um casamento infeliz a um homem rude que não a compreendia. *Indiana* tem muito da autora e os sonhos de uma coincidem com os anseios da outra.

A tradução de Almir de Andrade é boa. Não alterou o modo de dizer da autora, nem procurou atenuar, como aliás, explica no prefácio, os exageros de linguagem característicos da época, de modo a não tirar ao livro o seu verdadeiro sentido.

QUANDO EU ERA VIVO (Memórias — edição póstuma e definitiva) — Medeiros e Albuquerque — Rio.



Depois de percorrer as 336 páginas desta nova edição das *Memórias* de Medeiros e Albuquerque, um pensamento nos assalta o espírito: Teria sido acertada a sua divulgação? Mesmo desobedecendo às instruções baixadas, em vida, pelo saudoso jornalista e escritor, em benefício do conceito que ele na terra soube conquistar, não seria preferível deixar em silêncio a "edição póstuma e definitiva?"

As opiniões devem dividir-se, naturalmente, existindo quem apróve o cumprimento da última vontade literária de Medeiros. Mas a verdade manda reconhecer que alguns capítulos resultam por demais realistas e pouco favoráveis à recordação de quem, em vida, primou pela maior elegância de atitudes na sua função de literato. E' certo que o livro tem o seu valor documentário, que se apresenta de modo a constituir um infalível sucesso de livreria, que a evocação de muitas passagens históricas está agora mais vinculada e justa, mas acertados andaram os amigos do autor quando lhe ponderaram o inconveniente de algumas de suas passagens e principalmente do seu último capítulo, que lhe aconselharam a suprimir. Medeiros não concordou, achando que isso "seria profundamente injusto e estúpido". E afinal, ele mesmo termina, "Talvez daqui a dez anos já ninguém se lembre mais de que eu existi. *Les morts vont vite*..." Enganou-se ainda nesse particular. Ao menos em relação à sua personalidade, tão marcante e tão ligada a grandes momentos da vida nacional, ele não foi esquecido. Registe-se, de qualquer modo, o aparecimento das suas memórias com os capítulos suprimidos na edição anterior.

A VIDA DE JOAQUIM NABUCO — Carolina Nabuco — Rio, 1943.

A personalidade de Joaquim Nabuco tem sido frequentemente estudada à luz meridiana de opiniões e conceitos os mais desencontrados, mas todos acabam reconhecendo que o ilustre brasileiro serviu com amor e lealdade a nossa terra, tanto em tempos do Imperio como depois na Republica. Homem acima das paixões, das demagogias e do sentido vulgar e terra-a-terra da política, Nabuco foi mais o pregador do Brasil tem fronteiras, que o paladino desta ou daquela campanha local.

O trabalho substancioso, honesto e valioso a que se entregou sua filha, a escritora Carolina Nabuco, dando-nos os dois tomos desta obra, deve ser reconhecido por nós todos. *A Vida de Joaquim Nabuco* tem agora a sua terceira edição aparecida, si possível mais oportuna e interessante que as anteriores, porque divulgada quando mais se faz mister ensinar às gerações moças o exemplo de homens daquela fibra. E nem por ser o fruto de pessoa do mesmo sangue, filha amantíssima do grande estadista, seu livro perde o equilíbrio da justeza de observações sempre apreciadas por um prisma elevado, até porque o próprio Nabuco havia recomendado a Carolina: "Não deves ter admiração por mim, muito menos do que pelos homens todos da história. Eu não figuro nela, e isso mostra que a tens bem pouco estudado". Evidentemente, as palavras de Joaquim Nabuco só em parte podiam ser levadas em conta pela filha, mas, em que pese a sua admiração filial, não lhe foi difícil em nenhum sentido reunir precioso elemento biográfico para, sem resvalar na lisonja, antes dentro de um angulo relativamente imparcial, retratar o verdadeiro Nabuco e legar aos vindouros este ensaio onde, a cada passo, a leitura é valorizada pelo estilo, pela forma de Carolina, de par com os extratos de correspondência íntima e do diário desse homem notável, "grande entre os maiores que tenhamos tido". As qualidades de escritora de Carolina aliam-se à habilidade poderosa de dar vida ao cenário em que se desenrolou a existência de Joaquim Nabuco, e vemos então homens e acontecimentos, reações políticas e situações sociais perpassarem ante nossos olhos no segundo plano dessa bonita obra. Espírito progressista na política, apaixonado até ao sacrifício pelas ideias democráticas que erguia, não foi menor a sua contribuição ao nosso desenvolvimento literário. Em Nabuco, o amor das letras, como foi muito justamente observado, não foi apenas um episódio. "Pécta, ensaísta, mesmo nas suas grandes obras da maturidade, ainda naquelas em que debatia os temas áridos do Direito Internacional revelou-se escritor elegante, sóbrio, de um estilo poderoso e cheio de recursos".

Sem dúvida, o merecimento desses dois volumes foi, anteriormente, reconhecido de público, mas não deve ser demais para tão proveitoso trabalho, a renovação de conceitos e afirmativas a que o mesmo faz jus.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



DÔRES /
de CABAÇA

TRANSPIROL

A literatura e a elegancia

Hoje falaremos da elegancia feminina ou, melhor, da faceirice das mulheres. E não pensem que o assunto, apesar de fútil, tenha sido desprezado pelos grandes escritores e poetas. Pelo contrário. Si querem um exemplo, citemos o de Medeiros e Albuquerque, autor de uma conferência interessantíssima sobre o assunto. Dessa palestra extrairíamos os trechos mais sugestivos e divertidos. Vejamos a prosa risonha e erudita do saudoso escritor. E as mulheres que nos perdõem se nem tudo fôr agradável para os melindres femininos...



Quando qualquer religião quer mostrar o seu valor, tem sempre duas preocupações: alegar a sua antiguidade e os seus mártires. Católicos e judeus, budistas e mormonistas, todos procuram prender-se a uma antiquíssima revelação e todos nos dizem que, si muita gente sacrificou a vida por certas crenças, elas provam como são dignas de respeito.

Ora, não há religião alguma tão antiga como a faceirice. Não há também nenhuma que tenha tido e continue a ter tantos mártires.

E' admirável que, quando se sabe de um artista que êle passou cinco ou dez anos a trabalhar em uma obra de arte, se professe por êle um grande respeito, e quando se sabe de uma mulher que passou a vida inteira a velar pela sua beleza, polindo-a, exaltando-a, conservando-a, religiosamente, o assunto faça antes sorrir.

A antiguidade da faceirice é atestada por este fato incontestável: o enfeite nasceu antes do vestuário. Tribus selvagens em que ninguém se vestia já se enfeitavam.

O vestuário primitivo não foi uma proteção ao corpo sobre o qual se colocaram depois os enfeites. Os enfeites é que degeneraram em vestuários.

O homem enfeitou-se primeiro, vestiu-se depois. O negro africano, mais rude, mais brutal, vivendo inteiramente despido, quando não pôde fazer outra coisa faz tatuagens no rosto: dá cortes em varias direções. Esses cortes, que nós d'antes ainda aqui víamos em negros e negras Minas, lhes parecem muito bonitos.

Questão de gesto. Mas questão de gesto, que demonstra como o desejo de enfeitar-se é antigo.

Na escala animal, conhecem-se varios seres, prin-

cipalmente entre as aves, que, em certa época do ano, se fazem naturalmente belos. E' a muda, a época do amor. A plumagem velha cai, transforma-se, torna-se bonita.

A especie humana, que não tem esse dom natural, precisa lançar mão de recursos artificiais. E, por isso, se pinta, de branco, com pó de arroz, de amarelo com o ocre, de preto, com a tinta de genipapo, põe brincos nas orelhas, ou argolas nas narinas ou rodela de osso nos lábios, como os Botocudos. Mas o interessante a notar nesse caso é a ansia incessante de modificar a forma do rosto ou do corpo, de atrair a atenção para certos pontos.

Um fato digno de nota é que nos povos primitivos são em geral os homens que mais se enfeitam. E o caso se explica. Eliseu Reclus escreve: "nessas sociedades violentas em que cada mulher achava um homem que a conquistasse, todas tinham certeza de se tornar esposas, enquanto o homem, muitas vezes suplantado por outros raptadores de mulheres, arriscava-se a ficar muito tempo sem companheira. Era-lhe necessario agradar e fazer-se desejar, custasse o que custasse. Do mesmo modo que o galo arvora uma crista vermelha e pintalga a cauda com penas multicores, o homem (lê male humain) procura tornar-se bonito por pinturas de ocre, de urucu', de genipapo, franjas e estofos brilhantes, azas de aguias, garras de animais, cabeleiras de inimigos vencidos, tatuagens e cicatrizes."

Mas a situação mudou. E como hoje, na nossa civilização, é a mulher que corre maior risco de passar uma existencia solitaria, é ela que mais se enfeita. E a verdade é que, passando do homem para a mulher, a faceirice tornou-se não só uma arte como o resumo de todas as artes. A faceirice feminina é pintura, é escultura, é literatura —... é tudo enfim.

Talvez a primeira arte a que a mulher tenha pedido seus recursos fosse a escultura. Não faltaram povos que procuraram modificar a forma das cabeças das crianças desde que elas nasciam.

Mas a pratica escultural mais interessante que se conhece era a de certos povos do Caucaso. Quando a mãe tinha uma menina, cozia-lhe aos pulsos e aos tornozelos pulseiras de um couro fortissimo. No momento em que isso se fazia, as pulseiras estavam folgadas. Mas elas não se tiravam mais. E, como eram de couro excelente, só vinham a cair quatro ou cinco anos depois. O resultado é que os braços e as pernas se desenvolviam, deixando, porém, os pulsos e os tor-

nozels muito finos. E era isso o que se procurava. A gente do Caucaso fazia essa obra de estatuaría na carne viva das crianças, delicada e eficazmente.

E' uma obra de estatuaría a que fazem as chinesas, deformando os pés para torná-los pequenos. Desde que a criança nasce, dobram-se-lhe os dedinhos para baixo da sola e amarram-se em compressas que são constantemente embebidas em alcool — alcool de sorgho. Impede-se, assim, o mais possível, o respectivo desenvolvimento.

Para nós, eles são horripáveis. Para os Chineses são lindos, são adoráveis. Pouco importa, porém, a nossa opinião. O que se deve atender é a esse formidável sacrificio de trazer os pés, de conserva em alcool, durante perto de vinte anos, só para que eles tenham uma certa forma. Obra de escultura.

Baudelaire, o grande poeta francês, filiava também a' escultura, de um modo estranho, o uso do pó de arroz: "Quem não vê, dizia êle, que o uso do pó de arroz tão estupidamente amaldiçoado pelos filosofos ingenuos, tem como fim e como resultado fazer desaparecer da cutis todas as manchas que a Natureza nela semecou, e crear uma unidade abstrata na granulação e na cor da pele. Essa unidade, como a que se obtém com o maillot, aproxima o ser humano das estatuas — das estatuas que são seres divinos e superiores."

E' um ponto de vista aceitavel. Mas a verdade é que o pó de arroz está no meio do caminho entre os recursos que a faceirice tomou a' escultura e a' pintura.

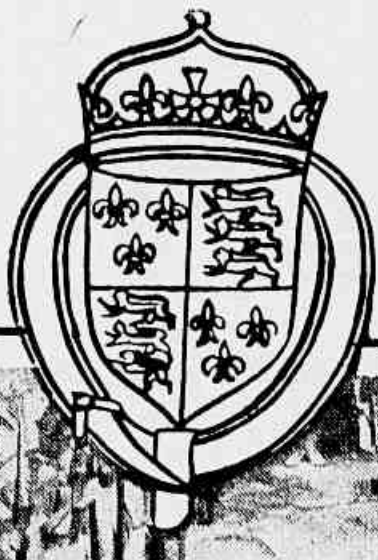
Ele teve sempre fieis, que não lhe abandonaram o culto nem na hora da morte. Durante a Revolução Francesa muitas fidalgas condenadas foram para a guilhotina rigorosamente cobertas de pó de arroz.

Mas, para imitar a alvura marmorea das estatuas, as mulheres, durante um tempo em que a palidez foi de grande moda, empregaram varios outros processos, muito mais cruéis: alimentavam-se mal e de cousas indigestas, faziam sangrias. Para ter as mãos muito brancas algumas chegaram a dormir com as mãos amarradas para cima! Era um meio de entrar a circulação e tornar, portanto, as mãos anemicas.

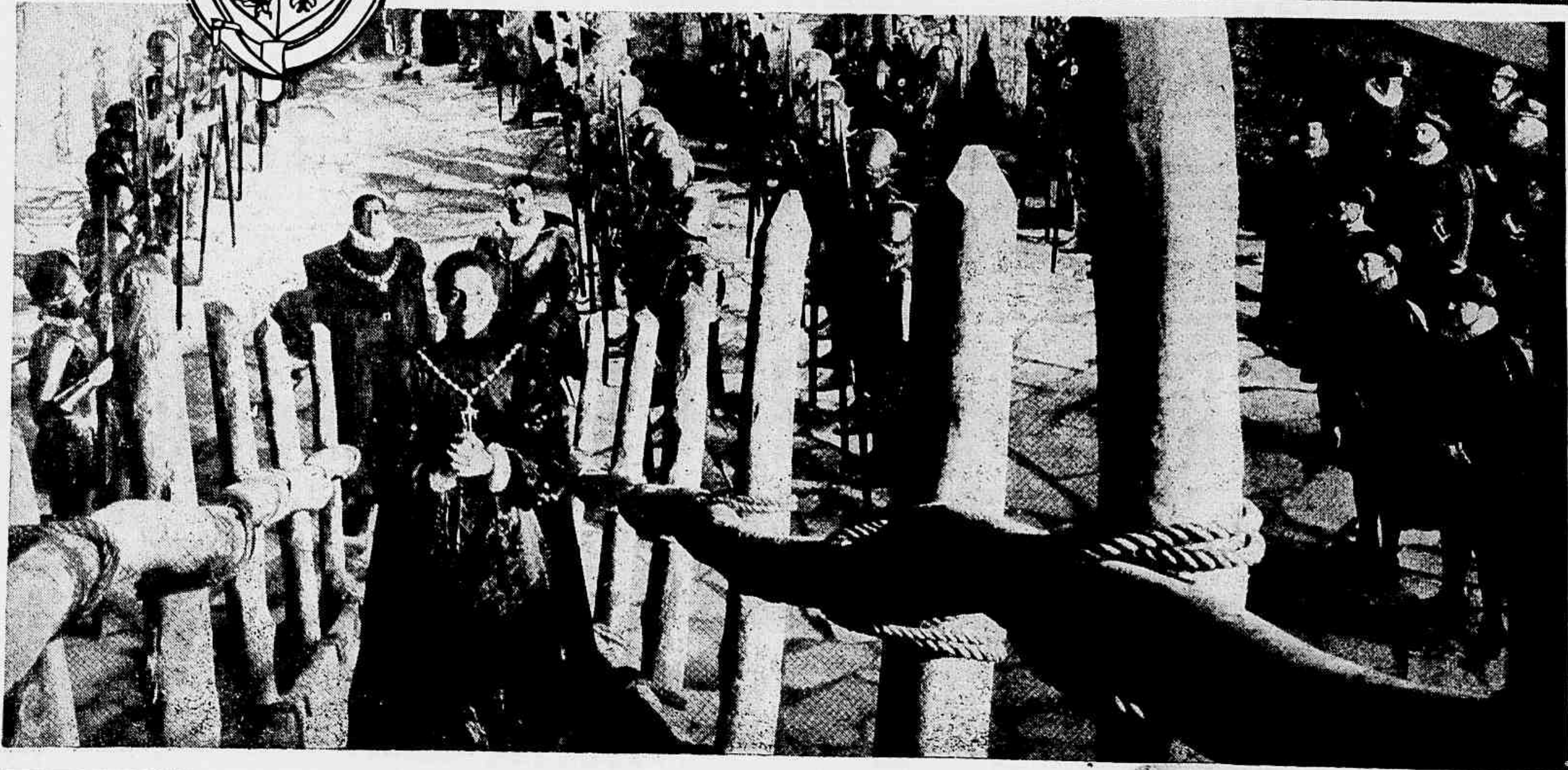
Os recursos que a faceirice pediu a' pintura são também evidentes. E sem ir a's épocas selvagens, ao urucu' e ao genipapo, basta lembrar a importancia do carmim.

Também contra êle os moralistas têm trovejado. Trovejado inutilmente. Ele só é mau, quando mal aplicado. Mas isso acontece a tudo.

Evidentemente, si uma pessoa de cor preta se empoeira de pó de arroz, branco, parece uma cozinheira que fugiu da cozinha muito suja ainda de cinza e; uma mocinha muito magra, si pinta as faces muito vivamente, dir-se-ia uma tuberculosa ardendo em febre. Isso não prova que o carmim bem aplicado, fazendo realçar belezas naturais, não seja legitimo. Grandes



Maria Stuart, ao que dizem as crônicas, era uma bela mulher. Veio, majestosa e serena, estendeu o pescoço e o carrasco pôde sem dificuldade cumprir o seu triste dever.



Feminina

OUTRA CRONICA DA BRILHANTE
SERIE BIBLIOTECA DO AR; PRO-
GRAMA LITERARIO QUE A RADIO
MAYRINK VEIGA TRANSMITE SEMA-
NALMENTE SOB A RESPONSABILI-
DADE DO ESCRITOR GENOLINO AMA-
DO. REPRODUÇÃO DEVIDAMENTE
AUTORIZADA.

homens, bem sérios, bem energicos, apreciaram-no e até o empregaram.

Napoleão I, que durante muito tempo usou do pó de arroz, achava o carmim tão necessario que, a uma senhora que se lhe apresentou sem ele, disse brutalmente: "Va' se pintar. Esta' como um cadaver".

Isso prova que era com o seu pleno assentimento que sua primeira mulher, Josephina, chegou a gastar, em um ano, 22.000 francos (ao cambio atual Cr. \$ 15.000.00. só em carmim!

Napoleão comparava uma mulher sem carmim a um cadaver, mas é bom não esquecer que no seculo 18 não se deixava um cadaver feminino de bom tom ir para a sepultura sem pintá-lo convenientemente.

E, si isso parece futil, póde dizer-se que o carmim tem, no seu ativo, feitos heróicos. Muitas vezes, os proprios homens condenados a' guilhotina pintavam-se de carmim. Havia, porém, aí um intento nobre. Eles receiavam que a palidez parecesse aos espectadores medo. E, como não desejavam ser tidos por medrosos, avermelhavam as faces. Era um protesto da intelligencia e do caracter contra as possiveis fraquezas do org-nismo.

A verdade, porém, é que nessa época o uso do carmim parecia tão natural que até uma doente de bôa aristocracia, preparando-se para receber o padre que lhe devia trazer a extrema-unção, pintava-se.

Conta-se, por exemplo, que foi isso o que fez uma celebre Duqueza de Fallery. Mandou chamar o padre, depois de convenientemente carminada e polvilhada de pó de arroz. Quando o sacerdote chegou, a criada anunciou a' porta do quarto:

— Senhora Duqueza, o bom Deus esta' aí. Póde entrar? Ele deseja a honra de vos ser ministrado.

Eram tempos ceremoniosos e polidos. A Duqueza concedeu ao bom Deus a honra de lhe ser ministrado e o bom Deus, em compensação, deixou-a certamente ir para o céu. Foi pelo menos o que lhe prometeu o padre, absolvendo-a dos seus pecados.

Vê-se bem, entretanto, que esse padre não pensava como S. Cipriano. S. Cipriano assegurou que as mulheres que se pintam vão para o inferno, "porque, diz ele, Deus não as poderá reconhecer." O argumento é forte demais, porque prova nas mulheres uma habilidade tão grande que chega a enganar o proprio Deus! E isso francamente eu não acho impossivel...

O argumento de S. Cipriano foi muitas vezes retomado, embora com certas modificações, por varios pregadores. Assim, por exemplo, um grande pregador, Berthold, dizia: "Pois que as mulheres querem esconder o rosto que Deus lhes deu — o bom Deus ha de lembrar-se das que se envergonharam com a obra que ele fez e atirara' no inferno todas as mulheres que se pintam".

Mas ja' outro padre célebre, o padre Du Bosc, escrevia no século 17, censurando o abuso das pinturas — o abuso e não o uso: "é preciso, entretanto, não proibir inteiramente o ornato e o estudo para os rostos, pois que de tempos a tempos cáiam-se as paredes e todas as manhas engraxam-se os sapatos..."

Este padre podia escolher comparações mais amáveis. Mas, com ana'temas truculentos ou com metáforas acomodaticias, chega-se sempre ao mesmo resultado: as mulheres fazem o que querem!

E' mesmo interessante vêr como neste capitulo da faceirice elas conseguem enganar os maiores santos. Não ha talvez disso um exemplo mais engraçado que o de uso do chapéu nas igrejas.

S. Paulo proibiu a's mulheres que entrassem nas igrejas sem ser cobertas. Era um desafio, não era um privilegio. Ele as achava indignas de aparecer diante de Deus, sem ser humildemente cobertas. Só os homens tinham o direito de fitar as imagens do Senhor, face a face, com a cabeça livre.

No correr dos tempos, isso porém se transformou de tal modo que as mulheres fizeram do seu estigma uma regalia. Elas entram audaciosamente nas igrejas, com os seus magnificos chapéus, e nós homens temos de entrar humildemente, com o chapéu na mão.

Si não se tratasse de um tão grande santo, eu diria que S. Paulo foi literalmente embrulhado... E por isso não me parece impossivel que, no fim de contas, não só, a despeito de S. Cipriano, as mulheres pintadas vão para o céu, como até — são bem capazes disto — não deixem lá' entrar as que não se pintam.

Infelizmente, pelo destino que me esta' assegurado, eu não poderei verificar esse fato...

Como o tempo da minha palestra deve ser breve, eu quero apenas vos lembrar três ou quatro fatos que provam como a faceirice sobrepuja até o instinto de conservação.

E' frequente que nos contem com admiração o caso de santos que, indo para o lugar em que deviam

ser sacrificados, não esqueciam até o ultimo momento de proclamar a sua religião.

Pois a faceirice tem nesse genero um numero infinito de exemplos anônimos e exemplos illustres.

Madame Fry, uma inglesa que visitava profissionalmente as prisões de Londres, conta a esse respeito um fato bem significativo.

Na Inglaterra, enforcam-se correntemente muitas mulheres criminosas. Não se faz como na França, onde em tempo de paz é regra que se comute para a de trabalhos forçados a pena de morte das mulheres.

Na Inglaterra a pena é cumprida. O sistema, porém, consiste no enforcamento. Mas a forca não tem a forma que nós conhecemos: um alto estrado, ao qual se sobe por uma escada e do qual fica o corpo pendurado.

Na Inglaterra a forca fica no interior da prisão. Leva-se o condenado até certo ponto. Amarram-se-lhe as mãos, passa-se a corda em torno do pescoço. E, de repente, a um sinal, no soalho da sala em que estão todos os assistentes, abre-se um alçapão debaixo dos pés do condenado e ele fica pendurado pelo pescoço.

Tudo isso se passa, aliás, diante de quatro pessoas: o diretor da prisão, o carrasco, o padre e um medico, que deve verificar o obito.

Nenhuma publicidade. O povo sabe apenas que se enforcou alguém em qualquer prisão de Londres, porque se içou uma bandeira preta. Pois bem, Madame Fry, que tem por missão ir prestar socorros religiosos a's condenadas, assegura que todas elas tem a preocupação do vestido com que serão enforcadas. Algumas mandam pedir a's famílias um vestio especial. E tudo isso para morrer — e para morrer diante de uma assistencia de quatro pessoas.

Anteriormente eu lhes falei das fidalgas que no tempo da Revolução Francesa se faziam empoar e pintar para ir a' guilhotina. Há um caso interessante desse genero na historia da Inglaterra. E' o caso de Maria Stuart.

Condenada a' morte, ela teve de ser decapitada.

Pode-se bem dizer que Maria Antonieta foi guilhotinada por causa desses penteados. Dá toda uma série de consequências que terminou pela sua prisão e consequente execução.

Os condenados a' decapitação ajoelhavam-se e deitavam a cabeça sobre o cêpo. O carrasco, com um golpe certo, cortava-lhes o pescoço.

Depois, mandava a lei, o carrasco devia apanhar a cabeça cortada pelos cabelos e mostra-la ao povo, para que visse bem que a sentença tinha sido cumprida.

Maria Stuart, ao que dizem as crônicas, era uma bela mulher. Veio, majestosa e serena, estendeu o pescoço e o carrasco pendeu sem dificuldade cumprir o seu triste dever. A cabeça rolou.

Quando, porém, o executor se abaixou para tomá-la e mostra-la ao povo, succedeu uma coisa ridicula e horrivel. Maria Stuart estava de cabeleira. A cabeleira ficou nas mãos do carrasco e a cabeça rolou por terra com um baque surdo. Foi preciso que o carrasco a tomasse com as duas mãos, apertando-a de um e outro lado, a' altura das orelhas e a apresentasse: era uma cabeça grotesca, porque Maria Stuart usava o cabelo cortado a' escovinha e esse mesmo estava já' grisalho.

Mas até a' morte ela não esquecera os requintes da faceirice, desde a correção da roupa até a cabeleira.

Ainda na historia da Inglaterra ha, porém, o fato mais espantoso de faceirice que se possa imaginar.

Catalina Howard, uma das mulheres de Henrique VIII foi condenada a' morte. Condenada com tanta justiça que ela mesma o reconheceu. Era uma mulher grande, forte, bonita. Tinha o andar grave, solene.

(Conclue no próximo número)



O JOCKEY CLUB MUNDANO



Reproduzimos nesta página alguns instantâneos fotográficos colhidos pelo nosso fotógrafo no Hipódromo da Gávea, durante a tarde turfística de domingo, que bem atestam a elegância que distinguiu este grande acontecimento esportivo e social.

O CASO DO MARIDO PREOCUPADO

(Novela de MARTIN FISKE,
traduzida especialmente para
a REVISTA DA SEMANA).

ENCONTRARAM o cadáver num bêco escuro, na Pequena Itália, centro da colônia italiana de Chicago. A polícia viu logo que se tratava de mais um assassinio dos muitos que espalhavam o desassocêgo na cidade. Quadrilhas de gangsters rivais exterminavam-se mutuamente sem que se descobrisse os autores dos crimes.

Todos os indícios conduziã à mesma dedução. Seis vezes atingido no pescoço por balas de revólver de grosso calibre, a vítima jazia num monte de lixo, meio coberta pela lama do bêco. Essas circunstâncias contribuíam para tornar mais forte a certeza de que não era trabalho de um só assassino, mas de um bando de assassinos. Na lama havia marcas de um pneumático que deslizara, ao ganhar velocidade o automóvel.

Os detectives George Shannon, Tip O'Neill e Frank Breitenburg ouviram o alarme. Estavam os três num carro-patrolha, a algumas centenas de metros de distância do local, quando o rádio anunciou que, por uma telefonada anônima, a polícia soubera da prática de um crime na Pequena Itália. Imediatamente o carro enveredou pelo labirinto de bêcos e ruas que o **chauffeur** tão bem conhecia, e minutos depois chegava ao bairro italiano e encontravam o cadáver.

Enquanto um deles foi telefonar para o Departamento de Homicídios, os outros fizeram uma investigação preliminar.

A vítima era um rapaz moço — uns vinte e cinco anos, no máximo. Aparentemente, italiano. O crime era recente, pois, apesar do vento frio e penetrante

que vinha do lago Michigan, não havia sinais de rigidez cadavérica. Suas roupas eram de operário — calças grossas, **sweater** e pesados sapatos de couro, mas nas mãos não havia vestígios de calos e as meias eram de pura seda. A camisa também não era de qualidade inferior, mas, pelo contrário, de fazenda finíssima.

Terminavam os detectives este exame, quando chegou o carro do Departamento de Homicídios. Nele vinha o capitão Thomas Harrison, que assumiu a direção das investigações. Brilharam, por instantes, as luzes das lâmpadas dos fotografos, enquanto um destacamento ia, de tocha em punho, dar um busca pelas redondezas, para tentar descobrir a arma.

Os bolsos da vítima foram revistados e, num deles, foi encontrado um cartão de seguro social que trazia o nome de Bernard Vittalo Jr.

Imediatamente tiraram as impressões digitais do jovem e remeteram-nas para serem conferidas no arquivo. Quando os detectives experimentados de Chicago encontraram um italiano morto num bêco escuro, mandam incontinenti as suas impressões digitais para o Departamento, porque, em regra, se trata de um novo caso de rivalidade de gangsters ou, pior, de traição, julgada e punida de maneira bárbara e sumária.

Hoje, a Pequena Itália não goza mais da fama dos seus áureos tempos. Na época da proibição, entretanto, era o centro das atividades fora da lei na cidade de Chicago. Extorsões e homicídios, mortes misteriosas, contrabandos, tôdas as espécies de crimes, enfim, eram cometidas naquele bairro mal afamado e frequentado.

Pequena Itália está situada nos fundos da elegantíssima avenida Lake Shore

— uma conveniência a mais para os gangsters, cujas fortunas permitiam vida de luxo, porque ficavam morando perto dos seus **escritórios**.

Alí morrera Bernard Vittalo. Quem era êle? Como e de que vivia? Quais eram os seus amigos e os seus inimigos? Por que fôra assassinado?



Removido o corpo para o necrotério, começou a investigação pelas vizinhanças do local do crime. Como sempre, "ninguém vira ou ouvira nada, ninguém sabia de nada". Nenhum morador daquele bairro se atreveria a informar a polícia porque estava bem certo da sua sorte si o fizesse. Do contrário, em noite escura, num bêco silencioso, êles também teriam o destino de Bernard.

— Non, signore. Noi não parliamo o inglese bene...

Mas, por qualquer motivo ignorado, os italianos de todo o quarteirão pareciam mais assustados do que de costume. A polícia já estava habituada a encarar aquelas fisionomias hostis, a ouvir as mesmas evasivas; porém nunca vira aquela estranha expressão de medo estampada no rosto das pessoas interrogadas.

Que nova quadrilha aparecera? Que chefe, até então desconhecido da polícia, conseguira semear o terror naquele povo já habituado a crimes e que não se impressionava por pouco? Há anos desaparecera a "Morte Negra". Pelo menos, tal era a opinião geral, confirmada pela inatividade do mais famoso dos bandos que tinham aparecido por aquelas paragens. Seria uma ressurreição da era do pavor? Voltaria aquele tempo, em que ninguém

ousava mais sair de casa depois das seis horas da tarde e a maioria dos moradores do bairro, trancadas as casas a sete chaves, empurrava tôda a mobília para defender a porta e, às vezes, era surpreendida por trás, morrendo muitos sem motivos? Estaria trabalhando, de novo, o grupo de dementes que matava pelo prazer de matar e que se deleitava com a notoriedade sinistra que grangeara? Não era possível, raciocinavam os detectives encarregados do caso. Entretanto a certeza que afetavam não era tão firme quanto parecia, e a atmosfera de expectativa e tensão aumentava rapidamente.

Essas conjecturas não impediram, porém, que a justiça seguisse o seu curso, e as investigações prosseguiram como si nada houvesse de extraordinário no caso da morte do jovem italiano, Bernard Vittalo.

Isso, por outro lado, não quer dizer facilidade de esclarecimentos e informações. É regra geral, na Pequena Itália, que o morador só confessa conhecer a vítima quando a polícia consegue prová-lo concludentemente. De outro modo ninguém oferece informações. A vida miserável e lorturada que levam transforma aqueles que não se tornam malfetores em covardes. E entre a ameaça de castigo da lei e a ameaça de castigo do bando contra o qual deponha, êles preferem, invariavelmente, a inimidade da lei, porque sabem que esta, por mais severa que seja, em comparação com os horrores que os gangsters praticam, ainda é benigna.

Desesperando de obter informações por êste lado, a polícia tentou seguir outro caminho. Foram ao catálogo de tele-

(Continua na pag. 32)





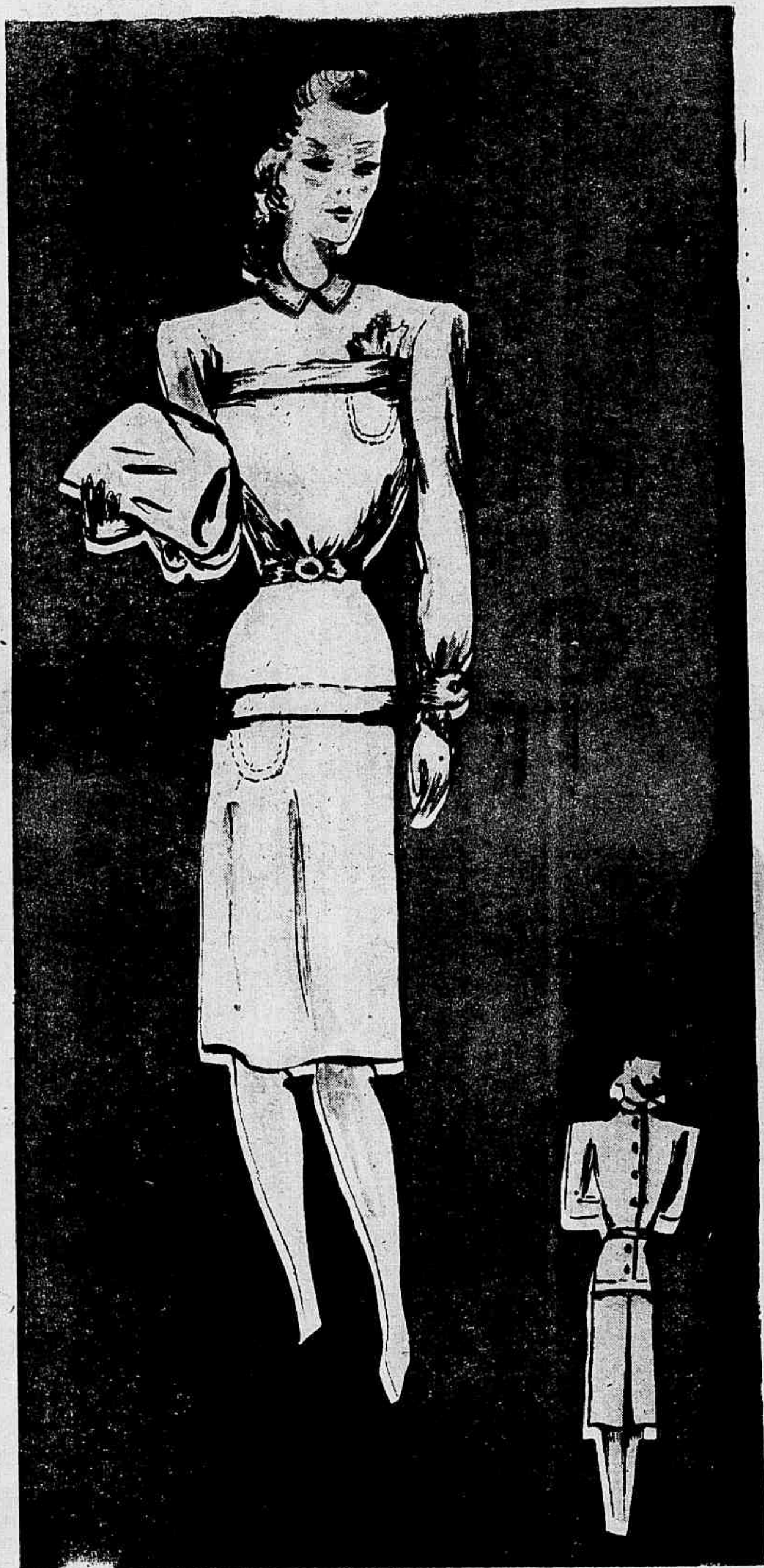
Gente de Hollywood





Em cima, à esquerda: Três "momentos" de Heddy Lamarr em seu mais recente filme, "The Heavenly Mody", onde vai reaparecer William Powell. Como se vê, a bonita "estrêla" continua elegantíssima e ultra-fotogênica. Em baixo, da esq. para a dir., um detalhe de Greer Garson em "mme. Curie", seguido por Dorothy Lamour mostrando suas habilidades ao violão; Claudette Colbert num modelo cem por cento militarizado e, finalmente, Michelle Morgan em "A Lua ao seu alcance", num vestido de noiva destinado a ser largamente copiado. Si é verdade que Hollywood anda em grande racionamento de galãs, o mesmo não acontece com relação às "estrêlas". Elas continuam brilhando, sorrindo e vestindo com muito bom gosto.

os Modelos de Alina



SÃO EXCLUSIVAMENTE CONFECCIONADOS PARA ESTA REVISTA, E NÃO INSPIRADOS EM QUALQUER MODELO EXTRANHO, OS FIGURINOS QUE SEMANALMENTE VIMOS PUBLICANDO NESTA PÁGINA, DESENHADOS POR ALINA, UMA INSPIRADA ARTISTA EUROPEIA, CUJOS "CROQUIS" POR MUITO TEMPO ILUSTRARAM AS MAIS FAMOSAS REVISTAS DE VARSOVIA E PARIS. AQUI VÃO MAIS DOIS MODELOS: 1.º — VESTIDO EM SEDA, COM PREGAS NA SAIA. PUNHOS E BOLSOS — "PLAQUE'S". — 2.º — VESTIDO "DEUX PIECES" AZUL MARINHO, MANGAS "CHEMISIER". ABOTOADO ATRÁS. SAIA COM UMA PREGA, BOLSO PESPONTADO E GOLA BRANCA.

AÇÃO E PALAVRAS

Si é verdade que os fatores econômicos têm sido e são os maiores responsáveis pela deflagração dos conflitos que em todos os tempos têm afligido a humanidade, não resta dúvida que esta guerra ficara na história como aquela em que as ideologias opostas tiveram papel de relevo, lançando uns contra os outros os póvos do nosso agitado orbe terraqueo.

Evidentemente as massas se deixam comover mais facilmente pelos imperativos da fome, do frio e da miséria do que pelo raciocínio. Este é menos objetivo, menos imediato. Mas para que um póvo se lance apaixonadamente a luta, é preciso que seja movido pelas idéias.

Num século em que a palavra escrita ou falada encontrou sua máxima possibilidade de expansão, através dos jornais e do rádio, não poderiam os líderes dos países em guerra deixar de se utilizar dela como veículo das suas ideologias.

Esta é uma guerra que tem girado em torno de "ismos": comunismo, nazismo, fascismo, totalitarismo, etc., expressões de regimes implantados. Rótulos colocados nos programas políticos econômicos dos ditadores. Doutrinas e teorias. Como vemos, palavras novas e terminologia aparatosa para as doutrinas que pretendiam modificar de um só golpe todos os valores até agora existentes.

Nunca, em nenhuma guerra anterior, a palavra escrita ou falada desempenhou papel tão importante e decisivo como na atual conflagração.

Na Alemanha nazista toda uma geração abeberou-se no "Mein Kampf", eleito a categoria de bíblia infalível. Foi pelas idéias ali impressas, nenhuma delas nova, mas todas habilidosamente exploradas e adaptadas às circunstâncias, que milhares de jovens sacrificaram suas vidas. A raça pura, o super-homem ariano, o judaísmo internacional, o espaço vital, expres-

A GUERRA EM MARCHA

sões que tentavam encobrir e justificar os motivos reais pelos quais os ditadores desencadeavam a guerra: incapacidade de se auto-bastar, ambição de conquistas, necessidade de dar vazão ao capital invertido em armamentos. Todas as teorias que tentavam encobrir a verdade eram berradas ao público pelo rádio das sacadas dos palácios, em atitudes dramático-grotescas. A inteligência do póvo era entorpecida pelo martelar contínuo dessas idéias, por todos os meios e modos possíveis. Depois da queda do tonitroante e grotesco ditador fascista, que ameaçava céus e terra, os dirigentes nazistas têm se mantido num mutismo que contrasta de modo estranho com a verborragia que os caracterizava.

Aqueles que atualmente criticam os dirigentes das Nações Unidas de fazer mais do que o necessário, devem ter em vista que o silêncio dos ditadores é imposto por circunstâncias bem amargas para eles.

Todos sabem que quando a sorte das armas lhes era favorável, a propósito de tudo e sem propósito nenhum a estavam eles gritando ameaças a Deus e ao mundo.

O seu mutismo atual é bem sintomático e esta na razão direta dos seus insucessos políticos e militares.

Realmente, como poderão eles acobertar a realidade dos fatos e justificar os desastres sucessivos, quando uma série ininterrupta de fracassos é o prêmio ao esforço sobrehumano a que obrigaram seus povos?

Tendo negado a esses povos a capacidade de julgar ou decidir qualquer coisa, assumindo a responsa-

bilidade de todos os atos, não têm agora coragem de comparecer diante dos seus comandados confessando seus erros.

Eles nunca prestaram contas de seus atos, e suas palavras eram de ameaça e de ódio.

Muito diferentes são os discursos dos chefes aliados: eles se destinam a prestar contas aos povos que governam e que consideram capazes de julgar e discernir como homens livres que são.

Os primeiros são "governos de força" ao passo que os últimos são "governos de lei."

Inegavelmente, entre os chefes das Nações Aliadas Churchill ocupa o primeiro lugar entre os oradores políticos.

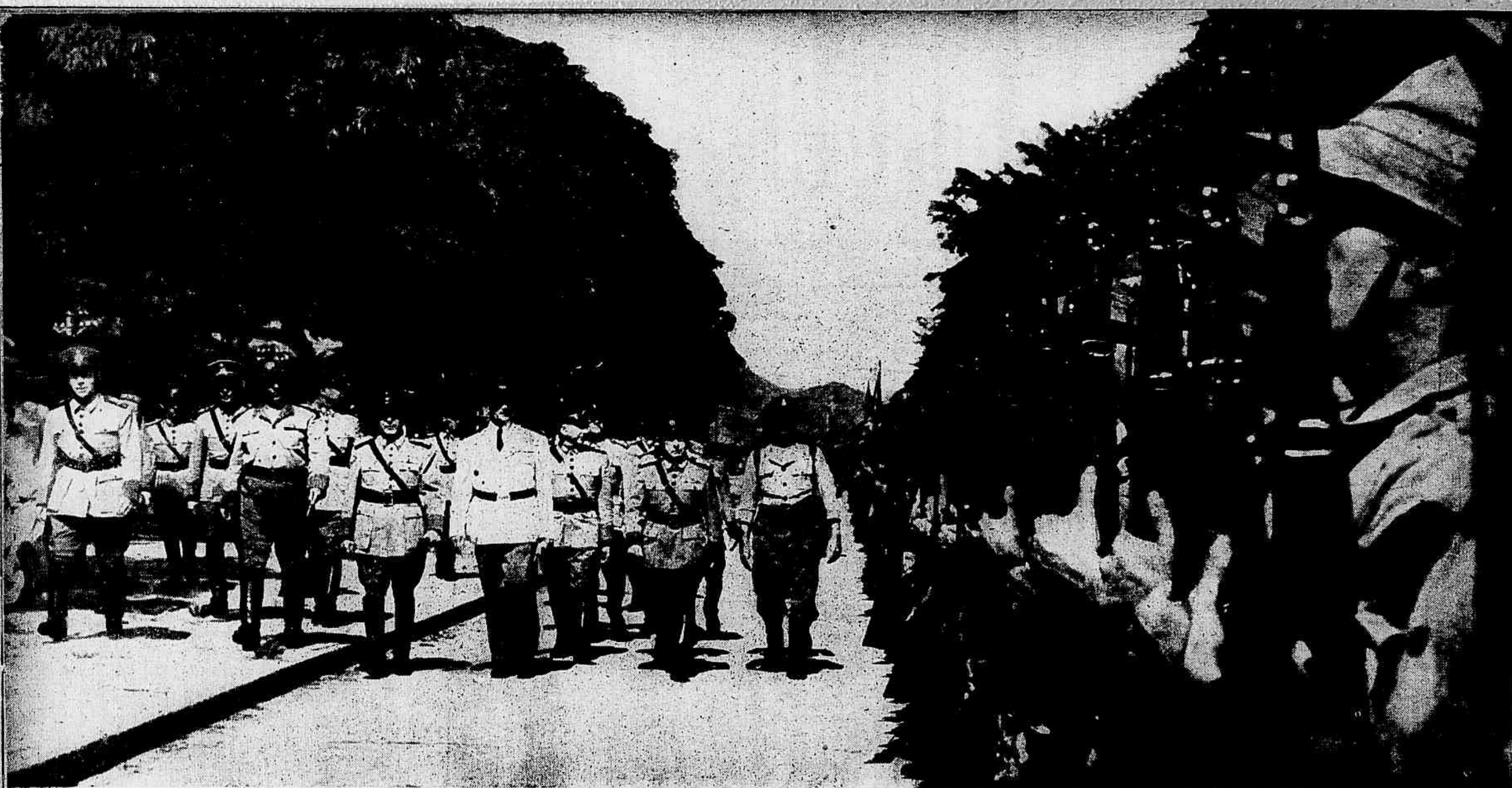
Seus últimos discursos, veem mais uma vez confirmar as qualidades de concisão e sobriedade e ao mesmo tempo de força e segurança, a que nos habituamos.

Este homem energético e equilibrado, que sempre advertiu seu póvo das agruras que devia enfrentar, mostrando-lhe o difícil caminho a percorrer, sem nunca se deixar dominar pela paixão ou pelo ódio, mas que também nos momentos mais difíceis, quando tudo parecia irremediavelmente perdido, sabe levar o alento e a coragem necessários para a resistência ao inimigo, tem agora o direito de apontar o caminho da vitória, mostrando a todos os povos livres que há, agora não apenas esperança, mas certeza de vitória.

A's suas palavras se há de suceder o que todos querem: ação. G.

CARTAS DE CASA — A DISTRIBUIÇÃO DA CORRESPONDENCIA É UM DOS MOMENTOS EMOCIONANTES DA VIDA DOS SOLDADOS NO FRONT. O TRANSPORTE RÁPIDO DAS MALAS, POR VIA AEREA MANTEM OS COMBATENTES EM PERMANENTE CONTACTO COM SEUS ENTES QUERIDOS. AQUI VEMOS UMA CENA TÍPICA, POR OCASIÃO DA CHEGADA DA CORRESPONDENCIA AO QUARTEL-GENERAL DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS NORTE-AMERICANOS, NAS MATAS DE UMA ILHA DO PACIFICO.





A FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA



A' esquerda — FLAGRANTE TOMADO POR OCASIÃO DA INSPEÇÃO DO GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS A' INFANTARIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA, FAZENDO ACOMPANHAR-SE DO GENERAL ZENOBIO DA COSTA, E DEMAIS OFICIAIS DE SEUS ESTADOS MAIORES.

Em baixo — O CORPO MÉDICO DA EXPEDIÇÃO PRONTO PARA DESEMPENHAR SEU IMPORTANTE PAPEL. OFICIAIS PARTICIPANDO DO DESFILE QUE TANTO ENTUSIASMO PROVOCOU, DESDE QUANDO SE FEZ SUA PRIMEIRA APARICÃO NA VILA MILITAR.



PELA primeira vêz, desfilaram as unidades componentes da Infantaria Divisionária da 1.ª Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira. Submetidos a rigoroso treinamento desde que se iniciou o preparo da nessa Força Expedicionária nos seus próprios quartéis, os regimentos que o compõem reuniram-se nesta capital, sendo inspecionados pelo comandante da D. I. E. General Mascarenhas de Moraes, que se fazia acompanhar do General Zenobio da Costa, comandante da Infantaria Divisionária e oficiais de seus estados maiores. Na constituição dessa tropa que forma a Infantaria Divisionária da 1.ª D. I., tres

A' esquerda — SOLDADOS BRASILEIROS, FISIONOMIAS SERENAS, PORTE GARBOSO, EM VESPERA DE SEGUIR PARA O CAMPO DA LUTA.

Estados do Brasil estão representados pelos regimentos neles sediados. Formam-na o Regimento Sampaio (1.º R. I.), sediado na Vila Militar, o 6.º R. I.

com quartel em Caxapava, São Paulo e o 11.º R. I., de São João Del Rei, Minas Gerais, estes ultimos comandados pelos coroneis Aguinaldo Catão de Castro, João Segadas Viana e Delmiro Pereira de Andrade. Nestas páginas, quatro aspectos desse imponente acontecimento, que tão larga repercussão encontrou em todos os círculos sociais, promovendo-se desde logo outro desfile, esse, então, levando ao centro da cidade a Força Expedicionária. Nossas tropas recebem, assim, os aplausos da população que as acompanha de perto no seu patriótico dever.

SUGESTIVO FLAGRANTE DA TROPA EM UNIFORME DE CAMPANHA, COM O QUAL DEVE EMBARCAR, NUM ACELERADO DIANTE DOS OFICIAIS QUE ASSISTIRAM A TÃO IMPRESSIONANTE ESPETÁCULO, PELA SUA GRANDIOSIDADE E PELO PREPARO TÉCNICO DA TROPA QUE NELE TOMOU PARTE.



EM DESFILE



SETOR DE COSTURA, VENDO-SE AS DAMAS QUE ALÍ PRESTAM SEUS SERVIÇOS SOB A SUPERINTENDENCIA DA SRA. BERTA SALGADO FILHO.

A AÇÃO SOCIAL DA MULHER



EM CIMA: AUXILIARES QUE TRABALHAM NO SETOR "ARQUIVO". EM BAIXO: A SRA. ANITA CARPET DESPACHA COM A SECRETARIA SRA. EDITH VILELA TEIXEIRA.



NUMA rápida visita à Legião Brasileira de Assistência não se pode certamente tomar o pulso a uma obra de tamanhas proporções: o que se pôde fazer é deduzir valor da mulher brasileira, quer como paradigma de virtudes icasicas, quer como elemento pulcro e preciso, entrosado no serviço máximo do esforço de guerra. Muito se tem falado da obra social da mulher americana do norte e da ingleza e mesmo da russa, contudo, a nossa patricia tem uma coragem moral e uma inteligencia que valem por um padrão de orgulho para todos nós, que vivemos esta tragedia sem par, dentro do cenario mais generoso do mundo, o solo brasileiro.

A L. B. A. nasceu d'aquela primeiro grito desgarrador de S. O. S. de dezenas de irmãos traiceiramente torpedeados na fimbria mesmo, das costas do nosso literal pacato e fecundo. Desde então, beneficicas, abençoadas e dadivosas mãos se estendem por todo o territorio, minorando a dôr e a miseria, e melhorando as condições sanitarias e profiláticas de milhares de conterrâneos. A senhora Darcy Vargas, missionaria aqui na terra de uma obra monumental que se alarga e abarca todos os setores de assistencia cristã e de construção civica, encontrou a colaboração entusiasta, eficiente e desinteressada de milhares de mulheres que tomam parte na magna organização, como diretoras ou que se fizeram operárias diligentes da grandiosa obra, como um bando legionário de jovens auxiliares. Ficamos reverenciando-as em silencio, e aqui o dizemos em homenagem às senhoras Berta Salgado Filho diretora da seccão de costura, Anita Carpet da divisão de Proteção a menores, Edith Ferreira da seccão de Bandagem, Olga P. Meira, superintendente da seccão de Assistência á familia do convocado, e a importante seccão de Assistência Sanitaria sob a direção da senhora Licinio Cardoso, de cujos beneficos nos esteve informando sua inteligente auxiliar Maria do Carmo Prado, e aí parâmos porque não seria possivel, numa tarde tão curta, vêr a extensão, mesmo material, da obra que a L. B. A. está realizando em todo o territorio nacional.

UMA AUXILIAR DA SECCÃO DE PROTEÇÃO AOS MENORES, NO EXERCICIO DE SUAS FUNÇÕES. TUDO É FEITO A TEMPO E HORAS, DENTRO DE RIGOROSA DISCIPLINA.



ARQUIVO E TEZOURARIA

Funcionando em conjunto com o setor de Assistência ao convocado, tem a seu cargo o inumerável fichário de benefícios realizados; e nos parece inútil gastar verbalismo quando as cifras podem atestar melhor do apurado e corcietre trabalho das legionarias que ali prestam seus serviços. D. Lucy Jurqueira nos apresentou a d. Mary Quirino, a Secretária que após ligeira palestra informativa, pôz a nossa disposição os arquivos e explicou o original movimento das bandieras onde estão fichados os convocados assistidos. Fêre-nos a vista a cifra anunciadora: 31.839 pessoas assistidas até 29 de Fevereiro de 1944. Um ano produtivo e útil ao país. Está assim discriminado o total de beneficiados:

Famílias — 7.739 — menores 17.351 — adultos 14.488. Consta ainda do arquivo o número de 2.190 famílias que pediram auxílio, mas que não o obtiveram, porque as Visitadoras não as julgaram nos casos previstos pela Legião.

Existem 105 Postos espalhados pela cidade os quais encaminham os assistidos, servindo de ponte-de-ligação, ou dando, ele mesmo, solução aos casos mais simples. O convocado ou voluntário apresenta uma ficha visada pela visitadora onde se insere a sua história. E' documento confidencial e prevê: — Situação física e econômica, estado sanitário da família, alimentação, habitação (tipo, condições de higiene, etc.) Situação moral e mental, educação, etc...

A tezouraria, apenas tira os recibos para os chefes de Postos para pagamento feito em outra seção.

SETOR — COSTURA

Sob a direção da senhora Berta S. Igado Filho, foi dos primeiros fundados pela L. B. A. E' ele quem distribui a todos as sucursais da cidade, as estruturas de guerra, e também para hospitais públicos. Núcleo de atividade cristã que se ergue na obra de misericórdia: "Vestir os que estão nus". E' assim que aquele grupo de damas de elite compreende o seu labor.

SECÇÃO DE BANDAGEM

A figura simpática e gentil de sua Diretora, d. Edith Ferreira, domina e conterra as dificuldades com espírito de humor que se transcribe às suas diáscintas e mpanheiras. Trabalha-se para a Marinha, Exército e Aeronáutica; para hospitais de pobres, creches, etc. E' um voluntariado ativo e útil. Na sala cheia de estantes repletas, ha uns cartazes

BRASILEIRA

significativos, uma como vez de pregação: "Legionaria — Nesta sala praticas o amor ao próximo, e infecionando-se e rativos para aliviar suas dores — Legionaria: o bônus é indispensável nos rativos."

Aliás, notamos por toda parte lembretes de frases civicas e brilhantes do Presidente Vargas, como si ao som daquela voz poderosa e evante, se enfunassem as vélas da frota da vitória cuja equipagem tem ali valerosas representantes.

PROTEÇÃO A MENORES

D. Anita Corpet, nos informa em rápida palestra a jovem e inteligente secretária senhorita Zil. h. Vilela Teixeira, é a creadora de duas creches model s, uma na zona norte, outra na zona sul, onde as crianças de domesticas e obreiras pobres, são recolhidas durante o dia. E' uma casa maternal por excelência, um jardim de infancia. Ali tem elas diariamente o conforto material e cuidado maternal de quem conhece e alarga o valor da psicogenesis, o desenvolvimento psíquico do ser humano desde seus primeiros contactos com a vida. São essas as mãos competentes que governam a Seção de Proteção a menores; até a idade de 14 anos; encaminha-os a internatos, asilos, escolas profissionais, depois que as visitadoras apresentam o seu relatório para ser julgado. Quando não ha necessidade de internação, d. Anita prefere proteger a família com fornecimento de mantimentos e roupa, para que o menor não fique privado do seu proprio lar. Quando, porem, o caso é de internamento, elas não perdem o contacto nem com este nem com a família, para que, após tantos anos, o pequeno não se sinta estranho aos seus e vice-versa. Agora estuda d. Anita o problema do menor de 14 anos que terminou o internato e não tem para onde ir.

Tudo isso é verdadeiramente o civismo de que precisa o Brasil.

OUTRO DETALHE QUE NOS MOSTRA O ESPIRITO DE ORGANIZAÇÃO EFICAZ NOS TRABALHOS DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA, HOJE TÃO PRECIOSA.



EM CIMA: GRUPO DE AUXILIARES DA TEZOURARIA, ATENDENDO ÀS PARTES. EM BAIXO: A SRA. MARY QUIRINO, SECRETARIA DA SECÇÃO DE ASSISTENCIA AO CONVOCADO E ARQUIVISTA, DESPACHANDO COM UMA SECRETARIA.



GRUPO DE SENHORAS QUE TRABALHAM NA SECÇÃO DE BANDAGEM, VENDO-SE AO FUNDO A DIRETORA, SRA. EDITH FERREIRA. CADA QUAL DA' O MELHOR DE SEU ESFORÇO E O RESULTADO E' EM PROVEITO DOS HOMENS QUE DEFENDEM O BRASIL.





O LOGAR DE HONRA NA MESA DO ALMOÇO. VENDO-SE O SR. CARLOS DE SOUZA NAZARETH ENTRE AUTORIDADES PRESENTES.

DE SÃO PAULO - HOMENAGEM AO SR. CARLOS DE SOUZA NAZARETH

S. Paulo assistiu, a 25 do mês ultimo, a uma das mais expressivas homenagens que ali já foram prestadas a um cidadão, sem os convencionalismos das manifestações políticas, por isso mesmo marcada pelo cunho das coisas sinceras e espontâneas, traduzida no grandioso almoço que reuniu para mais de quinhentos participantes, oferecido ao sr. Carlos de Souza Nazareth, presidente da Bolsa de Mercaderias daquele Estado, por motivo da sua destacada atuação à frente da Comissão de Abastecimento local. A essa manifestação de reconhecimento e apreço, aderiram representantes da industria, do comercio, da economia e das finanças, do mundo oficial civil e militar, da cátedra, do corpo diplomatico estrangeiro, de todas as associações de classe da capital e do interior do Estado bandeirante. Lá estavam presentes o produtor e o consumidor, numa unidade de aplausos muito eloquente à segura orientação que, em defesa do interesse coletivo, o homenageado emprestara, com infatigável dedicação, aos importantissimos serviços de abastecimento de S. Paulo, nesta fase difficil de guerra que atravessamos, testemunha do acerto com que o sr. Carlos de Souza Nazareth se impôs ao apreço e admiração dos seus coestaduanos.

Ofereceu o almoço, um dos maiores já realizados em S. Paulo, o sr. Milton Improta, presidente eleito do Sindicato dos Contabilistas. Depois de usarem da palavra diversos outros oradores, o sr. Carlos de Souza Nazareth agradeceu a homenagem em brilhante discurso, tendo sido levantado o brinde de honra ao sr. Presidente da República pelo prof. Francisco D'Auria, secretario da Fazenda de S. Paulo.

A DIREITA, PELA OPDEM — O SR. MILTON IMPROTA FAZENDO O DISCURSO DE OFERECIMENTO DA HOMENAGEM. E O SR. CARLOS DE SOUZA NAZARETH FALANDO EM AGRADECIMENTO. EM BAIXO — ASPECTO PARCIAL DO ALMOÇO.



Humberto de Campos

ESCRITOR DE ALÉM-TÚMULO

A PROPÓSITO DA REMOÇÃO DOS DESPOJOS DO ESCRITOR MARANHENSE PARA SEU ESTADO NATAL — QUASI DEZ ANOS APÓS SEU FALECIMENTO — UM ENCONTRO COM A FAMÍLIA DE HUMBERTO: FILHOS CRESCIDOS E CASADOS — UM, COMERCIÁRIO; OUTRO, JORNALISTA E ESCRITOR; UMA FILHA ENGENHEIRA — O CASO DOS LIVROS PÓSTUMOS — “QUEREM FAZER O ESPÍRITO TRABALHAR MAIS DO QUE O CORPO”... — E O CONSENTIMENTO PARA A PUBLICAÇÃO DESSAS OBRAS? — ATÉ O ANO DE 1994, PROPRIEDADE LITERÁRIA DOS HERDEIROS — AUTÊNTICOS OU MISTIFICAÇÕES? — A MÃE DO ESCRITOR CHAMA O MEDIUM “INTÉRPRETE ESPIRITUAL” DO FILHO MORTO — AGRIPINO GRIECO VIU O MEDIUM ESCREVER UMA CARTA DE HUMBERTO COM A LETRA DE HUMBERTO — “É UM PASTICHE GROSSEIRO!”, DECLARA MALBA TAHAN — “ESPÍRITO DE PORCO”, AFIRMA GUILHERME FIGUEIREDO — VIRIATO CORRÊA NÃO LEU NADA — UMA VISITA AO COFRE DA ACADEMIA, ONDE ESTÃO OS ORIGINAIS DOS CAPÍTULOS QUE TALVEZ NÃO SEJAM PUBLICADOS — E PONTO FINAL, PELAS DÚVIDAS...

O nome de Humberto de Campos andou novamente em evidência, dias atrás, a propósito da remoção de seu corpo para o Maranhão. De fato, o interventor Paulo Ramos sugerira a trasladação dos restos mortais de três conterrâneos ilustres — Humberto de Campos, Coelho Neto e Apolônia Pinto — para o seu Estado natal, condicionando a execução da idéia à licença das respectivas famílias. Mas imediatamente fizeram ouvir-se as opiniões desfavoráveis dos herdeiros de ambos os escritores, só não acontecendo o mesmo em relação à grande atriz, talvez por não existirem parentes. Desde logo, porém, *O Globo* divulgou essas opiniões. Do seu retiro, na província, a mãe de Humberto de Campos, a velhinha que teve a desdita de sobreviver ao filho, mandou dizer que era contrária. Ela não desejava que perturbassem o repouso do filho, preferindo, mesmo longe, que Humberto durma socegado o seu sono, ele que, durante anos, varou a madrugada de olhos abertos, em vigílias dolorosas; enquanto aqui no Rio a esposa e os três filhos do escritor — dois rapazes e uma senhora — também se opunham terminantemente à viagem póstuma. Assim, a pretexto dessa malograda idéia, o nome do glorioso homem de letras foi o assunto de todas as palestras, suscitando discussões e perguntas. Acontece que se aproxima o décimo aniversário da sua morte, ocorrida em 4 de Dezembro de 1934. O menino pobre e humilde de Miritiba nunca deixou de ser pobre mas soube tornar-se um dos vultos mais populares de nossas letras. O sofrimento, subli-

mando a criação artística, deu-lhe a popularidade cheia de emoção e simpatia que acompanhou, dia a dia, a sua dor. Quando morreu, a cidade assistiu a um dos espetáculos mais tocantes e mais profundos da comunhão do povo com a desgraça luminosa e fecunda do seu cronista. E hoje, como há dez anos, a memória de Humberto de Campos continua a pagar tributos à celebridade, provocando casos que ele já não pode resolver com o seu sorriso de filósofo. A evidência deste agora, sugerido pela remoção de seus despojos, sugeriu-nos a reportagem que hoje divulgamos. Desde que tudo quanto diz respeito a Humberto, interessa vivamente o nosso povo, das camadas mais altas às mais humildes, seria oportuníssimo conhecer até onde a repercussão do fato mais recente se fizera sentir. Além disso, que seria feito das coisas de estimação do escritor — os livros, a máquina de escrever portátil onde suas obras foram produzidas, os originais dos capítulos de “Memórias” a serem editados só mais tarde? Sem dúvida, os leitores do escritor maranhense estariam interessados em conhecer esses e outros detalhes. Quando sairá a edição póstuma das Memórias? Que é feito daquele garoto precoce, filho de Humberto, o mesmo que um dia fugira do colégio e se perdeu nas ruas da cidade, sem acertar com o caminho de casa, exigindo auxílio de um pequeno vendedor de

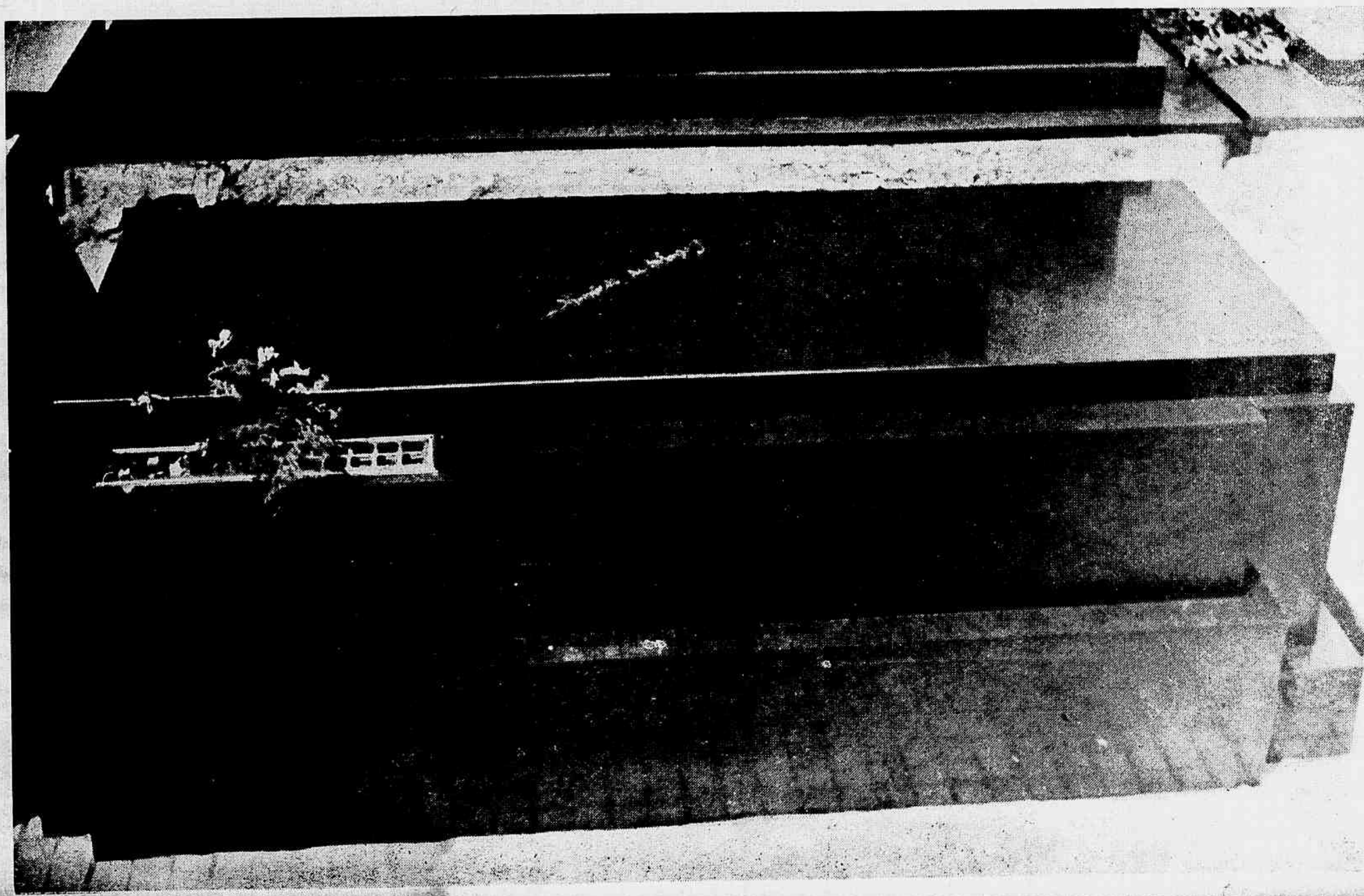
TUMULO DE HUMBERTO DE CAMPOS, NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA, COM A REPRODUÇÃO DE SUA ASSINATURA, NO TAMPO, A MESMA ASSINATURA AMPLIADA NO TÍTULO DESTA PÁGINA.

jornais — fato inspirador de uma sublime página do crônista em *A Noite*? Principalmente, que nos diriam os entrevistados, a propósito dos livros “do espírito de Humberto de Campos”, aparecidos com o selo de uma entidade espírita, psicografados pelo medium Francisco Candido Xavier?

Foi com essas e outras idéias, em polvorosa que a reportagem da REVISTA se movimentou. Nem tudo era fácil de conseguir e muitos esclarecimentos tiveram de passar por alto. Não é que ficassem sem respeito, mas de maneira alguma conseguimos autorização para divulgar esses detalhes. O essencial, porém, está entregue à curiosidade do leitor — e o resultado desse trabalho exaustivo, prolongado por muitos dias, é o resumo destas páginas.

OUVINDO O FILHO MAIS VELHO

Já dissemos ter deixado Humberto de Campos três filhos do seu consórcio com a sra. Catharina de Campos, residente ainda nesta capital: dois rapazes, Henrique e Humberto, e uma moça, Lourdes, formada em Engenharia. Henrique de Campos, o filho mais velho, foi quem concedeu entrevistas à Imprensa carioca, sobre a sugestão do interventor Paulo Ramos. E’ comerciante, trabalhando no estabelecimento “A Capital”, onde o fomos encontrar, em meio às suas atividades cotidianas: — Só me resta confirmar o que já está em domínio público — disse em resposta à nossa pergunta — pois





HUMBERTO DE CAMPOS NO SEU GABINETE DE TRABALHO, LENDO E ESCRIVENDO DE PIJAMA. ÉRA ASSIM QUE ELE CONFECCIONAVA SUAS MEMORÁVEIS CRÔNICAS ENTÃO PUBLICADAS EM DIVERSOS JORNAIS.



RETRATO TIRADO EM 1925: DONA CATHARINA DE CAMPOS, ESPOSA DO ESCRITOR, SUA FILHA LURDES, HOJE ENGENHEIRA, SEU FILHO HENRIQUE COMERCIÁRIO E O MAIS MOÇO, HUMBERTO, JORNALISTA, ENTÃO COM DOIS ANOS E MESES.

não desejamos de maneira alguma consentir na trasladação dos despojos de meu pai. Ele teve, é verdade, os funerais e a compra do jazigo feitos às expensas do antigo Governo do Maranhão, sendo a nossa família quem mandou executar o túmulo artístico que ali hoje se encontra.

Lembramo-nos das crônicas do pai de Henrique de Campos, onde, incidentalmente, podia referir-se aos filhos. Jamais se abstinha de tecer referências sobre os continuadores de seu nome, e, com respeito a Henrique, prezava-se de ter seguido a carreira do comércio. A um velho amigo, de uma feita, dissêra:

— Eu não dei certo no comércio mas isso não quer dizer que o mesmo aconteça com o rapaz. Henrique tem queda para os negócios e dou-me por plenamente satisfeito si fôr negociante.

Até hoje, Henrique mantém-se no mesmo emprêgo, respeitando o nome paterno e trabalhando com honestidade e retidão. E' um moço de caráter, de bons costumes, a quem os chefes da firma têm os mais rasgados e merecidos elogios. Ainda não se casou e tem um esporte predileto: o turfe. Si vivo fôsse, Humberto de Campos continuaria orgulhoso do seu Henrique. E o amigo que de seus lábios ouviu, àquele tempo, palavras de lisonja pelo filho hoje trabalhador e comerciário, sentiu, ao nosso lado, acompanhando-nos na peregrinação desta reportagem, uma certa dose de vaidade: Havia sido um contemporâneo do pai glorioso daquele rapaz de mérito, atestando uma grande verdade — a de que em todos os setores de atividade se pode fazer nome. Na literatura como no balcão de um estabelecimento comercial. Mas, exatamente por ser homem de negócios, Henrique de Campos não se estende em considerações alheias ao seu *metier*. Preza a memória paterna, devotando-lhe o maior respeito, sem contudo se alongar em considerações literárias. E delicadamente aconselha-nos a procurar o irmão mais moço. Humberto de Campos Filho, aquele inspirador do "Elogio do garoto"...

HUMBERTO DE CAMPOS FILHO E' TAMBEM JORNALISTA

Onde encontrar o pequeno Humberto de outros tempos? Nosso guia nesta reportagem, só o vira uma vez, quando o escritor morto, saía de uma sessão cinematográfica, levando pela mão um pequeno de calças curtas, muito sizado, calado, de roupa à marinheira. Lembrava-se de terem ido tomar um sorvete na Americana, isto há dōze anos... E agora, iam os deparar com o menino daquele tempo, em setor muito diferente.

Não foi difícil encontrá-lo. O jovem Humberto é quem continua a tradição do nome, como jornalista e escritor. Exerce as funções de tradutor na Sociedade Rádio Nacional, trabalha na Imprensa e recentemente evocou a figura do pai, encarnando-o ele mesmo, numa peça rádio-teatral transmitida pela referida emissora. Homem de jornal, em contacto assíduo com as multidões, Humberto de Campos Filho presta-nos esclarecimentos mais detalhados sobre todos os nossos queritos. Quanto à trasladação dos despojos de seu pai, nada tem a acrescentar às palavras do irmão. Mas falemos, agora, dele mesmo, do filho. Humberto é casado. Escreve para uma cadeia de jornais do Norte do país e diz-nos que sua irmã, Lourdes, também já contraíu nupcias. Naturalmente os tres filhos do grande escritor eram solteiros e todos menores quando se deu a morte do pai. Vivem na companhia de dona Catharina a quem prestam toda a assistência moral, adiantando que a referida senhora está plenamente de acordo com a vontade dos filhos. Recordar-se do episódio do bonde com o garoto jornalista e fala comovidamente da memória do pai. Quando lhe indagamos o que pensa dos famosos livros póstumos editados sob a responsabilidade do *medium* referido, fêz suas as palavras que o irmão nos havia dito:

— Querem fazer o espírito trabalhar mais do que o corpo. — Gracêjo ou evasiva, quem sabe?

— Mas, encarando a questão seriamente — insistimos — acha concebível que aqueles livros tenham sido escritos pelo seu pai?

— Claro que não — é a resposta categorica. Tanto assim que evitamos tocar no assunto e nunca demos a nossa permissão para a publicação desses livros atribuídos a meu pai. Frequentemente apareciam delegações espíritas ou padres católicos e até representantes de outras religiões, todos querendo convertê-lo. Ele a todos recebia e ouvia com a devida consideração mas era só. Nunca foi espírita.

Humberto adiantou-nos então que a família realmente evita o assunto. Porém, faz notar que tudo que são publicados nesse gênero, é totalmente sem a sua aprovação ou consentimento. Diz mesmo que nunca se dignaram esses editores, ao menos, comunicar a publicação de um novo livro, os quais se elevam ao número de cinco ou seis. Portanto, a família de Humberto de Campos está completamente alheia a essa "onda" de espiritismo — classificação textual de Humberto Filho.

A QUESTÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

— Os direitos autorais de todas as obras de meu pai são exclusivamente da família — adianta-nos o filho do escritor. Humberto de Campos tem publicados 39 volumes, que pertencem aos herdeiros. De toda a sua obra, unicamente um livro de histórias infantis — "Histórias Maravilhosas" — foi vendido por ele á Empresa *O Malho*. Todos os livros de meu pai fôram reeditados pelo José Olímpio. Depois, a W. M. Jackson assinou contrato conosco, os herdeiros, para a publicação das obras completas, destinadas a serem vendidas em coleções. Os direitos, portanto, são da nossa família exclusivamente. E o serão ainda por cinquenta anos. Meu pai faleceu há dez anos e a lei diz que a propriedade literária é garantida por sessenta anos. Só em 1994 deixará de ser nossa.



HUMBERTO DE CAMPOS FILHO, NOS ESCRITÓRIOS DA RÁDIO NACIONAL, ONDE EXERCE AS FUNÇÕES DE REDATOR-TRADUTOR.



Francisco Cândido Xavier



"Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos"



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

ALGUNS DOS LIVROS PÓSTUMOS FRANCISCO CANDIDO XAVIER: "BRASIL CORAÇÃO DO MUNDO" PORTAGENS DE

AUTÊNTICOS OU MISTIFICAÇÕES OS LIVROS PÓSTUMOS?

Depois da morte do pai, Henrique de Campos reuniu, com carinho filial, os seus trabalhos inéditos ou apenas divulgados na imprensa, publicando vários volumes. Assim, aparentemente, a obra de Humberto encerra-se com os capítulos trancados a sete chaves na Academia Brasileira de Letras. Não se contava porém, com o Astral... E apareceram livros atribuídos a Humberto de Campos e editados pela Federação Espírita, cinco volumes de "comunicações". São eles: "Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho", "Crônicas de Além Tumulo", "Reportagens de Além Tumulo", "Novas Mensagens" e "Bôas Novas". Mas será melhor deixar o leitor opinar comparando trabalhos de Humberto neste e no "outro mundo", o que fazemos nesta mesma reportagem, em separado.

A MÃE DE HUMBERTO ACEITOU COMO AUTÊNTICAS AS OBRAS MEDIÚNICAS

Da mãe de Humberto de Campos temos uma descrição feita por ele mesmo: "Morena, de longos cabelos negros, olhos castanhos-escuros, havia tido varíola quando menina, possuindo, por isso, a pele marcada mas muito fina. Estatura regular, dava-me a impressão de perfeição plástica e de certa graça natural de movimento... Minha mãe foi, em síntese, na sua mocidade, uma senhora sem altos atributos de graça feminina, casada com um homem moço e bonito, perdoadando-lhe as faltas..."

De Humberto de Campos - Em vida

"Eu não tenho ainda a meu lado, no cenário doméstico, um 'alguém' ou um 'ninguém', que se exprima com essa encantadora sutileza. A peizinha que me desarruma os livros ainda não chegou à idade em que se arrumam as ideias, anda apenas pelos dezolito mezes, mas já colabora nas minhas observações de curioso. É notável, por exemplo, a nenhuma distinção que se estabelece, na sua idade, entre as dores morais e as dores físicas. O anjo que me quebra o 'pince-nez' e me esconde as canelas, sempre que arranha o dedão no espinho de uma roseira ou nas garras do seu galo, vem moschá-lo, chorosa:

— Dodô! Dodô!

Toda a dor física é anunciada, na sua linguagem, por esse "dodô"; e como não tem outro meio de expressão para o seu mal-estar moral, é com esse mesmo termo que ela o manifesta. Assim, uma coisa que lhe causa repugnância, uma pessoa com quem antipatise, um quarto escuro, que lhe infunde pavor, tudo isso — pavor, antipatia, repugnância — é manifestado por essa fórmula universal:

— Dodô! Dodô!

As confusões que ela estabelece não ficam aí. No seu dicionário, o cachorro, qualquer que ele seja, tem o nome de "lôô". E todo retrato de senhora porventura encontrado nos figurinos que rompe, é o da sua "mamã". Certo dia apanhou uma publicação elegante, e foi passar em revista as numerosas damas ilustres que ali apareciam fotografadas. Todas elas, eram, invariavelmente, aos seus olhos, a mesma pessoa:

— "Mamã!"

Uma senhora havia, porém, com uma grande pelica agasalhadora, e que lhe causou estranheza. Quando chegou a esse ponto, a pequenita estacou espantada, não quiz ver aí a "mamã"

— E esta? — indagaram.

E ela:

— Totô!

PARA O NECESSÁRIO CONFRONTO, REUNIMOS ACIMA DOIS TRECHOS: O PRIMEIRO DE AUTORIA DO ESCRITOR MARANHENSE E O SEGUNDO AO MESMO ATRIBUÍDO PELO "MEDIUM" FRANCISCO CANDIDO XAVIER. ACHA O LEITOR QUE AMBOS TENHAM SIDO REALMENTE ESCRITOS POR HUMBERTO DE CAMPOS?

Ninguém mais autorizado, sob o ponto de vista afetivo, para falar, do que a sra. Ana de Campos Veras. Ela aceitou como autênticas as obras mediúnicas tendo enviado uma fotografia do filho ao medium Francisco Candido Xavier, com a seguinte dedicatória: "Ao presado sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete espiritual do meu saudoso Humberto, ofereço com muito afeto esta fotografia como prova de amizade e gratidão. Da crda. Atta., (a.) Ana de Campos Veras. — Parnaíba, 21-5-38".

AGRIPINO GRIECO VIU O MEDIUM ESCRIVER UMA CARTA "DITADA PELO ESPÍRITO DE HUMBERTO"

Tive a sensação instantânea de percorrer um manuscrito inédito do memorialista glorioso — disse Agripino Grieco, depois de assistir a uma sessão espírita na qual o medium Francisco Xavier escreveu uma carta a ele, ditada pelo espírito de Humberto. E, para fazer esta afirmação, invocou a autoridade conferida por trinta anos de crítica literária e estudo do mecanismo dos estilos. — "Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller", é ainda Agripino Grieco quem fala: "julgo ser difícil levar tão longe a técnica do pastiche."

— "É UM PASTICHE GROSSEIRO" — DECLARA MALBA TAHAN

Com a sua autoridade de escritor e educador, Malba Tahan interpelado pelo repórter, diz terminantemente:

De Humberto de Campos - Póstumo

"A sepultura não é a porta do céu nem a passagem para o inferno. É o bangalô subterrâneo das células cansadas — silencioso depósito do vestuário apodrecido.

O homem não encontrará na morte mais do que a vida e no misterioso umbral, a grande surpresa é o encontro de si mesmo.

Falar pois, de homens e de espíritos como se fossem duas realidades antagonicas vale por falsa concepção das realidades eternas. As criaturas terrenas são igualmente, espíritos revestidos de expressões peculiares ao planeta. Eis a verdade que o Cristianismo restaurado difundirá nos círculos, da cultura religiosa.

Quanta gente aguarda a grande transição para regenerar costumes e renovar pensamentos? Entretanto, adiar a realização do bem, é sempre menosprezar patrimônios divinos, agravando dificuldades futuras.

O deslumbrante que invadiu as zonas de intercâmbio entre as esferas visível e invisível, operou singulares atitudes nos aprendizes novos.

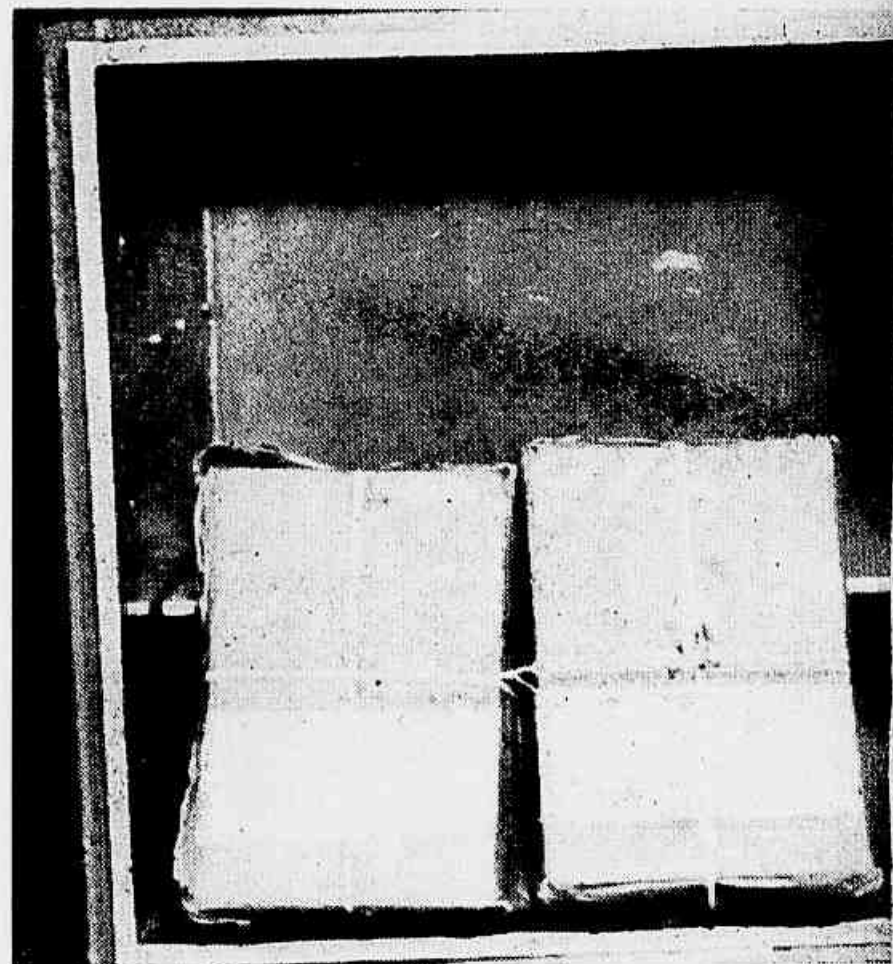
Em círculos diversos, companheiros nossos, pelo simples fato de haver transposto os umbrais do crepúsculo, são convertidos pelos que ficaram na Terra em oráculos supostamente infalíveis; alguns amigos, porque encontraram benfeitores na zona espiritual, esquecem os serviços que lhes competem no esforço comum; médiuns necessitados de esclarecimento são transformados em semi-deuses.

A alegria da imortalidade embriagou muitos estudiosos imprevidentes. Dorme-se ao longo de trabalhos valiosos e urgentes, à espera de mundos celestiais, como se o orbe terrestre não integrasse a paisagem do infinito.

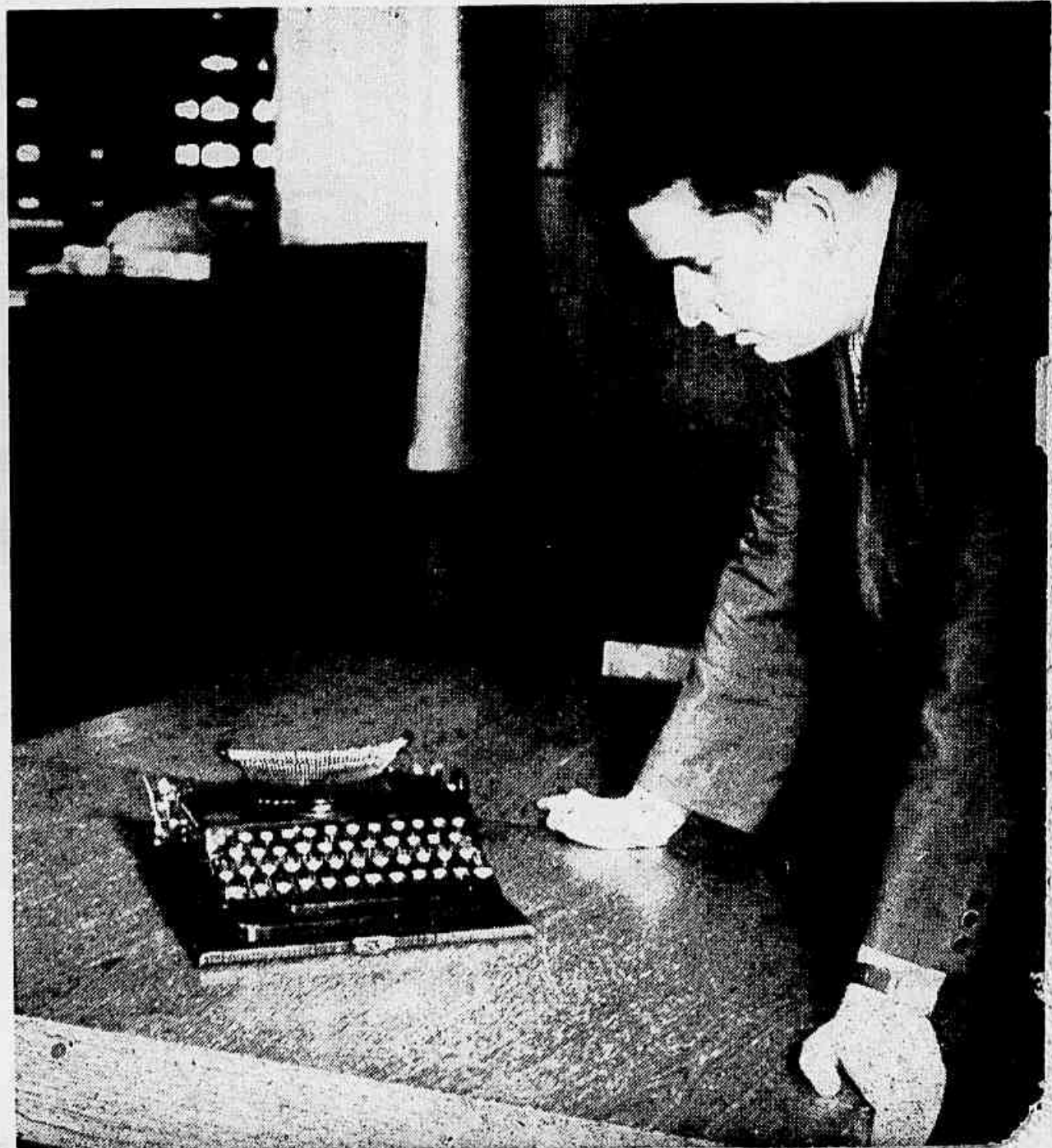
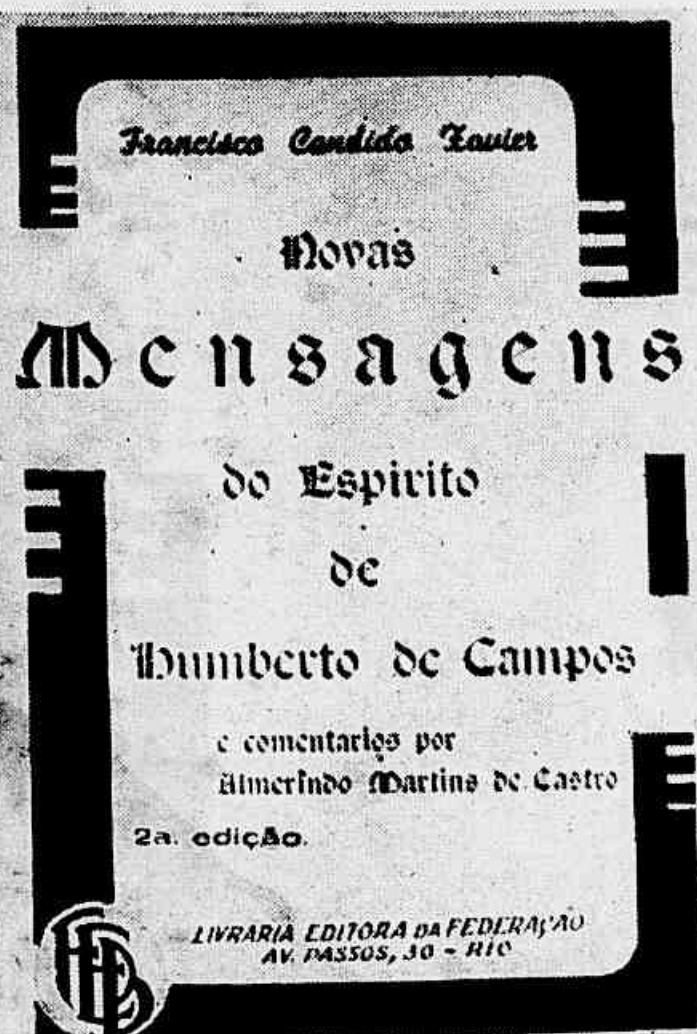


Ao Presado Sr. -
Francisco Xavier, Medi-
cado intérprete espiritual do
meu saudoso Humberto, ofereço
com muito afeto, esta fotografia, como
prova de amizade e gratidão
da Sr.ª
Ana de Campos Veras
Parnaíba 21/5/38.

DEDICATÓRIA FEITA PELA MÃE DO ESCRITOR PARA O MEDIUM FRANCISCO CANDIDO XAVIER.

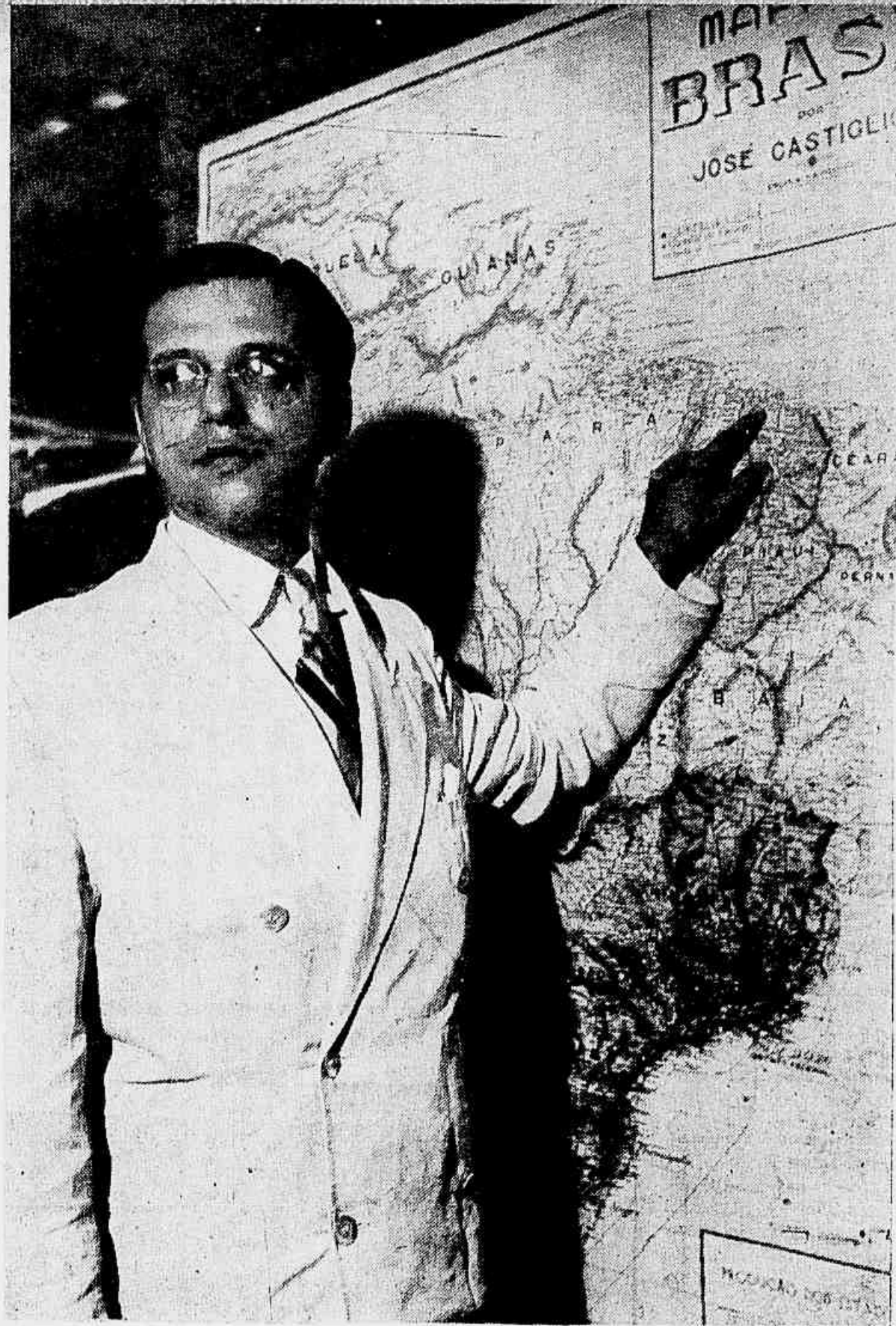


OS ORIGINAIS DO DIÁRIO, NO COFRE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, ESPECIALMENTE ABERTO PARA A REVISTA BATER ESTA CHAPA.



A MAQUINA DE HUMBERTO DE CAMPOS ESTÁ AGORA NA SÉDE DA A. B. I. ONDE SEU FILHO HUMBERTO TAMBÉM TRABALHA E PELA QUAL JÁ REGEITOU UMA PROPOSTA DE QUINZE MIL CRUZEIROS. AO LADO, O REPÓRTER.

OS "PSICOGRAFIADOS" PELO MEDIUM
ER: "CRONICAS DE ALÉM TUMULO",
NDO" "NOVAS MENSAGENS" E "RE-
S DE ALÉM TUMULO".



HENRIQUE DE CAMPOS, FILHO MAIS VELHO DE HUMBERTO, COMERCÍARIO, APONTA NO MAPA DO BRASIL, A CIDADE DE MIRITIBA, HOJE DENOMINADA "HUMBERTO DE CAMPOS", ONDE NASCEU O GRANDE ESCRITOR. SI FOSSE VIVO, ELE SERIA, AGORA, O AVÔ DE DUAS LINDAS MENINAS — MARILENA E WANDA — FILHINHAS DE HENRIQUE.

— E' um pastiche grosseiro. Sóbram lugares comuns e pululam incorreções que Humberto não cometeria. Aliás, tentando impedir tais mistificações, apresentei à Sociedade Brasileira de Escritores um projeto de lei, proibindo a publicação dessa espécie de obras, sem a autorização expressa do autor, dada quando em vida. Trata-se de uma exploração da obra de um escritor. Livros como esses viriam comprometer o valor do conjunto, pois não ha exemplo de uma obra desse gênero á altura do escritor durante a vida.

Malba Tahan acrescentou ainda:

— Os *mediuns* escolhem estilos inconfundíveis e facilmente imitáveis como os de Humberto, Augusto dos Anjos, etc. Aliás, já surpreendi uma conversa na qual dois deles discutiam as desencarnações mais proveitosas, e, entre outras, incluíam Marques Rebelo, Catulo da Paixão Cearense, Olegário Mariano, Alvaro Moreyra e este seu criado... Não discuto a doutrina espírita, mas todas as sessões a que assisti, aqui no Rio, como em Minas, S. Paulo e na Bahia, me pareceram mistificações.

"E' ESPIRITO DE PORCO" — AFIRMA GUILHERME FIGUEIREDO

Ainda sob o ponto de vista do estilo, falamos a Guilherme Figueiredo, autorizado crítico literário, que, apesar de muito moço, já mereceu o cardinalato dos rodapés. Foi breve e explícito. Sua opinião, aliás... muito... "espírituosa", é a seguinte:

— Meu amigo, pode tomar nota: espírito que escreve livros dos outros é espírito de porco...

E nada mais disse. Nem lhe foi perguntado.

TEM A PALAVRA O SECRETA'RIO DA FEDERAÇÃO ESPIRITA

Impunha-se ouvir também uma opinião espírita e desde logo pensamos em Frederico Figner, mas o velho negociante estava ausente do Rio. Quanto ao *medium* Francisco Candido Xavier, reside atualmente em Minas. Os passos do reporter encaminharam-se para a sede da Federação Espírita, na Avenida Passos e ali conseguimos falar com o secretário, sr. Manuel Quintão. Ele nos respondeu assim:

— Criticando "Parnaso de Alem Tumulo", Humberto de Campos salientou a autenticidade desses poemas, reconhecendo a sua semelhança com a dos autores a quem eram atribuídos. E prosseguiu:

— O ilustre cronista, então encarnado, sugeriu o estudo das manifestações, afirmando não poder dizer da sua legitimidade por falta de dados. Não é descabido insistir entretanto, no fato de que, tanto Humberto como João Ribeiro, acharam que forma e fundo eram evidentemente dos autores indicados pelo *medium*. João Ribeiro, aliás, escreveu: "O medium não traiçou qualquer dos poetas".

VIRIATO CORREA NÃO LEU NENHUM LIVRO PÓSTUMO

Quizémos ainda obter a opinião de um membro da Academia Brasileira de Letras. Lembramo-nos de Viriato Corrêa, também maranhense e velho companheiro de Humberto de Campos, nas letras, no jornalismo, no teatro e até na Câmara dos Deputados:

— Não li nenhum desses livros atribuídos a Humberto — respondeu-nos taxativamente.

— Pode então indicar outro acadêmico em condições de se manifestar sobre a autenticidade ou mistificação dessas obras?

Viriato é rápido na resposta:

— Não sei de nenhum. Ou melhor: é inútil, porque nenhum acadêmico os terá lido.

A CONTINUAÇÃO DAS "MEMÓRIAS"

Outra questão que, de vez em quando, surge à baila é a dos capítulos das "Memórias" de Humberto que se acham no cofre da Academia para serem publicadas em 1950. Eles se intitulam "Para Freud", designação dada pelo autor, e continuam sob a guarda daquela entidade literária. Falando a respeito, com Humberto de Campos Filho, ele nos disse:

— São dois pacotes e na realidade não passam de várias páginas do diário da vida íntima de meu pai. Esses manuscritos pertencem também à nossa família, e realmente não estamos inclinados a permitir que sejam publicados.

Soubemos então que a viúva do escritor teve oportunidade de ler várias páginas desse diário e diz que o marido nêle "fala certas verdades sobre várias pessoas hoje em evidência..." e ainda mais "com muita realidade sobre a sua vida particular e íntima..." E', pois, um assunto demasiadamente delicado, embora seja curioso. "Iria manchar a reputação de varias pessoas e ainda mais desmerecer o brilho da vida do escritor, com a revelação de pequenas particularidades íntimas que todo homem, por mais réto que seja, possui".

VISITANDO O COFRE DA ACADEMIA

Já dissémos que os capítulos referidos acima, encontram-se no cofre da Casa Machado de Assis e lá os fômos encontrar. Com autorização do presidente da Academia, sr. Mucio Leão, a REVISTA pôde fotografar o pacote, para tormento da imaginação maliciosa de tantos impacientes... O lugar que esse trabalho deverá ocupar nas "Memórias" — si fôr publicado — está designado com esta nota de Humberto: "Os originais deste capítulo, contendo-o por inteiro, encontram-se depositados no cofre da Academia Brasileira de Letras, para serem intercalados em edição postuma."

Vimos os originais. Estão embrulhados em papel pardo, selados, lacrados e rubricados pelo escritor. A' máquina, lê-se: "Diário de Humberto de Campos — Para ser aberto e publicado em 1950". A margem, em cada pacote, a assinatura do escritor...

PONTO FINAL...

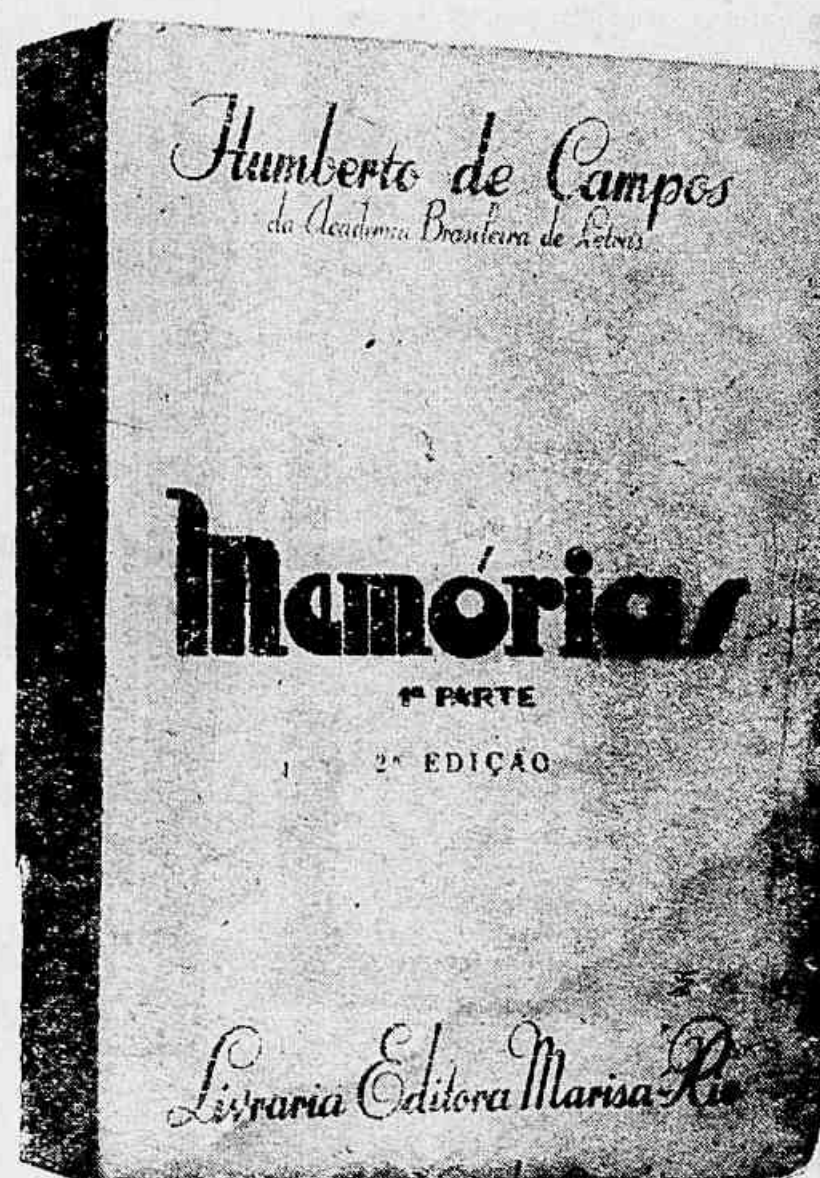
E aqui vamos terminar a nossa tarefa. Sem duvida, o leitor inteligente não irá acreditar que tudo quanto foi apurado pela reportagem, pudesse ficar condensado nestas columnas. Muitas vezes o melhor, ou quasi o melhor ficou no tinteiro. Mas as declarações que vêm a público, por si mesmas, embora não satisfazendo a curiosidade total de quantos se interessam pelo assunto, vale por um jorro de luz forte. Afinal — sairá mesmo em 1950 a nova edição de "Memórias", com os capítulos hoje arquivados no cofre da Academia? Ou conseguirá a família de Humberto retirá-los desse cofre e negar-lhes a publicidade em qualquer caso? São autênticos ou mistificados os livros póstumos desse escritor? Continuará o *medium* Francisco Candido Xavier a publicar novas obras do autor de "Poeira"? Não poderá a família de Humberto providenciar e proibir a divulgação desses livros? Não lhe assiste também o direito de proceder a cobrança dos direitos autorais de todos êles? Surgirão complicações em torno a todos esses casos, nos dias vindouros?

Tudo pode acontecer. E parece, mesmo, que alguma coisa sucederá nesse sentido, embora não ficassemos autorizados a relatar tudo quanto, a proposito, foi por nós apurado. Eis porque o ponto final vai ser colocado aqui mesmo, antes que maiores revelações acabem caindo da pena do reporter depois de ter assumido compromissos em sentido contrario...

E lá do outro mundo, si porventura o grande Humberto vier a tomar conhecimento desta reportagem estará dizendo com os botões da sua túnica invisível:

— Nunca pensei...

PODEM OU NÃO SER AUTÊNTICOS OS LIVROS PÓSTUMOS ASSUNTO QUE TANTAS CONTROVERSAS TEM PROVOCADO E QUE HOJE VOLTAM A AGITAR-SE NESTA REPORTAGEM. MAS AS GLORIOSAS "MEMÓRIAS" DE HUMBERTO DE CAMPOS, CUJA 1.ª PARTE FOI EDITADA AINDA EM VIDA DO AUTOR SOBRE ESSAS NÃO PAIRA A MENOR DUVIDA. E O BRASIL INTEIRO AGUARDA A CONTINUAÇÃO QUE SÓ PODERÁ SER FEITA — SI O FOR — DAQUI A SEIS ANOS.



ACONTECEU NO RIO

Foi na tarde de sábado, 1.º de Abril. O expediente, prestes a encerrar-se, aqui na redação, não prometia nada mais de interessante quando, subitamente, o telefone tilintou e uma voz amiga dava-nos a notícia:

— A REVISTA quer um ótimo flagrante para a página do "Aconteceu no Rio"? Mandem um fotógrafo, agora mesmo, aqui na Prefeitura...

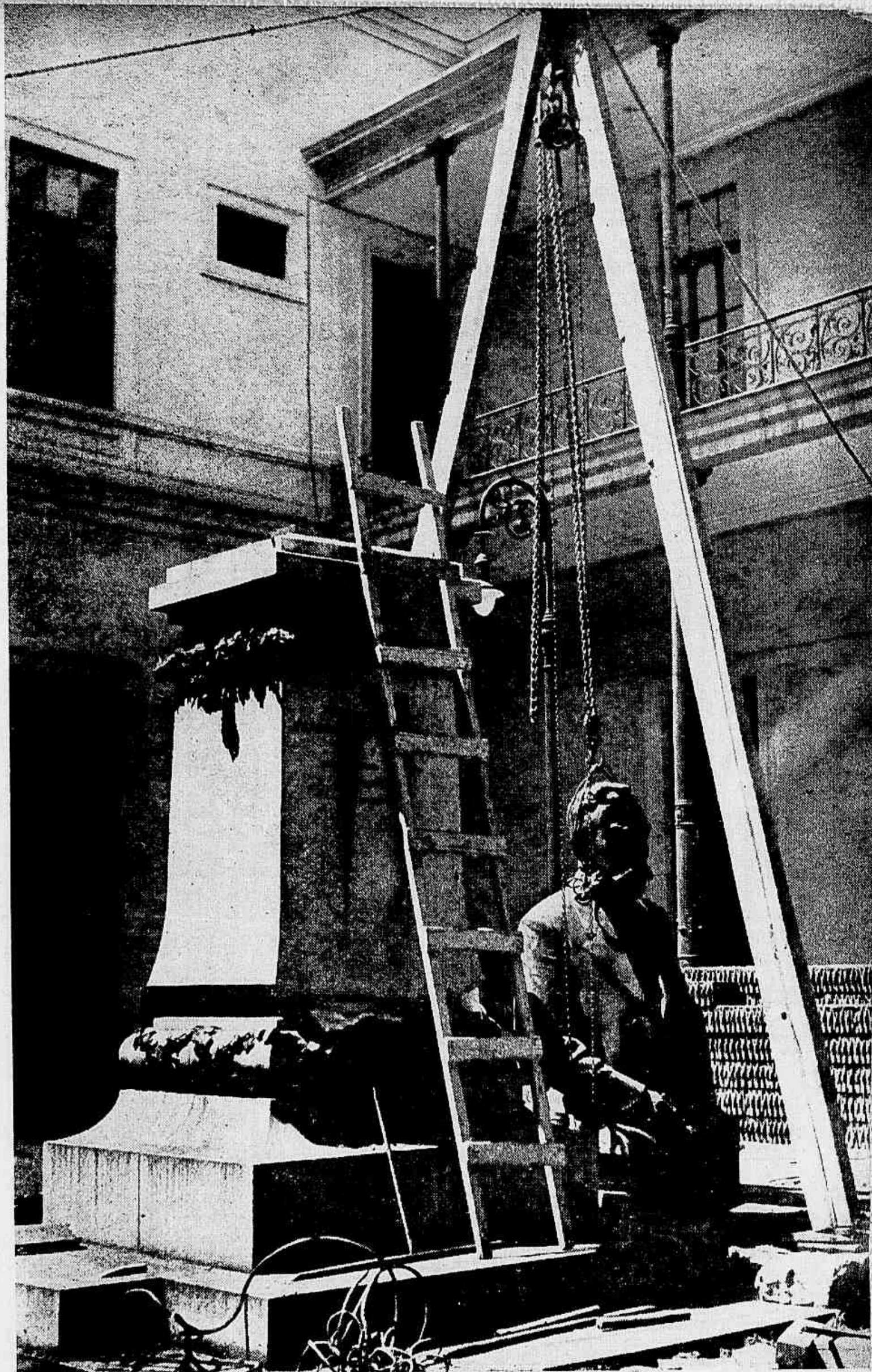
— Que é que ha na Prefeitura?

— Vocês verão — mas não demorem, podem chegar tarde!

Pelas dúvidas, providenciou-se imediatamente a remessa de um dos nossos fotógrafos ao local indicado, embora não faltasse a clássica advertência imposta pelo dia:

— Hoje é 1.º de Abril... A viagem será inútil, quem sabe?

Mas não foi. Era um desses pequenos e expressivos acontecimentos da metrópole, que se registava naquela tarde quente de fim de verão, no andar térreo do edifício onde, até dias antes, funcionara a Prefeitura Municipal, deli retirada por imposição do prosseguimento das obras da Avenida Presidente Vargas. Tratava-se da remoção do busto do saudoso prefeito Pereira Passes, trabalho que demandava uma série de providências as quais se atacavam com vontade, naquêle fim de semana. Quando a reportagem chegou à Prefeitura, iam esses trabalhos muito adiantados. Um guindaste, erguido junto ao pedestal, içava o bronze do prefeito renovador da cidade.



DOIS FLAGRANTES DA RETIRADA DO BRONZE DE PEREIRA PASSOS, FEITA COM AUXÍLIO DE GUINDASTE E EXIGINDO O TRABALHO DE UMA TURMA DE OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS.

Ha trinta anos passados, exatamente em 1914, esse busto era inaugurado naquêle mesmo local, como tributo de reconhecimento e homenagem dos funcionários municipais a Francisco Pereira Passes, que tanto fez pelo afeiçoamento da cidade, numa época em que a sua obra encontrava um terreno árido e espinhoso. Durante três décadas, ali ficou o busto, simbolizando uma fase de pronunciada evolução na fisionomia da capital da República. E' ainda o reflexo dessa evolução, índice de um progresso incessante, que motivou agora a retirada do busto de Passos daquêle lugar, pois, não fôsse a abertura da grande artéria, êle ali permaneceria.

Dentro em pouco, a Avenida Presidente Vargas terá removido mais esse impasse, que foi até agora o proprio da Prefeitura, cujas instalações, enquanto não se construi o novo prédio a êle destinado, irão ficar, provisoriamente, em outras casas do Estado. Por isso, também, o busto de cada Prefeito — pois todos recebiam essa homenagem uma vez transcorrido o seu governo — foram retirados e entregues às Escolas Públicas cujos nomes também sejam o dos homenageados. Mas o monumento a Pereira Passos, pela expressão mais alta de que se revestiu a sua passagem naquêle importante cargo, era o que mais curiosidade despertava, até justificar o telefonema do amigo da REVISTA. Mais tarde, todos esses bronzes serão devolvidos à Prefeitura, quando ela, então, receber a sua nova morada.

E assim, naquêle cair da tarde de 1.º de Abril, vimos que não era "blague" a advertência do telefonema recebido. Pereira Passes saía da Prefeitura, agora em bronze, após trinta anos de permanência efetiva naquêle local.

De volta, o reporter fazia algumas considerações íntimas sobre uma grande verdade. Muitos Prefeitos ativos, empreendedores, prestando relevantes serviços à cidade, o Rio tem possuído. Mas o ciclo que se iniciou com a entrada de Passos na Prefeitura, está vivendo o seu "climax" precisamente agora, com a estada de Henrique Dodsworth no mesmo delicado e laborioso cargo.

DORE



GROSZ



O VELHO

*Um confronto entre o
classico Gustavo Doré
e o moderno Grosz.*



3



AVAREZA E PRODIGALIDADE. NO QUARTO CIRCULO DO INFERNO, DANTE E O POETA VIRGILIO, QUE FAZIA O PAPEL DE GUIA, ENCONTRAM DUAS CLASSES DE PECADORES: OS AVAROS E OS PRODIGOS. ESTES SÃO CONDENADOS A EMPURRAR GRANDES PEDRAS COM O PEITO, POR TODA A ETERNIDADE. DE TEMPOS EM TEMPOS AS DUAS CLASSES SE ENCONTRAM. DORE REPRESENTA OS PECADORES CARREGANDO GRANDES BOLSAS DE MOEDAS. ENQUANTO GROSZ OS DESENHA CARREGANDO ENORMES PEDRAS. DEPOIS DE PASSAR PELO QUARTO CIRCULO, DANTE E VIRGILIO PASSAM AOS TENEBROSOS PANTANOS DE STYX.

HERESIA. APROXIMANDO-SE DE DIS, A CIDADE DE LUCIFER, DANTE E VIRGILIO ATRAVESSAM UMA NEGRA PLANICIE COBERTA DE CHAMEJANTES SEPULTURAS DOS CONDENADOS. AQUI ESTÃO OS HERETICOS, QUE GROSZ PINTA COM MAIS HORROR, MAS SEJA A GRANDEZADE DE DORE. DANTE AGREGENTA A HERESIA A VEZEA CLASSIFICACAO DOS PECADOS DE ARISTOTELES. ESTE SISTEMA CLASSIFICA LOGICAMENTE TODO O MAL PRATICADO PELOS ENTES HUMANOS SUBORDINADO A TRES GRANDES DIVISOES: 1) INCONTINENCIA, 2) VIOLENCIA OU BRUTALIDADE, 3) MALICIA. ESTES SAO SUBDIVIDIDOS EM 24 PECADOS IMPERDOAVEIS.

OUTRO QUADRO SELVAGEM. — DE GEORGE GROSZ, MOSTRA OS PECADORES NO NONO CIRCULO. GROSZ E' MAIS BRUTAL, MAS NAO CONSEGUE O EFEITO GRAFICO DE DORE.

ADIVINHOS E AUGURES — SAO PUNIDOS TENDO SUAS CABECAS VOLTADAS PARA TRAZ. ELES COMETERAM UM SACRILEGIO, OLHANDO PARA O FUTURO.

4



INFERNO É AINDA O MELHOR

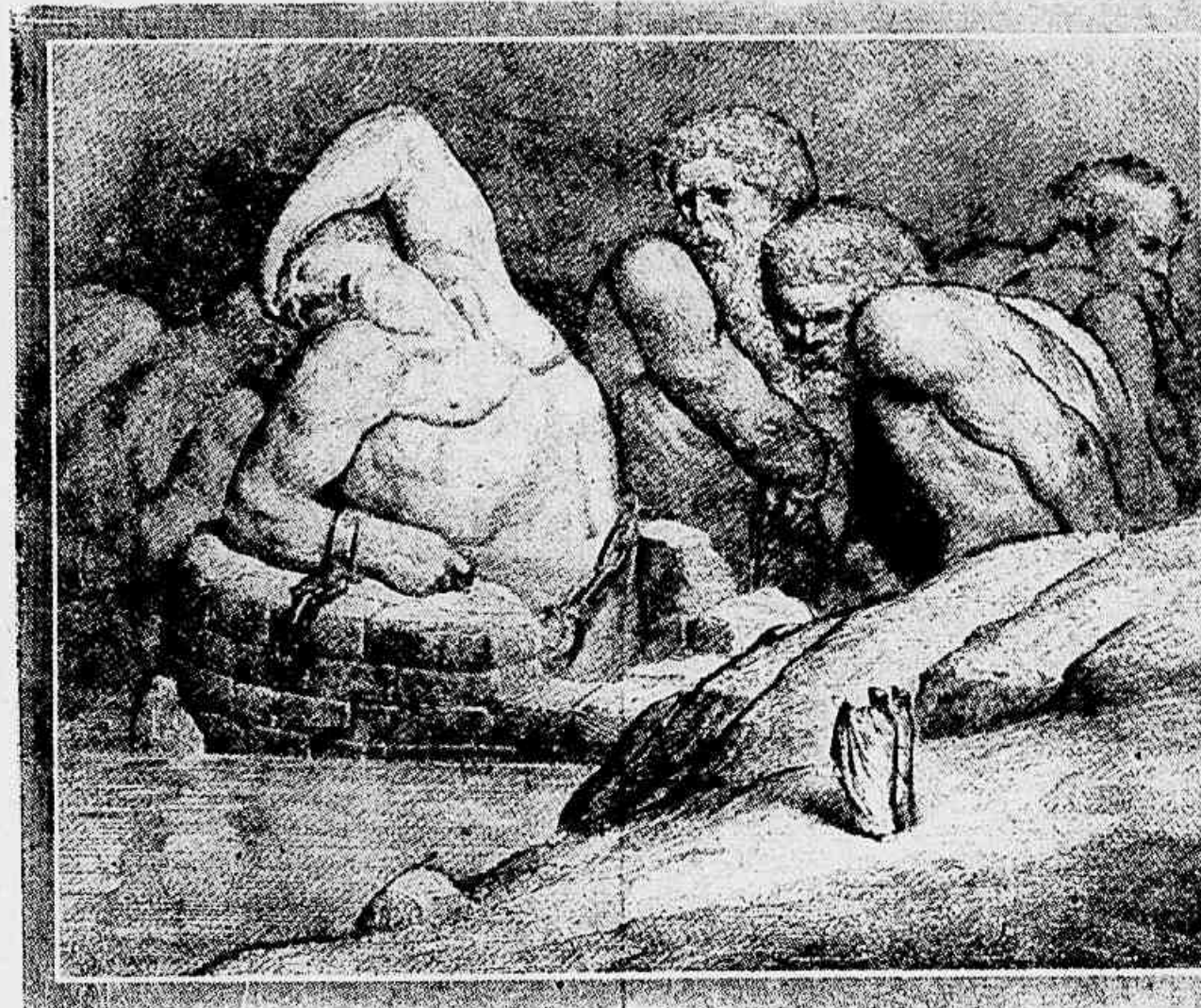
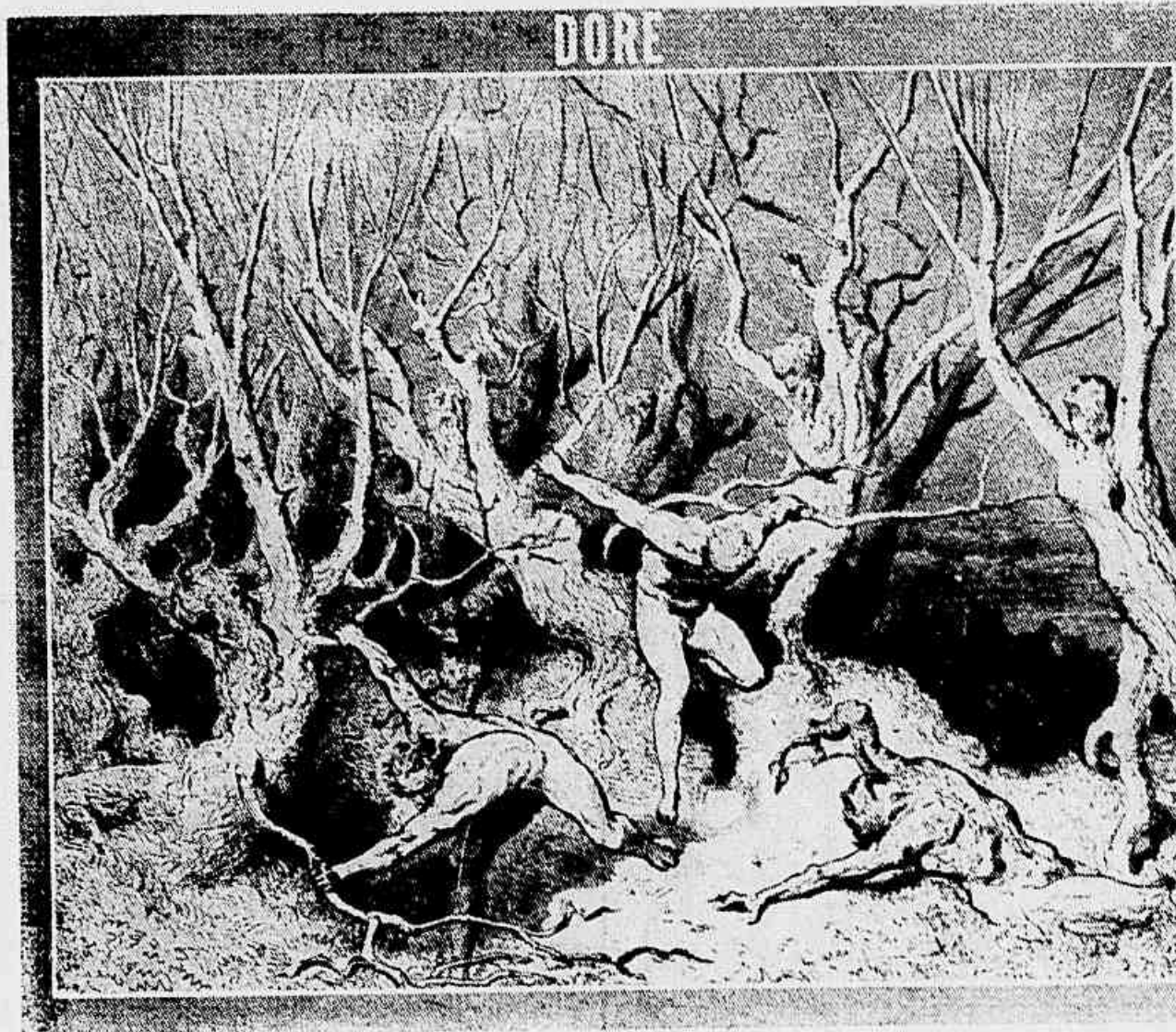
Todo o mundo se interessa pelo inferno. O grande especialista nesse assunto é ainda Dante Alighieri. A representação do inferno do genial florentino continua ainda, depois de seis séculos, sendo o melhor guia das regiões tenebrosas. Por outro lado, o melhor interprete pictorial do grande poeta italiano, o classico do fogo infernal e da condenação, é o francês Gustave Doré.

Desde 1861 suas ilustrações têm sido a representação definitiva do inferno para quem quer que as tenha apreciado. Uma nova edição do Inferno foi publicada em março com ilustrações do artista germanico George Grosz. Mas enquanto as torturadas linhas de Grosz nada deixam a desejar quanto à interpretação dos suplicios, as impressões gráficas de Doré continuam insuperáveis.

SUICIDIO. NO SETIMO CIRCULO DO INFERNO, DANTE ENCONTRA OS SUICIDAS, CUJO CASTIGO CONSISTE EM SEREM TRANSFORMADOS EM ARVORES SECAS E RAQUITICAS QUE DÃO VENENO EM LUGAR DE FRUTOS. SÃO AINDA DEVORADOS PELAS HÁRPIAS, QUE DANTE DESCREVE: "TEM ELAS ENORMES ASAS, PESCOÇO E FACE HUMANAS, PE'SCOM ESPORÕES E GRANDES VENTRES EMPLUMADOS, LANÇANDO GRI-TOS ESTRIDENTES NAS ESTRANHAS ARVORES." AQUI É ARRANCADO O GALHO DE UMA ARVORE QUE SE QUEBRA COM SANGUE E DORES. O TRONCO EXCLAMA: "POR QUE ME DILACE'RAS? NÃO TENS UM RESQUICIO DE PIEDADE?" NESTE LUGAR ENCONTRA-SE UMA PORÇÃO DE SUICIDAS FAMOSOS NAQUELE TEMPO NA ITALIA.

PAGANISMO. APROXIMANDO-SE DO NONO CIRCULO, ONDE MORA O PROPRIO SATAN, DANTE E VIRGILIO VÊEM UM GRUPO DE GIGANTES ACORRENTADOS. AQUI ESTÃO OS NEFILINOS QUE SÃO DESCRITOS NA GENESIS E JOB, QUE FIZERAM A GUERRA CONTRA O CEU, NOS TEMPOS PRE-BIBLICOS. DE ACORDO COM A DESCRIÇÃO DE DANTE, O AR NESTA REGIÃO ESTA' CARREGADO DE DENSOS VAPORES COMO SÃO ENCONTRADOS EM MUITAS PARTES DO INFERNO. AI' SÃO ELES SUSPENSOS NAS MÃOS DE ANTEUS, GIGANTE DA MITOLOGIA GREGA, SENDO ENTÃO DESCIDOS ATE' "O FUNDO DE TODAS AS CULPAS", ONDE O FRIO ENREGELA ETERNAMENTE O PANTANO DE COCYTOS, O FIM DO RIO DE SANGUE DO INFERNO.

TRAICÃO. O NONO CIRCULO É SUBDIVIDIDO EM QUATRO ANEIS CONCENTRICOS: PRIMEIRO PARA OS QUE TRAIAM OS PROPRIOS PARENTES., O SEGUNDO PARA OS QUE TRAIAM A PATRIA, O TERCEIRO PARA OS TRAI-DORES DOS AMIGOS E FINALMENTE O ÚLTIMO, CHAMADO JUDECA (DE JUDAS ISCARIOTE) PARA AQUELES QUE TRAIAM SEUS BENFEITORES. NAS CENAS PINTADAS POR DORÉ E GROSZ, COMO A QUE APRESENTAMOS A' DIREITA, DANTE E VIRGILIO ANDAM NO MEIO DE CABEÇAS DE CONDENADOS, CONGELADOS NO PANTANO, ACIMA DO PESCOÇO. ALGUNS ESTÃO MERGULHADOS MAIS PROFUNDAMENTE QUE OS OUTROS, DE ACORDO COM A GRAVIDADE DOS SEUS CRIMES. NO CENTRO DO PANTANO ESTA' SENTADO O PROPRIO SATAN, QUE, SACUDINDO SUAS ASAS, PRODUZ UM VENTO GELADO.



Figuras e Fatos



DEVIDO AO "CRAYON" DE PRESCILIANO SILVA, O RETRATO QUE A MA PUBLICAMOS É DE ILUSTRE DAMA DA SOCIEDADE BA'ANA, RECENTEMENTE FALECID, SRA. D. ANA SPÍNOLA TEIXEIRA, VIÚVA DO SENADOR DEOCLECIANO PIRES TEIXEIRA, CUJO PASSAMENTO VEM DE CONSTERNAR OS CÍRCULOS SOCIAIS DE SUA TERRA NATAL.

Aniversários da Semana

9 — Senhoras: D. Maria Machado Reis, D. Olga Viana de Matos; Senhorinhas: Margarida Ventura da Silveira, Sonia Maia Forte, Madalena Friedman, Carmelita Capelano, Laura Vicente; Senhores: Dr. Francisco Teles de Miranda, Mario Oscar de Carvalho Sant'Ana, Faustino Passarelli, Domingos Sgamberto do Amaral, Dr. Nêckir Freire Teles, 2.º Tenente Laercio Ramos Garcia, Dr. Agenor Prado Moreira.

10 — Senhoras: D. Maria Pereira Borges, D. Luiza de Oliveira Martins, D. Leli Vieira da Silva, D. Izaura Alvares Carneiro; Senhorinhas: Maria de Lourdes Weyll, Sabatina Simoni; Senhores: Gilberto Trompowski, Dr. Aarão Reis Filho, Harry Braunstein, José Luiz Palhano, Professor Venancio Muniz, Astrogildo Magalhães Sena, Ari Correia Pinto Peixoto.

11 — Senhoras: D. Analia Bairos Ribeiro, D. Ilka Pereira Gomes; Senhorinhas: Maria Conceição da Silva Mendes, Guaraciaba Beltrame; Senhores: Professor Luiz Barbosa, Dr. Manoel Veloso Borges, Dr. Nestor Ascoli, Dr. Oswaldo Pilar, Francisco Ferreira dos Santos, Sac Moutinho, Professor Martiniano Salgado.

12 — Senhoras: D. Rosa P. Branco; Meninas: Gení Ferreira Santos, Shir-

ley Berini, Elsa Cruz; Meninos: Edison Casarini, Gastão Novais, Orlando Vicente Cimini; Senhores: Ministro José Roberto Macedo Soares, Dr. Agenor Brandão, Adyr Correia Peixoto, Ministro Mendonça Lima, General Franco Ferreira, Dr. Francisco de Paula Chaves Junior, Vicente Vitran Felipe, Carlos Vasconcelos, Heber de Boscoli.

13 — Senhoras: D. Maria Cristina Fleuss Carneiro, D. Henriqueta Barcelos Potiguar, D. Jacinta de Carvalho Barbosa, D. Violeta Costa Couto Rodoval de Freitas, Dra. Ernesta de Weber, Srta. Vera Albr; Senhores: Dr. José Mariano Filho, Dr. Raul Marques de Azevedo, Dr. Mario Castilhos do Espirito Santo, Professor Julio Santos Filho, Júlio A. Moreira.

14 — Senhoras: D. Olivia Kuhlman Guedes de Melo; Senhores: Conde Pereira Carneiro, Paulo Guarana, Capitão de Fragata Henrique Coutinho Marques, Lucio Luiz Mendes.

15 — Senhores: Deseembargador Dr. Francisco Cesário Alvim, Dr. Aurino de Moraes, Coronel Artur de Meira Lima, Dr. Abgard Renault, Mestre Francisco Braga, João Constantino Ribas.

O caso do marido preocupado

(Continuação da pag. 15)

lones. Vittalo não era nome muito comum. Na segunda tentativa, acertaram.

Descobriram que existia um homem cujo sobrenome era Vittalo, pai de um rapaz chamado Bernard.

Imediatamente, procuraram o velho Vittalo. Foram razoavelmente recebidos.

Começaram afirmando que tinha ocorrido um acidente. O homem não pestanejou.

— Com meu filho?

— Sim.

— Ele está ferido?

Morrera, disseram. Mas nem isso chegou a perturbar o italiano demasiadamente. Ao saber da morte do filho, demonstrou a mesma surpresa, ligeiramente consternada, que experimentamos ao saber do falecimento de pessoa pouco íntima.

Seguiram-se várias perguntas. A todas Vittalo respondeu com fria cortezia.

— Seu filho morava aqui?

— Não. Ele morava com a mulher.

— Era casado, então?

— Sim, senhor.

O'Neill, que estava fazendo o interrogatório, ficou surpreso ao saber que o jovem Vittalo era casado. Por que, não sabia bem explicar.

— Seu filho já esteve em apuros alguma vez?

— Não compreendo o que o senhor quer dizer com isso.

— Pergunto-lhe si ele já esteve envolvido em algum caso de polícia.

— Quem? Bernardo? Não. Nunca. Que tolice!

— Há quanto tempo ele estava casado?

— Há poucos meses.

— Hum!

Houve uma pausa.

— Está seguro de que seu filho nunca esteve implicado em algum processo?

— Já respondi a esta pergunta. Estou certo de que Bernard nunca esteve metido em processo. Era um rapaz acomodado e trabalhador. Tivera má sorte, ultimamente. Perdera o emprego e ainda estava desempregado. Mas nunca deu trabalho nem a mim nem à mulher.

Obtendo o endereço de Bernard, os detectives saíram.

Na casa de Vittalo falaram com a viúva.

As primeiras palavras — as mais difíceis — foram ditas. E, imediatamente, veio uma série ininterrupta de perguntas com o fim de não deixar que a dor a dominasse. Ela respondia automaticamente, com voz sem expressão.

— Ele quando saiu...

— A que horas saiu ele?

— Faltavam cinco para as seis.

— Como é que está tão certa disso?

— Ele tinha que pegar um trem às seis e vinte.

— Tem certeza mesmo da hora?

— Claro.

— Bem.

Não era possível que, tendo ele saído de casa para pegar um trem, dispusesse de tempo suficiente para ir até a estação, e estar no local do crime à hora em que este ocorrera.

Perguntaram à mulher, a seguir, si o marido tinha inimigos.

— Nenhum.

— Outra coisa: ele parecia preocupado ultimamente?

— Bem, um pouco. Eu tentei fazê-lo

contar-me o que acontecera, mas ele não quis dizer.

Nada mais conseguiram com ela. Não sabia o que preocupava o marido; não sabia de nenhuma carta nem telefonema que o tivesse perturbado. Ele saía frequentemente, sem dizer-lhe para onde ia. No dia do crime, por exemplo, revelara-lhe que ia visitar um comerciante, com a intenção de pedir que arranjasse um emprego para ele. Estava desempregado, como já sabiam os detectives, pelo que lhes dissera o pai do rapaz.

Outra coisa que ela não podia compreender é por que ele estava naquela rua mal afamada, quando a estação para onde se dirigia ficava situada na direção oposta.

Que o fizera mudar de idéia? Como o tinham atraído para ali? Ela não sabia de amigos do marido que morassem na Pequena Itália; eram eles italianos da classe média, e ela estava segura de que o marido não se misturava com aquele bando de malfetores.

Cada vez mais se insinuava no cérebro dos policiais a idéia de que o trabalho era de um grupo qualquer de malfetores. Deviam tê-lo levado à força para aquele bêco escuro. As quadrilhas possuíam carros velozes. Lá, tinham-no morto. Por que? Não se sabia.

Uma das perguntas que tinham feito à viúva fora:

— De que se ocupava ele, já que não estava trabalhando?

— De nada. Ele estava procurando trabalho. Passava o dia inteiro procurando emprego.

— Ele teve algum caso com a polícia?

— Quem? Bernard? Não. Nada disso. Bernard nunca se metia em negócios pouco honestos.

Eles insistiam. Havia uma razão para isso. Uma razão muito simples. Não havendo motivo para o crime, só havia uma razão plausível para o assassinato e esta era a possibilidade de Bernard ter-se metido em algum negócio com a quadrilha.

Entretanto, da viúva não obtiveram esclarecimento sobre esse ponto. A polícia, aliás, compreendeu, perfeitamente, que ela estava dizendo o que acreditava ser a verdade. Estava, evidentemente, querendo colaborar, mas nada sabia das atividades ilegais do marido, si é que essas eram mais do que uma hipótese.

As probabilidades de ser verdade, por outro lado, eram muitas, porque, sendo casada há pouco tempo, ela não devia estar muito familiarizada com as atividades do marido.

Pediram a ela uma lista de amigos de Vittalo, que prontamente forneceu. Resolveram visitar esses homens e obter delas outras informações e nomes de outras pessoas que mantivessem relações íntimas ou não com a vítima.

Até esse momento nada tinha abalado a certeza de que se tratava de mais um crime de uma quadrilha qualquer.

Chegou, entretanto, a informação que veio destruir as teorias cuidadosamente elaboradas e arquitetadas com grande paciência e trabalho. Si não eliminou, completamente, a possibilidade, reduziu, pelo menos, de muito, as probabilidades.

Vittalo não tem ficha na polícia.

Aparentemente isso não tinha importância, mas deve tomar-se em considera-

(Continua na pag. 41)

A O abrir a caixa, tive uma exclamação de surpresa: um magnífico colar de pérolas brilhava no fundo escuro.

Encostado na lareira de mármore, coberta de rosas, Max olhava para mim, esperando a minha opinião. Aguardava, evidentemente, uma manifestação de alegria.

Tirei, lentamente as pedras de seu escrínio de couro grená, e coloquei-as no pescoço. Olhei-me no espelho. Parecia uma princesa.

— Essas pedras são valiosíssimas, querida. Queria dar-lhe um presente à altura, no nosso aniversário de casamento. Custaram 150.000 francos. Mas as bodas de prata que celebramos merecem uma comemoração extravagante.

— Você me estraga com êsses mimos, Max.

Sorri.

Não podíamos perder tempo. Haveria uma grande festa para comemorar condignamente, como dizia Max, as nossas bodas de prata e os vinte e um anos do nosso filho, Bob.

Bob, meu filho...

Meu vestido cinzento claro era uma maravilha, quase inacreditável. Max me dera um cheque em branco. Exigira que fôsse um vestido bem caro. Queria fazer extravagâncias.

— Quero vê-la elegantíssima, no dia das nossas bodas de prata.

Enquanto vestia o modelo que custara uma fortuna, eu me lembrava do vestido-zinho branco, que envergara vinte e cinco anos antes. Era muito modesto. Mamãe dissera: Mais tarde você pode reformar. Dá um vestido de baile esplêndido.

Como custara a encontrar o homem dos meus sonhos!

O conde Yvray pedira a minha mão e eu recusara. Mamãe zangou-se comigo, mas não disse nada. Não compreendia como uma moça sensata pudesse recusar um conde.

Eu queria amar. Amar e ser amada. Sentir um homem bom e forte ao meu lado, um homem que me adorasse e que eu adorasse. Sonhos de moça...

Max entrou na minha vida num baile.

Madame Martelle ia dar um baile para festejar o vigésimo primeiro aniversário da sua filha, e eu compareci.

Quando fui apresentada a ele, recebi uma saudação um pouco desajeitada. Conversamos. Ele me falou dos seus trabalhos.

Nessa mesma noite ele me disse:

— Si quiser me dar a honra de almoçar comigo e sua mãe um dia dêsses, prepararei uma especialidade que tenho guardada em casa para uma ocasião especial. Uma garrafa de champanha, da melhor champanha do mundo. Custa quinhentos francos a garrafa.

Já então ele sentia-se orgulhoso de poder pagar o que era bom.

— Minha filha, você já recusou dois ótimos partidos. Max não é do nosso meio, mas é um rapaz muito distinto e pode fazê-la feliz. Quero vê-la casada para poder morrer em paz. Não me dê mais êsse desgosto.

Acedi.

— Não o amo, gosto de você.
Max sorriu.

— Isso me basta. Saberei conquistá-la.

Mas tôdas as vezes que ele se aproximava de mim, eu recuava instintivamente; não suportava nenhuma proximidade. E mal conseguia conter e disfarçar a minha repugnância.

A minha viagem de núpcias foi longa. Passei pela Algéria, visitei Marrocos, vi os Atlas, viajei em grandes navios e pequenas embarcações.

Creio que era feliz. Feliz e inconsciente. Possuía um carro, dois *chauffeurs*, *toilettes* caríssimas, joias em profusão.

Quando voltamos para Paris, viemos morar neste apartamento que ainda hoje ocupamos.

Passaram os anos. Vinte e cinco anos de uma vida triste e sem amor.

Lembro-me de Felipe, e isso me faz corar.

Encontrei-o na casa dos Rougier, onde passava um fim de semana.

Quando ele me ajudou a despir a capa de peles, senti nos ombros a carícia das suas mãos fortes e magras.

Perguntou-me: "É francesa?"

— Naturalmente", respondi. "Por que pergunta?"

— Porque a senhora é diferente das outras...

Após o jantar, tive oportunidade de observá-lo melhor. Alto e esbelto. Seus gestos eram firmes mas tinham uma elegância que lembrava um pouco os movimentos harmoniosos de um tigre.

Era administrador de uma colônia no Sudão. Devia partir no fim da semana. Até tarde da noite, ficamos a ouvir as suas maravilhosas histórias, as suas extraordinárias aventuras.

Max teve de ir a Paris e eu fiquei. Depois do jantar, Felipe me convidou para dar uma volta pelo parque.

Sabia bem que seria uma imprudência, mas fui.

Não relatarei, em todos os seus detalhes, o nosso passeio. Basta dizer que ele confessou que me amava e combinamos contar tudo ao meu marido, lealmente.

No dia seguinte chegou um telegrama. Era da minha criada e informava que Max sofrera um acidente.

Max esteve entre a vida e a morte. Várias vezes perdemos as esperanças para recobrá-las depois, atônitos, ante a energia e força daquele homem que, mais do que nós todos e os médicos, lutava contra a morte com uma arma única: a vontade, a vontade de viver.

Convalesceu.

— "Doze meses, no mínimo, talvez até quinze", disse o médico, ao dar alta ao paciente. "Mas é preciso tomar muito cuidado. Nada de sustos nem atropelos. Um choque poderia matá-lo."

Resolvi ficar. Nunca teria coragem de abandonar aquele homem no estado em que estava. Fraco, doente, sem ninguém que tratasse dele, que velasse pela sua saúde, ele morreria si eu o deixasse.

No dia marcado, Felipe partiu para o Sudão. Não nos tornamos a ver, antes do embarque.

Só depois de dezesseis longos meses de tratamento cuidadoso Max pode andar.



Quando ele começou a melhorar nasceu Bob.

— Seu marido está curado, minha senhora. Mais uma curta estadia na Suíça e ele poderá recomeçar a trabalhar. Leve o menino também. Uma viagem assim far-lhe-á bem.

Bob gostou da montanha. Max engordou em poucos dias. Eu os acompanhava e tratava dos dois. Chamava-os de "meus dois filhinhos". Max gostava muito dessa brincadeira.

A nossa vida não sofreu alteração alguma. Bob estava crescendo, já frequentava o colégio. Max dedicava-se inteiramente ao trabalho que o absorvia. Eu

tentava encontrar na arte, na literatura, nas obras de caridade, um interesse e um passatempo.

Vinte e cinco anos dessa vida. Vinte e cinco anos sem imprevistos, sem grandes alegrias, sem grandes desespêros.

Fôra perfeito o jantar das bodas de prata. Tudo como Max planejara. Nenhum imprevisto, nenhum incidente. Tudo correu muito bem.

Bob, radiante, apresentava-me a todos os amigos, dizendo, com ar muito orgulhoso:

— Vêem? Eu não dizia a verdade? A minha mãezinha não é linda mesmo?

(Continuar na página 43)

ILUSÃO PERDIDA

Conto de Marie Claire

PARA OS DIAS QUENTES



Casaco de linho ou crepe vermelho com aplicações pespontadas.



Casaco de crepe ou linho, pespontos nas pregas e basquinhas.

Dois interessantes vestidos de algodão ou linho, com bordados em ponto de cruz; muito moderno e próprio para o verão



SAIAS PARA BLUSAS

- 1 — Saia de linho cinza claro, guarnecida com pespontos, bolsos originaes dependurados no cinto.
- 2 — Saia de lã, crepe ou linho, azul marinho ou bordeaux; o pano da frente pespontado forma bolsos na parte de cima.
- 3 — Saia-calça de lã ou linho bege, pregas pespontadas sob os bolsos abotoados.



Blusa de setim branco, com faixa e gravata do proprio tecido.



Vestidos de linho ou de algodão apropriados para os dias quentes de verão; para os confeccionados em seda; estas devem ser leves e de preferencia em cores claras.

Os motivos bordados, os babadinhos de renda e os laços, são enfeites bonitos e que estão em grande voga.

UM NOVO ROBERT TAYLOR



AQUI está a fotografia que todas as *fans* de Robert Taylor vinham reclamando insistentemente. O marido de Barbara Stanwyck, o herói de tantos romances bonitos que o cinema fixou — em seu moderno e mais irresistível traje, não para viver qualquer papel de ficção, mas para ser ele mesmo, Robert Taylor, ao natural, no campo de batalha, disposto a dar cabo dos alemães e dos japoneses... E' com esse sorriso de fato cinematográfico, mais que fotogênico, com esse *aplomb* de galã da tela que não tem culpa de ser elegante, é enfim com essa expressão de olhar traduzindo confiança e certeza na vitória, que Robert Taylor se apresenta às suas *fans*. Elas não o podem ver na tela tão cedo, desde que suas obrigações de guerra o arredaram totalmente dos estúdios, motivo por que devem contentar-se com estas subitas e rápidas aparições nas páginas ilustradas das revistas... Um dia Robert Taylor e os outros hão de voltar. Quando tudo estiver liquidado lá por fóra. Quando o derradeiro inimigo tiver capitulado. Quando os estúdios puderem fazer novamente seus filmes de paz, bonitos, enfeitados, convencionais e poéticos, iguais àqueles tão saudosos, que se faziam até Setembro de 39... E nesse dia o marido de Barbara Stanwyck, o herói de *A Ponte de Wa-*

lerloo, o galã preferido das moças românticas de toda parte do mundo, embora invejado de quasi todos os rapazes cujas namoradas o preferem, ele, Robert Taylor, o legítimo, aceitará novos papéis de românticos modernos e terá guardado o seu uniforme de herói, Herói legítimo, sem convenções... Herói "na exata", participando, ao vivo das maiores batalhas que ora se travam nos céus ensanguentados da Europa... Herói que não precisa lançar mão do artifício para impressionar a platéia... Herói cuja platéia é a própria Humanidade, assombrada de tanta bravura praticada por quem todos julgavam fôsse apenas um "menino bonito" do cinema...

Esse será o Robert Taylor de após-guerra. Um terceiro Robert Taylor, porque o primeiro foi o puramente cinematográfico de outrora, o segundo é esse destemido e bravo que hoje veste o uniforme acima. E quem diz Robert Taylor incluí todos os rapazes que saltaram do cinema para o *front*, quasi sem tempo de desfazer o ultimo tipo vivido na tela: Tyrone Power, Clark Gable, e por aí adiante...

Saber Vestir



Para as compras de manhã

- 1 — Vestido de linho branco ou bege com barra em tons de degradês ciclâmen; pespontos do mesmo tom.
- 2 — Muito original. em shantung, uma peça inteira forma as lades terminando em nó de gravata. Todo aberto, com cascos e botões de madreperla; bolsos embutidos e pespontos.
- 3 — Em algodão verde-claro e azul marinho escuro; o franzido é feito com tira azul enfiada.
- 4 — Benito modelo em rayon chaudron com vize e botões amarelos. Grandes pregas.
- 5 — Original vestido de algodão, fingindo casaca; gola tipo esporte redonda, vieses e pespontos vermelhos. Todo abotoado. Bonita blusa de organza bordada a soutache.

Para as manhãs

quentes

Quatro modelos singelos e juvenis em algodão estampado e liso.

Os botões continuam a ser os enfeites preferidos.



Não é, certamente, o fato de poder uma mulher gastar, e ter mesmo cousas caras e obtidas nas melhores casas, que a torna elegante.

O que faz a mulher elegante é o saber se vestir: isto é pôr cada cousa em seu devido tempo e lugar.

Quem sãe pela manhã para compras deve ir corretamente vestida dos pés à cabeça, com um vestido simples, de preferencia claro, ou estampado; um chapéu também simples de palha ou outro material assim; bolsa, luvas e sapatos que se harmonisem com o vestido, não só na côr, mas sobretudo na fôrma. A tarde, já a toilette pode ser mais requintada, mas sem nada que chame muito a atenção. Bordados de vidrilhos e lantejoulas só se usam a noite. Uma toilette de inverno requer sapatos mais fechados e nunca se deve usar peles sem usar meias. As peles são para os dias frios mas sem chuva, usar pele em dia de chuva é disparate. As muito vistosas ou caras também não são apropriadas a' manhã, ou quando o vestido é simples ou usado. Véus e flôres são também duas cousas das quais não devemos abusar. Alia's a verdadeira elegancia é discreta, sóbria e adequada.



Simplicidade

Interessante modelo em linho e seda, verde avião, todo em vieses estreitos vermelho-sulferino; arrematando a frente no cinto, dois retangulos de metal, por dentro uma blusa de seda lisa do mesmo tom vermelho-sulferino. E' uma arte difficil a de ser simples com "charme". Este modelo reúne tais requisitos, completando-o um monograma bordado.



Para a hora do chá

Bonitos modelos de toilettes de seda para reuniões elegantes:

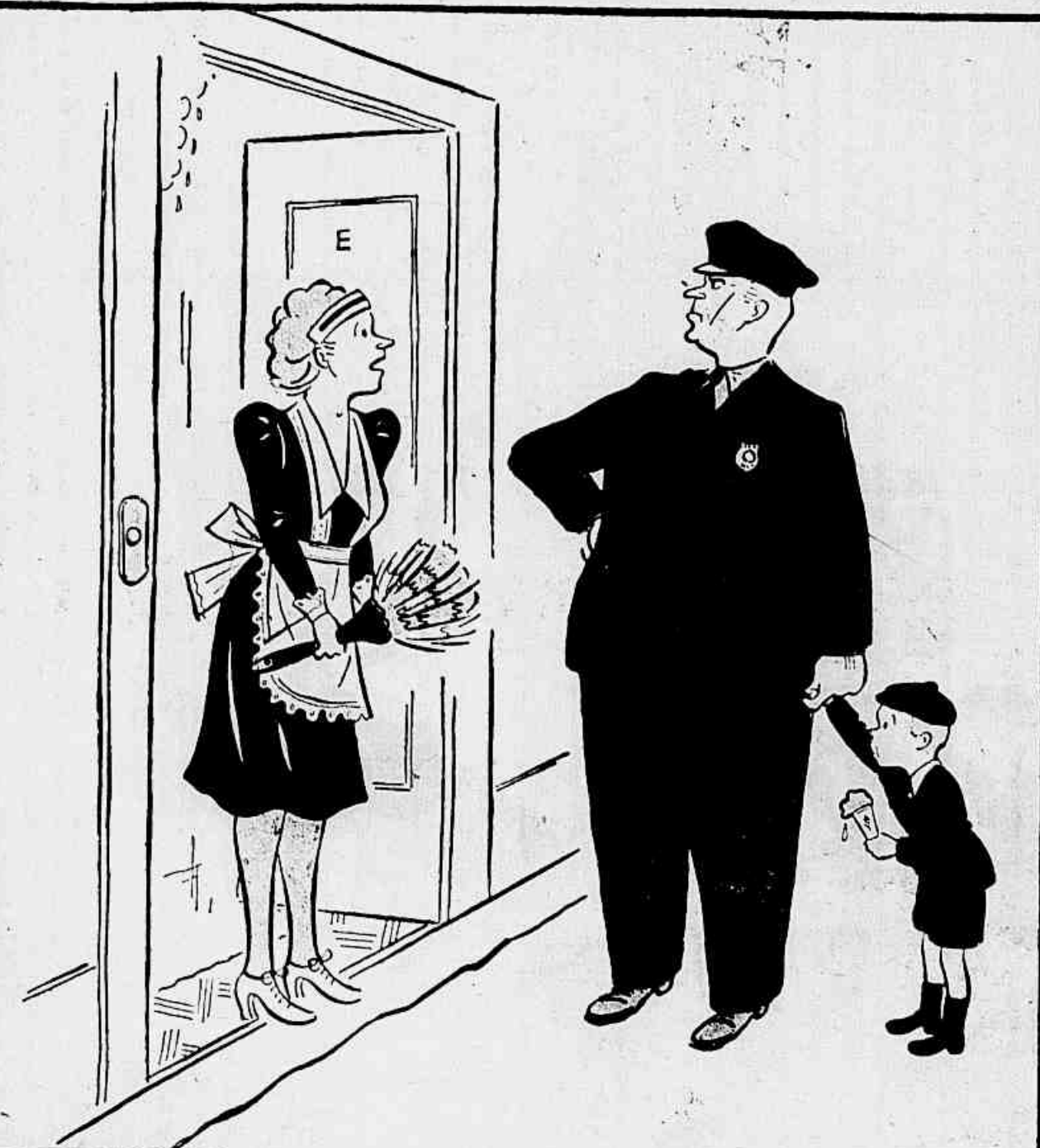
- 1 — E' enfeitado com tafetá quadriculado e renda.
- 2 — Este é todo em nervuras.
- 3 — Tiras enviesadas e pespontadas formando a pala e os lados da blusa.
- 4 — Em georgette pregueado, com renda.
- 5 — Drapeados em fôrma.



— VAI PELO MESMO CAMINHO QUE EU?



— EU BEM AVISEI AO ALFREDO; MAS ELE NÃO PERDE
ESSA MANIA DE PARAR DIANTE DE TODAS AS VITRINES



— A SENHORA NÃO ESTÁ EM CASA; NÃO PODERIA VOL-
TAR AMANHÃ E TRAZER O MENINO?



— DEIXA O NAVIO, ANTONIO!

de
**BOM
HUMOR**



AMELIA ESTÁ AGORA NAMORANDO UM JOVEN QUE
TRABALHA NA COMPANHIA DE ELETRICIDADE.

O MACACO AZUL

Ontem, mexendo nos meus papéis velhos, encontrei a seguinte carta:

"Caro senhor.
Escrevo estas palavras possuído do maior desespero. Cada vez menos esperança tenho de alcançar o meu sonho dourado.
— O seu macaco azul não me sai um instante do pensamento! E' horrível! Nem um verso!

Do amigo infeliz
PAULINO."

Não parece um disparate este bilhete?

Pois não é. Ouçam o caso e verão!

Uma noite — isto vai ha' um bom par de anos — conversava eu com o Artur Barreiros no largo da Mãe do Bispo, a respeito dos últimos versos então publicados pelo conselheiro Otaviano Rosa, quando um sujeito de fraque côr de café com leite veio a pouco e pouco aproximando-se de nós e deixou-se ficar a pequena distancia, com a mão no queixo, ouvindo atentamente o que conversávamos.

— O Otaviano, sentenciou o Barreiros, o Otaviano faz magníficos versos, la' isso ninguém lhe pode negar! mas tem paciência! o Otaviano não é poeta!

Eu sustentava precisamente o contrario, afirmando que o aplaudido Otaviano fazia maus versos, tendo aliás uma verdadeira alma de poeta, e poeta inspirado.

O Barreiros replicou, acumulando em abôno da sua opinião uma infinidade de argumentos de que ja' me não lembro.

Eu trepiquei firme, citando os alexandrinos errados do conselheiro.

O Barreiros não se deu por vencido e exigiu que eu lhe apontasse alguém no Brasil que soubesse arquivar alexandrinos melhor que S. Ex.

Eu respondi com esta frase esmagadora:

— Quem? Tul!

E acrescentei, dando um piparote na aba do chapéu e segurando o meu contendor, com ambas as mãos pela gola do fraque:

— Queres que te fale com franqueza?... Isto de fazer versos inspirados e bem feitos ou, por outra, isto de ser ou não ser poeta depende unica e exclusivamente de uma coisa muito simples...

— O que é?

— E' ter o segredo da poesia! Se o sujeito esta' senhor do segredo da poesia, faz, brincando, a quantidade de versos que entender, e todos bons, corretos, feitos, harmoniosos; e, se o sujeito não tem o segredo, escusa de quebrar a cabeça, pode ir cuidar de outro officio, porque com as musas não arranjará nada que preste! Não és do meu parecer?

— Sim, nesse ponto estamos de pleno acôrdo, conveyi o Barreiros. Tudo esta' em possuir o segredo!

E, tomando uma expressão de orgulho concentrado, rematou, abaixando a cabeça e olhando-me por

CONTO DE ALUIZIO AZEVEDO

cima das lunetas: — Segrêdo, que qualquer um de nós dous conhece melhor que as palmas da própria mão!

— Segrêdo que eu me preso de possuir, como até hoje ninguém o conseguiu, declarei convicto.

E com esta frase me despedi e separei-me do Artur. Ele tomou para os lados de Botafogo, onde morava, e eu descí pela rua Guarda Velha.

Mal dera sózinho alguns passos, o tal sujeito de fraque côr de café com leite aproximou-se de mim, tocou-me no ombro, e disse-me com suma delicadeza:

— Perdão, cavalheiro! Queira desculpar interrompê-lo. Sei que vai estranhar o que lhe vou dizer, mas...

— Estou a's suas ordens. Pode falar.

— E' que ainda ha' pouco, quando o senhor conversava com o seu amigo, afirmou a respeito da poesia certa cousa que muito e muito me interessa... Desejo que me explique...

Bonito! pensei eu. E' algum parente ou algum admirador do conselheiro Otaviano, que vem tomar-me uma satisfação. Bem feito! Quem me manda a mim ter a língua tão comprida?

— Entremos aquí no jardim da fa'brica, propôs o meu interlocutor; tomaremos um copo de cerveja enquanto o senhor far-me-á o obsêquio de esclarecer o ponto em questão.

O tom destas palavras tranquilizou-me em parte. Concordei e fomos assentar-nos em volta de uma mesinha de ferro, defronte de dous chopos, por baixo de um pequeno grupo de palmeiras.

— O senhor, principiou o sujeito, depois de tomar dous goles do seu copo, declarou ainda ha' pouco que possui o segredo da poesia... Não é verdade?

Eu olhei para elle muito sério, sem conseguir perceber onde di bo queria o homem chegar.

— Não é verdade? insistiu com empenho. Nega que ainda ha' pouco declarou possuir o segredo dos poetas!

— Gracejo!... Foi puro gracejo de minha parte... respondi, sorrindo modestamente. Aquilo foi para mexer com o Barreiros, que — aquí para nós — na prosa é um purista, mas que a respeito de poesia não sabe distinguir um alexandrino de um decassílabo. Tanto elle como eu nunca fizemos versos, creia!

— O' senhor! por quem é não neguel fale com franqueza!

— Mas juro-lhe que estou confessando a verdade...

— Não seja egoísta!

E o homem chegou a sua cadeira para junto de mim e segurou-me uma das mãos.

— Diga! suplicou elle, diga por amor de Deus

qual é o tal segredo e conte que, desde esse momento, o senhor tera' em mim o seu amigo mais reconhecido e devotado!

— Mas, meu caro senhor, juro-lhe que...

O tipo interrompeu-me, tapando-me a boca com a mão, e exclamou de veras comovido:

— Ah! Se o senhor soubesse; se o senhor pudesse imaginar quanto tenho até hoje sofrido por causa disto!

— Disto o que? A poesia?

— E' verdade! Desde que me entendo, procuro a todo o instante fazer versos!... Mas quall em vão consumo nessa luta de todos os dias os meus melhores es-

(Continúa na pág. 49)



É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE? por Augusto Rodrigues

-TOPO UM
BEM GOSTOSO!



Não! Você não come o dentífrico. Portanto, não o escolhe como bombom. Ao sabor precisa reunir-se o poder de proteger seus dentes. Isso está em Lever SR.

-TOPO UM
BEM BARATINHO!



Não! Só "pão duro" pode assim. E V. dará milhões para evitar a perda dos dentes, mantendo suas gengivas rosadas e saudáveis. Para isto fica lhe mais barato usar Lever SR.

-TOPO
QUALQUER UM!



Não! Dentífrico não é bilhete de loteria. Para ganhar na certa um sorriso lindo e sadio, não vá no escuro — peça pelo nome o super-dentífrico Lever SR.



**-Eu
uso
Lever
S.R.**

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentífrico! Nada o supera. Tem tudo que você exige — é gostoso, refrescante, econômico. E, ainda mais, tem Sódio Ricinoleato, o famoso elemento que dá saúde às gengivas, assegurando a vida dos dentes. Por isso é que Lever SR mantém dentes *brancos... mantém os dentes!*

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

LINTA SR 107-0100

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

MATRIZ: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 103 loja-
107 s/loja — 1.º e 2.º ands.
Caixa Postal, 178-B e 2999
Tele { fone 2-4550
grama "CONSTRUTORA"

**EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL**

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agências em todas
as cidades do Brasil.

Terão lugar a 29 de Junho proximo, mais um aniversário da próspera cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, grandes festas comemorativas da data. Duas exposições serão levadas a efeito além de muitas outras solenidades de especial relevo.

Será pois uma semana de extraordinário movimento naquele importante emporio de comercio, grande centro industrial, sede de uma das mais ricas zonas do nosso paiz.

Recebemos do Sr. Meisés de Medeiros Acioly um exemplar das "Publicações do Arquivo Publico do Estado do Espírito Santo", sob a sua direção. Agradecemos.

O QUE SE DEVE evitar A PERSONALIDADE

Minha querida amiga:

Eis aí um dos vocabulos modernos postos em circulação, do qual se tem abusado em demasia.



Toda filha espera um legado moral que só a mãe lhe poderá dar, já pela experiência acumulada, já pela intuição que a força do amor torna poderosa.

(FOTO DA "WARNER")

Formou-se até em torno dele uma espécie de *ecolalia*, isto é a repetição de uma palavra aprendida e da qual não se conhece a significação.

Vejam os seu caso: Você, minha amiga, acha que não deve imiscuir-se nos problemas morais de seus filhos nem interferir em sua vida e em sua vontade para não tirá-lhes a *personalidade*.

Você supõe cousas idênticas — a *individualidade* e a *personalidade*? Alguns filósofos dos mais modernos discordam dessa confusão. Individualidade são forças morais definidas e dirigem a personalidade.

Sua filha é impulsiva, precipitada e inconstante. Você acha, minha amiga, que largando-a como corcel fegoso aos ímpetus do seu temperamento, ela possa servir-se da sua personalidade para procurar a felicidade, mesmo em sua forma mais relativa?

Não confunda teimosia e capricho com vontade ou *personalidade*: é isso apenas um defeito de formação individual que precisa ser corrigido ou, melhor, precisa ser orientado pela sua experiência. William James dizia: "Temperamento não é razão" e sem a razão ninguém pôde procurar a Verdade, porque "Verdade é verificação". Dewey ensina-nos que: "o contínuo processo de aperfeiçoar, maturar, refinar constitui o alvo da vida". A criança precisa do adulto e a juventude não se pode divorciar da velhice porque é esta quem lhe fornece o cabedal de experiências. Ela trilha hoje caminhos de malezas e hervaçais arrancados a golpes de sacrifício pelas gerações passadas; é um legado heroico e sagrado, do qual ela não se pode desfazer senão para pagar caro sua leviandade. A sua filha tem dez anos? Pois, minha senhora, não é tão inconsciente como quer parecer. Olhe: o professor Robert Gaupp, eminente autor de trabalhos sobre a psicologia infantil, afirma que, com 7 anos, o cérebro da criança já alcançou um desenvolvimento morfológico e tectônico que o habilita a receber quaisquer ensinamentos. O escolar possui qualidades físicas idênticas às do adulto, a única diferença é o grau de desenvolvimento; é dotado de razão, é suscetível de sentir variadas emoções e afetos e mostra, como o adulto, diferentes impulsos e movimentos volitivos. A criança sente e mede as vantagens de sua astúcia junto ao adulto e a capacidade deste para desvendar-lhe as manchas e usa, como os animais, uma espécie de mimetismo para ocultar-se melhor.

Você diz que o seu filho do meio é o melhor porque é *obediente, submisso*, etc. Não acha que seguindo a lógica da sua teoria inicial esse garoto não tem personalidade? A bondade não é humildade ou servilismo, *uma bondade sem capacidade é aleijada*, afirma um filósofo americano, porque a mola real de tudo é, sem duvida, a inteligência.

Tudo isto ha de lhe parecer bastante complicado.

O assunto em si é mesmo muito complicado e afinal resume-se nisto: orientar a docilidade do seu filho, para que ela não degenera em comodismo moral, isto é falta de vontade própria; e, sobretudo, corrigir energicamente os máis impulsos de sua filha impondo-lhe um limite ao *máu gênio* e ao *capricho* para que ela não se torne o algezo da sua própria felicidade na terra.

Essa felicidade é tão míngua e relativa que, para comprar dela uma pequena porção, temos de renunciar a muito, de tudo isso que se anda chamando por *af* a torto e a direito: *Personalidade*.

SILVIA

O caso do marido preocupado

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 32)

ção a perfeição do fichário do Departamento, que incluía uma parte dedicada aos criminosos, uma aos suspeitos, outra às pessoas implicadas, aparentemente sem ter nada a ver com o caso, em negócios pouco recomendáveis.

Difícilmente um gangster escaparia da ficha, mais ou menos completa, daquele Departamento, cuja regra era a eficiência e o princípio era "desconfie de todos que isso, não fazendo mal algum, pode, por outro lado, ser fonte de proveitosas informações".



Mas Vittalo, aparentemente, escapara. Das duas, uma: ou era um criminoso excepcional, de grandes recursos e muita inteligência, ou, então, nada tinha a ver com as quadrilhas e, nesse caso, ia por água abaixo a teoria e era preciso começar tudo novamente, procurando descobrir não mais um grupo, mas um só terrível assassino.

O'Neill, um dos detectives, ainda não estava convencido. Agarrava-se à teoria que formulara e recusava-se a acreditar que Vittalo nada tivesse a ver com criminosos.

— Ainda não me dou por vencido. Pode ser que ele fosse ladrão inteligente, que tivesse conseguido burlar a nossa vigilância.

Entretanto, apesar dos esforços de O'Neill, os outros abandonaram a idéia e dedicaram-se ao trabalho exaustivo de procurar informação sobre a vida particular de Vittalo.

Quem desconhece a Pequena Itália não pode fazer idéia do que este trabalho significa. Significa procurar homens covardes e mentirosos, pertencentes à pior sociedade, e fazê-los responder a perguntas perigosas. Si um só assassino matara Vittalo, persistia, entretanto, na Pequena Itália, a idéia de que fora trabalho de uma quadrilha. Todos conheciam bem as atividades das grandes quadrilhas e estavam certos de que um única palavra de informação lhes custaria a vida.

Uma atmosfera de terror pairava no bairro todo. E o crime de um homem espalhara mais consternação e infelicidade do que muitas das mortes por atacado, como acontecia nos tempos antigos, quando a Pequena Itália tinha a certeza, ao ir dormir, de que antes da madrugada mais uma vítima cairia.

Sem dar atenção às hostilidades evidentes entre os moradores, que temiam complicações com os grandes chefes fora da lei, os detectives prosseguiram no seu trabalho de colher dados e informações, de bom grado ou mesmo à força, si necessário.

Uma nova idéia dirigia as suas investigações, e, na falta de outra, dava-lhe um rumo certo. Tinham concordado que, não sendo bando, seria indivíduo, e, sendo indivíduo, o motivo provável era inimidade pessoal. Por mais mal alinado

que fosse o bairro, não havia notícia de que algum louco furioso, dêsse que matam sem motivo, estivesse rondando pelas ruas escuras das redondezas.

O trabalho dos detectives era reconstituir, pouco a pouco e penosamente, a vida de Vittalo, os dias de Vittalo. Como ele passava o seu tempo, como vivia, onde morava e onde ia. Qual o seu bar favorito, quais as suas amizades? Que mulheres houve na sua vida, antes e depois do casamento.

O trabalho era árduo e ocupava todo o tempo dos policiais.

Os detectives passavam o dia percorrendo restaurantes e bars nos quais era provável que Vittalo parasse ou onde podiam ter notícias dele. Lojas e residências onde ele pudesse ser conhecido foram visitadas. Nada conseguiram apurar.

Conheciam os recantos mais escusos do bairro e todos eles revistaram na esperança de encontrar algum indício, e enquanto trabalhavam refletiam amargamente que não seria possível agarrar o criminoso.

— Nas histórias policiais — queixou-se um deles, um dia — o crime ocorre dentro de uma casa fechada e o número de suspeitos, entre os quais está inevitavelmente o criminoso, é mínimo. E' somente uma questão de fazê-lo confessar. Si pudéssemos reduzir os suspeitos a dez, vinte ou mesmo cinquenta, muito bem; saberíamos como agir. Mas uma cidade inteira é de mais!

Em um dos bars, descobriram um dono mais expansivo.

— Vinha aqui muitas vezes.

— Todos os dias?

— Não, senhor, assim também, não. Ele vinha de vez em quando. Gostava daqui.

— Vinha acompanhado?

— Não, senhor. Mas, há pouco tempo, aconteceu uma coisa interessante. Um camarada chegou aqui, pediu uma bebida qualquer e começou a fazer perguntas, assim como o senhor. E começou a perguntar pelos fregueses. Depois falou no Vittalo. Perguntou onde ele andava, que é que eu sabia sobre ele.

— Você deu as informações?

— Ué! Por que não? Eu sabia pouco sobre ele, mas o que eu sabia eu disse; é claro que não havia mal nenhum nisso. Não estou dizendo tudo isso aos senhores agora?

— Que é que esse homem queria?

— Não sei. Mas ele não parecia muito amigo de Vittalo. Parecia mais um camarada que andasse atrás dele, por qualquer coisa.

— Como era ele?

— Quem, o homem? Era um rapaz bem moço ainda, podia-se ver. Tinha um jeito estranho.

— Que é que você quer dizer com isso? Ele parecia um gangster? E' isso que você queria dizer?

O homem imediatamente fechou-se em copas.

— Nada disso. Ele parecia até moço de família.

— Mais alguma coisa para nos dizer?

— Não. E os senhores, mais alguma pergunta?

— Também não. Adeus e obrigado pelas informações.

Os agradecimentos desagradaram ao homem, tanto mais que foram ditos em

*-Uma pele maravilhosa!
É impecável!*

Ouçá elogios como esses, dizendo adeus à "Cutis Lustrosa"

Sabe o que é "Cutis Lustrosa"? — É aquele desagradável brilho que tanto enfeia a pele. Evite que isso lhe aconteça. Passe a usar PÓ DE ARROZ ROYAL BRIAR. Sua delicada textura dá à cutis uma adorável tonalidade fôca. Ao mesmo tempo, suaviza a pele e fixa o pó horas seguidas.

Complete a "maquillage" com ROUGE ROYAL BRIAR, de cores vivazes, que se harmonizam melhor com as tonalidades da cutis.

PÓ de ARROZ
Royal Briar
ATKINSONS

...e tem o perfume que deixa saudades

LINTAS PA 24-0100

voz alta e que o bar estava cheio. Si fosse descoberto o assassino e este fosse membro de uma quadrilha, ele poderia contar com morte certa. Um suor frio inundou a testa do homem, que já se arrependia do auxílio que prestara à polícia, mas, como não podia desfazer o que já estava feito, resignou-se. Olhou, apressivo, em torno, e voltou para o trabalho. Novamente ouviram falar do "rapaz moço".

Foi num posto de gasolina.

— Conheci muito Vittalo — disse o proprietário. — Faz pouco tempo esteve um rapaz aqui, à procura dele. Era meio esquisito, mas parecia de boa família.

O final que lentamente se aproximava nada teve de surpreendente. Foi mais um crime por um motivo que nada tinha de extraordinário. O que esta investigação teve de fora do comum foi a sua marcha. Fatos colhidos aqui e ali, com toda a paciência, juntados pouco a pouco, formando uma sequência lógica, ligados por um raciocínio lúcido e claro.

O primeiro rai de luz veio de uma informação fornecida sem que o informante tivesse consciência da importância dela.

No inquérito aberto, o pai do jovem fez uma pequena biografia do filho e

nada na vida dele podia levar a suspeitar o que realmente acontecera. Não tinha inimigos, era paço e honesto.

(CONTINUA NA PAG 43)

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS

REGULARIZAM OS INTES-
TOS SEM TORTURA-LOS.

**VARIZES
EM SENHORAS**

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrados nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um oito-sete quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

ESCRAGNOLLE DORIA

COUSAS NÃO DITAS (OS GOTTSCHALKS)

GOTTSCHALK o pianista, compositor e regente de orquestra, a exemplo de Liszt, ainda tem grande memória no Brasil, a ele vindo por conselho de Hermann, o mestre dos mestres dos magicos.

No Maio de 1869 chegara Gottschalk ao Rio de Janeiro em força de idade, de fama, de talento.

Em Nova Orléans, capital da Luisiana, tão de passado francês pela colonização e pelo nome de Luis XIV. Gottschalk nascera em 1829.

A's rapidas tornou-se favorito do publico carioca, temido pelos artistas, pela facilidade de entusiasmo como de amuo. Do Rio de Janeiro foi Gottschalk a S. Paulo, aí recebido entre ovações, principais da mocidade academica, sempre disposta a generosa aclamadora.

Aos cariocas deu Gottschalk quatorze concertos, dous no *Gymnasio* da rua do Teatro, doze no *Provisorio* do Campo de Santa Ana, realizando e regendo no ultimo teatro um concerto monstro de 650 musicos. Nele apresentou Gottschalk a sua hoje tão executada *Marcha Triunfal* sobre motivos do nosso Hino Nacional, peça dedicada a D. Pedro II.

Vitima de mal ainda agora de misterio se de transmissor certo, a febre amarela, Gottschalk foi convalescer na Tijuca, no Hotel Bennet, onde faleceu a 26 de Novembro de 1869 tirado da vida por penumonia intercorrente à qual não resistio organismo combatido.

Por varios modos o Rio de Janeiro solenizou os funerais do artista. Multidão, a pé, levou-o à necropole de S. João Batista onde, embalsamados, os restos mortais de Gottschalk esperaram transporte para os Estados Unidos. No momento do funebre retorno, prestou-lhe o Rio novas homenagens em exposição publica.

Gottschalk, afavel e comunicativo, despertava e alimentava simpatias. Mas, como qualquer e sobretudo como todos os artistas, de natural vibratil, tinha Gottschalk dias de *blue devils*, para dizer no idioma dele.

Um dos maiores amigos de Gottschalk no Rio de Janeiro foi Furtado Coelho, tão insigne ator quanto distinto compositor. Oral ou epistolarmente bastante nos disse Furtado Coelho do amigo morto, anos e anos após o seu desaparecimento, nunca falando dele ou sobre ele escrevendo sem emoção.

Por carta deu-nos Furtado Coelho noticia de incidente num ensaio de orquestra no *Provisorio*. Acompanhando Gottschalk ao piano, não conseguia a orquestra dar a tempo um determinado acorde.

Gottschalk, em dia de *blue devils*, à solta, impacientou-se com repetições sobre repetições. Do piano dirigio-se à orquestra exclamando fôra de si: *vous êtes un tas d'imbéciles*. Tinha Gottschalk no aqelido um Moreau bem francês e a lingua francesa lhe era familiar.

Os musicos não haviam compreendido o acorde, porem comprendiam francês. Responderam á enervada apostrophe levantando-se em silencio e sahindo da sala à serrateira.

Gottschalk por fim olhou para a orquestra. Em vez dela vio apenas o recinto vazio, musicas sobre estantes que não podiam imitar os donos, eles a tomarem resolução nos corredores do teatro.

Gottschalk começou no piano a descarregar nervosia, posto o instrumento a vibrar com tanta maestria, tanta sonoridade, tanta limpidez, melancolia tanta que os musicos enlevados voltaram aos seus lugares em ponta de pé. Ruido mais sensível tirou Gottschalk do seu a sós. Voltando a cabeça vio a orquestra toda erguida, tomada de entusiasmo prorompendo em palmas.

Vista turva de lagrimas, voz embargada de emoção, Gottschalk disse: *Pardonnez-moi, mes enfants, de ce que j'ai dit tout à l'heure. Allons recommencer*.

E o malsinado acorde de antes vibrou certo como por encanto no ensaio preparatorio para o concerto monstro dos 600 musicos no qual se ouviriam o côro do *Fausto* e num pre-wagnerianismo nosso a marcha de *Tannhauser*.

Não só quanto a perfeição orquestral de acompanhamento era Gottschalk exigentissimo. Tambem o era em relação à qualidade e vózes de pianos como quanto à sua perfeita afinacão, seguido sempre de afinador especial. Tobias Spilberg.

Os autografos epistolares são preciosos quando de personalidades, auxiliando a comprehensão do caráter, dos séstres, dos sentimentos intimos dos missivistas. Não só é verdadeiro o dize-me com quem andas e te direi quem és, o adagio completado pelo dize-me como escreves para se saber quem és.

Na Europa se fazia muito caso de autografos, conforme sua materia e seus signatarios, levados não raro os manuscritos a preços fabulosos, sobretudo se adquiridos para a Norte-America onde *time is dollar*.

Bem o sabiam os autografistas ou mercadores de autografos em Paris. Bem o sabiam, porque hoje os presentes do indicativo, no estado do mundo, são de emprego duvidoso.

Uma casa autografista de Paris, a dos famosos Charavay, cedeu-nos carta de Gottschalk que no-lo mostra rispido, mal se contendo de longe por causa de um piano.

O destinatario teve o cuidado de apagar o seu nome no alto da carta. Apesar da letra miudissima, quasi microscopica do missivista e do estater de tinta em papel velho, se deduz da carta a má sombra com a qual o destinatario recebeu as seguintes expressões da reclamação do artista melindrado.

"Senhor — Achei a sua conduta assaz inconveniente no seu proposito de não querer nunca entregar o piano senão á vista de um escrito do meu punho. A natureza de nossas relações no caso já me desagradava bastante. Mas não me parecia valer a pena de queixar-me ao Snr Erard, mas acabo de saber que não obstante as minhas instruções formais transmitidas ao Snr. pelo meu secretario de expedir-me mais cedo o piano do qual precisava para um primeiro concerto, o Snr. tomou a liberdade tomar a impertinente medida de proibir ao encarregado da expedição de confiar-me o piano antes de receber uma carta de autorisação da Casa Erard. Ignoro se o Snr. tomou a responsabilidade do ocorrido, mas disso vou certificar-me escrevendo para Paris. Se o Snr. procede de conformidade com a Casa Erard (o que duvido muito) abster-me-ei de qualificar um esquecimento de todas as conveniencias.

Saudações

M. Gottschalk

P. S. — Autoriso-vos (embóra duvide que o faça) a mandar minha carta a Paris.

Pau 6.^a feita à noite
às pressas.

Na margem da carta o missivista declarou falsa a alegação de ser o piano só entregue mediante autorisação escrita, *Je n'ai demandé un écrit qu'une seule fois*, afirmou Gottschalk.

Em dias bem proximos de nós um parente de Gottschalk, até lhe reproduzindo os apelidos, exerceu no Rio de Janeiro o cargo de consul geral dos Estados Unidos.

Ao novo Moreau Gottschalk der m a lér estudo nosso sobre o parente glorioso, estudo originariamente publicado na *Revista Brasileira* e depois incluído em livro.

Mostrou-se o segundo Moreau Gottschalk satisfeito com o estudo, prometendo-nos completa-lo dando-nos novas informações sobre o pianista, logo ao regressar à patria.

Passou-se isto no momento da Grande Guerra hoje eclipsada no seu adjetivo por outra Guerra de qualificativo difficil de encontrar hoje nas lutas e nos lutos do mundo universo.

Para os Estados Unidos seguiu o consul Gottschalk a bordo do *Cyclops*, desaparecido este em viagem. Supôz-se o navio torpedeado por submarino e se o acreditou rumado para o Rio de Janeiro a transmitir noticia para terra. Em órgão de imprensa carioca sahio convite funebre relativo a Gottschalk e redigido por autor ou autores impios revelando degradação moral.

Logrado ficou quem acudio ao aviso funebre, atingido porem o seu fim a nova do desaparecimento do *Cyclops*. Quando? Onde? Nas duvidas tambem se flutúa por muito tempo ou para sempre.



LUIZ MOREAU GOTTSCHALK
(Nova Orléans 1829 — Rio de Janeiro 1869)

O caso do marido preocupado

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 41)

Um dos amigos da vítima contou um fato.

— Vittalo gostava muito de mulheres...

Imediatamente os detectives farejaram algum indício.

— Mulheres?

— Sim. Antes de casar-se tinha muitas namoradas. Havia até uma, Marcia, por quem ele tinha verdadeira paixão. Mas parece que ela o abandonou, ou arranhou outro. Uma coisa assim. Não sei bem.

O nome da moça? Não sabia. Marcia de... Não sabia. Onde morava? Também isso não poderia informar. Onde trabalhava? Numa lavanderia. Onde? Isso não podia dizer. Sabia que era naquela cidade. E só.

Começou então a busca. Trabalho. Mais trabalho. Foi um dos casos mais trabalhosos que a polícia da cidade teve de investigar.

Entrevistaram centenas de Marcias, que trabalhavam em lavanderias nos quatro cantos da cidade. Nada. Finalmente, acertaram.

— Marcia? Sim, tivemos uma Marcia que trabalhou aqui, mas já saiu há muito tempo.

— Sabe onde ela mora?

— Não tenho a mínima idéia. Ela ao sair daqui mudou-se para um outro bairro e nunca mais a vimos.

— Qual é o seu sobrenome?

— Marcia Jackson.

— Muito obrigado.

Mais trabalho. Tratava-se, agora, de encontrar uma Marcia Jackson, dentro daquela cidade.

Marcia foi encontrada afinal e as declarações que prestou foram preciosas. Com o seu testemunho a polícia descobriu o criminoso.

A história que ela contou foi simples e trágica.

Tinha um namorado: Vittalo. Amava-o, sem dúvida, mas não podia suportar os maus tratos a que ele constantemente a submetia. Esses não se limitavam à rudeza da linguagem, mas iam até às surras que lhe dava. Ciúmes, tudo. Não podia olhar, por mais inocente que fosse o olhar, para outro homem, na pre-

A BELEZA...



das flores, que tanto nos agrada, precisa dos cuidados diários do homem. Assim também a beleza da mulher exige um tratamento cuidadoso. O Oleo de Violetas, de Mme. Graça torna sua cutis aveludada como as pétalas da rosa.

Tônico poderoso que, corrigindo os defeitos, dá à pele as vitaminas necessárias à sua beleza.

CATALOGO GRATIS PELO CORREIO

Oleo de violetas

DE MME. GRACA

Distribuidores: ESPANA, PARAMES & IRMÃO - Alfândega, 181

Para damas de honor



Dois belíssimas toilettes em estilo antigo: a da menina é em tafetá rosa antigo com azul celeste. A da moça, em seda adamascada com estamparia Luiz XV. Laços de veludo preto, chapéu e luvas da cor clara do fundo.

sença de Vittalo, pois ele emprestava a esse ato tão simples significações sinistras, e usava-o como pretexto para as longas discussões e altercações, de que parecia até gostar, dada a frequência com que as provocava.

Um dia, tendo maltratado a moça mais do que de costume, ela lhe disse que era inútil tentar vê-la novamente, porque ela não estava mais disposta a aturar o seu gênio irascível. Ele não se conformou. Uma noite, quando ela saía da lavanderia onde trabalhava, ele a estava esperando. Intimou-a a segui-lo, ao que ela replicou que era inútil qualquer explicação. Conhecia-o muito bem, sabia que ele poderia mostrar-se arrependido um dia, para recomeçar no dia seguinte.

Vittalo, num ímpeto de cólera, espancou-a. Ia passando um colega de trabalho, Roccoforte, que lhe acudiu.

Vittalo, ao ver o outro, fugiu, amedrontado.

Roccoforte passou a acompanhar Marcia todas as noites. Iam juntos até a casa da moça; mais tarde, crescendo a intimidade, ela convidava-o para entrar e ficavam conversando.

E' quasi desnecessário dizer que Roccoforte se apaixonou pela moça. E ela, si bem que não o amasse, sentia por ele uma afeição toda especial. Fora o seu salvador e amava-a humildemente. Ela aceitava a homenagem, mas desencorajava as tentativas de uma intimidade maior. Não queria casar-se com ele. Seriam amigos, somente.

Uma noite estavam ambos sentados na varanda da casa da moça, quando Vittalo apareceu. Vinha armado. Houve

uma cena terrível e depois uma luta entre ele e Roccoforte. Vittalo feriu gravemente o outro.

Por muito tempo, Roccoforte esteve entre a vida e a morte, mas salvou-se.

Quando deixou o hospital só tinha uma idéia fixa: castigar aquele que o atacara covardemente. E, para isso, ia por todos os lugares onde ele era conhecido, informando-se sobre os seus hábitos.

Prêso Roccoforte, confessou o crime, mas alegou legítima defesa. afirmou que Vittalo tentara renovar o ataque de meses atrás e que ele se defendera como pudera. Andava armado, porque já esperava uma coisa assim.

Julgado e condenado a vinte anos de prisão, aceitou a pena com resignação.

Essa história nada tem de extraordinário. Um crime comum, em circunstâncias comuns, não foi descoberto por nenhum raciocínio espetacular, nem apresenta como culpado uma figura inteiramente inesperada; muito pelo contrário. O que essa história tem de notável é o trabalho dos detectives. Detectives reais e não super-homens da literatura, detectives que descobriram o criminoso pelos métodos empregados pela polícia e que mostra e ilustra os esforços e o trabalho necessários para revelar um assassino de verdade, da vida real, que nada tenha que ver com os bonecos dos escritores policiais.

Há uma grande lição nessa história, e que nunca é de mais repetir enquanto houver criminosos nesse mundo: o crime não compensa.

Ilusão perdida

Continuação da página 33

E nenhum dos colegas do meu filho deixou de concordar com ele sobre a minha elegância, que, aliás, era obra e graça de um vestido habilmente desenhado e executado especialmente para mim.

Max deu a Bob um cheque, que ele qualificou de "coisa louca, mamãe! Quanto algarismos! Adivinhe quanto é".

Mme. Rougier compareceu. Exagera-

díssima, com um vestido que chamava a atenção, ela atravessou o salão para me dar os parabens na linguagem mais afetada que já ouvi:

— Minha querida adorada! Que felicidade! Que grande dia! Que festa soberba! Meus parabens pelo seu aniversário! Sim, senhora, você é mesmo muito feliz! Um marido bom e rico, um filho moço e belo...

Mme. Rougier queria casar Bob com sua filha. Bob dizia sempre: "Aquele velho está crente de que me "fiska" para

lençarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



QUINA PETROLEO ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

Fixa o penteado, dá vida
aos cabelos, evitando o
embranquecimento prematuro.

Extingue a caspa e combate
todos os parasitas capilares.

A VENDA EM TODO O BRASIL

aquê abacaxi! Pois sim! Eu tenho coisa
melhor! Ah, mamãe, você conhece a Li-
sete?"

Cada vez era um nome diferente. Eu
sorria. Max enchia os cheques e Bob se
divertia.

Na opinião geral dos nossos amigos
e parentes éramos uma família felicis-
sima.



Na festa tornei a ver Felipe. Hoje
digo isso com toda a naturalidade, mas
no momento em que ele apareceu e que
me encarou, do outro lado da sala, fiquei
pálida e quasi desmaiei.

Desaparecera a elegância que eu
tanto admirara. Era um velho gordo e
repugnante. Bebia muito.

Olhou-me com indiferença.

— Quantos anos!

— É verdade, Felipe. Você mudou.
Ele teve um risinho amargo.

— Acha-me velho e feio, não é ver-
dade? As mulheres são assim. Você ain-
da está bem conservada.

— Obrigada.

— Não há de que.

Eis o epílogo do amor que me forne-
cera, durante tantos anos, recordações e
sonhos para alimentar meu espírito ro-
mântico.



Quando veio se despedir, já estava
meio bêbedo. Virei as costas, enojada.

Refugiei-me no meu quarto. Os obje-
tos familiares, a mobília, os meus livros,
tudo me pareceu belo e limpo. Contras-
tando com a figura do homem que fora
parte da minha vida eu sentia-me feliz
de não ter levado para junto dele todos
aqueles pequenos tesouros, que eu tanto
amava. Si eu tivesse partido seria a mu-
lher grosseira e cansada de um plantador
bêbedo e rude. Acariciei, levemente, o
edredon macio da minha cama. Tomei o
meu diário, que encerrava a narrativa de
tudo o que eu sentira, de tudo o que eu
desejara, de todos os sonhos que eu tivera
e que confiara àquele confessor humilde.
Resquei tudo.

Max bateu na porta.

— Você já está deitada?
— Ainda não, Max. Que há?
— Queria conversar um pouco.
— Entre.
Ele entrou.
Falamos sobre a festa.
— Quando Felipe chegou, eu pensei
que você fosse desmaiar.
— Eu? Por que, Max? Aquê homem
repugnante...
— Você gostou dele, há muito tempo,
não foi?
— VOCÊ SABIA?!
— Sabia, sim. Tive muito medo que
você fosse me abandonar...

Naquele instante lembrei-me das pa-
lavras de Max, antes de casarmos: "Sa-
berei conquistá-la".

— Max...

Apoiei a cabeça no ombro forte do
meu marido, e chorei.

— Foi de propósito, meu amigo, mas
é preciso não se esquecer que esta mu-
lher fez um amigo meu passar muito mais
de um quarto de hora de tortura. Ele
suportou, durante anos, esse... anjo da
guarda. Sim, anjo da guarda, mas não
dêle, da fortuna que ela cobijava para
gastar sozinha. Não o deixava só um
único momento para ficar mais segura
de que, quando ele morresse, herdaria a
sua fortuna. Si tivesse mais coragem, teê-
lo-la assassinado, mas não ousou, com
medo de ser presa.

Nesse momento, a porta da rua ba-
teu. Mme. Landell abandonara para sem-
pre a casa onde se tinha consumado o
seu crime — homicídio que escapava à
alçada dos tribunais, mas que lhe havia
de pesar na consciência. Malara o ma-
rido, atormentando-o, e o seu maior casti-
go era ver que toda a sua obra tinha
sido inútil.

O anjo de guarda

(CONCLUSÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Na página seguinte àquela em que figu-
ram os versinhos sobre o mapa vazio,
havia uma ilustração: o mapa, porém,
não estava vazio. Uma caligrafia miuda,
mas perfeitamente legível. Um testamento
assinado por Landell e mais duas teste-
munhas. Perfeitamente legal.

Enquanto os dois homens comenta-
vam a descoberta, Mme. Landell os ouvia
com atenção. Finalmente não se conteve
e perguntou:

— O senhor quer dizer que nesse li-
vro há um testamento e que este testa-
mento é perfeitamente legal?

— Perfeitamente legal, minha senho-
ra. Nesta página há um testamento, assi-
nado por seu marido e mais duas teste-
munhas. Duas mulheres. Si não me en-
gano, criadas desta casa.

— Elas ousaram! Elas ousaram fazer
isso em minha casa!

— Será necessário tornar a lembrar-
lhe que esta casa ainda não é sua e que,
agora, nunca o será?

— O que?! Que quer o senhor dizer
com isso? Pretende insinuar que o meu
marido me desherdou?

— Não pretendo insinuar coisa algu-
ma, minha senhora. O que acabei de lhe
dizer está escrito neste testamento que
tenho em minha mão e que, sendo o mais
recente, é o único válido.

— Que diz ele?

— A senhora receberá a soma de
dez mil libras. Só. E já não é pouco. Eu
e Snow recebemos cincuenta libras cada
um e o resto da fortuna do meu falecido
cliente é do seu sobrinho Roberto Spencer
Landell.

Ao ouvir estas palavras desapareceu
o último vestígio de controle da fisionomia
de Mme. Landell. Não tentava mais escon-
der a fúria que sentia. Selby, implacável,
explicou, com todas as minúcias, a posi-
ção legal dela. Mme. Landell ouvia em
silêncio. Um silêncio de derrota, mas não
de conformação. A sua respiração era
irregular e os seus olhos brilhavam de
ódio.

Por fim, sem dizer uma palavra, le-
vantou-se e saiu quasi a correr.

Quando desapareceu, Trent virou-se
para Selby.

— Francamente, você fez essa mu-
lher passar um mau quarto de hora.

Números atrasados desta revista

Podem ser solicitados à redação:
Rua Maranguape, 15, Rio, me-
diante vale postal ou pelo ser-
viço de reembolso do Correio;
são também encontrados em São
Paulo, à Rua D. José de Bar-
ros, 323. Preço: Cr. 2.00.



Seu tricot

Pull-over escocês

Pontos empregados: — Gaita dobrada (2 direitos, 2 avessos) sem contrariar nas carreiras seguintes:

Jersey — 1 carreira direita, 1 do avesso, com o desenho de 2 côes de lã como o diagrama indica.

As lãs de cor teem-se em novelos separados.

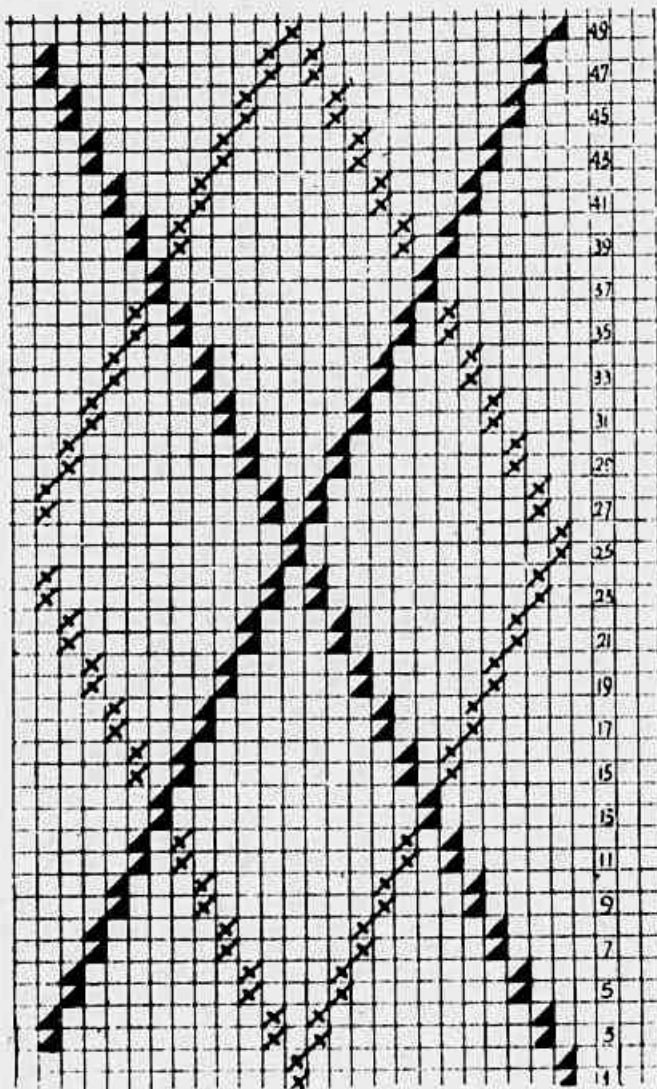
Material — 5 novelos de lã azul-marinho, 1 novelo de lã amarela, 1 novelo de lã vermelha, 2 agulhas número 1 e 2.

Execução — **Frente** — Em lã azul se colocam 120 pontos na agulha n. 1 e faz-se 50 carreiras de ponto de gaita, depois então começa-se o ponto de jersey escocês, com as agulhas 2 por espaço de setenta e seis carreiras, a contar desde o principio deste ponto, começando a aumentar então 1 ponto em cada 10 carreiras. Se arremata em cada principio de carreira para formar a cava (de ambos os lados) da seguinte maneira: 1 vez 6 pontos, uma 4 pontos uma 2 pontos e 3 vezes os 2 juntos. Depois de trinta e oito mais, se arremata no centro 24 pontos separando o tecido e trabalhando em cada lado separadamente. A continuação do arremate para o decote faz-se em cada principio de carreira desse lado: 1 vez 3, uma 2 vezes e 6 vezes 2 pontos juntos.

Os 28 pontos restantes se tecem em 10 carreiras mais e se arremata em 3 vezes 9 pontos por vez na direção do braço para o decote.

Costas — 100 pontos para começar, depois das carreiras de gaita com as agulhas finas; passar para as mais grossas, aumentar 1 ponto cada 8 carreiras e seguir as instruções da frente.

Nas cavas se arremata de ambos os lados, tomando a explicação da frente



do segundo arremate somente, e chegando ao hombro é igual à frente e o que sobra do meio se arremata para acabar.

Manga — Começar com as agulhas finas, pondo 80 pontos que fazem 26 carreiras de gaita, muda-se de agulhas e começa-se o "jersey escocês", aumentando 1 ponto cada 5 carreiras, no fim de 40 carreiras começa-se a diminuir; na 1.ª carreira de cada lado 5 pontos logo e alternadamente arremata-se 2 pontos e carreira por meio se tomam

os 2 pontos da beira juntos, até que só se tenha 20 pontos na agulha, que se arremata.

Passa-se a ferro a parte de jersey escocês, e costura-se.

Finalmente se prepara a gola com 50 pontos sobre as agulhas finas e se prega em roda do decote.

Nota — Para compreender bem o diagrama tece-se o que indica, repetindo o desenho novamente cada 24 pontos; na 47.ª carreira começa outra vez o desenho desde a 1.ª carreira.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Porque Não Se Livra Dessa Eczema?

Sua pele tem uma influência enorme na sua aparência, pois ela está sempre sob os olhos de outras pessoas. Uma pele irritada, inflamada, com erupções avermelhadas dá a V. uma aparência feia. Porque não procura um meio eficaz e seguro para o tratamento de sua pele?

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo tratamento científico: o emprego de BELZEMA, que é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra imediatamente na pele, combatendo as eczemas, psoríasis e fazendo cessar instantaneamente as coceiras.

BELZEMA não é visível quando aplicada, não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Satisfará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

VESTIDINHO DE TRICOT GUA'RNECIDO COM RUCHES DE CROCHET

Este vestidinho é executado com lã bege e lã brilhante; é tricotado no sentido da altura; a saia e as manguinhas são terminadas em ruches de crochet de um efeito encantador. Para a execução de um vestido para criança de ano e meio a dois anos, são necessários dois novelos de lã "Zephyr" rosa azalea, e dois novelos de lã "nacrée" do mesmo tom, duas agulhas de tricô de 3mm. 1/2 de diâmetro e uma agulha de crochet de aço n.º 13.



Saia — Pôr na agulha de tricô 60 malhas com a lã "Zephyr" empregada dupla; para a altura da saia, fazer carreiras pelo direito, 1 carreira pelo avesso, pondo o direito do jersey no direito do trabalho. Tomar em seguida a lã nacrée simples, fazer 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso, sempre no ponto de jersey, mas o avesso posto no direito do trabalho. Fazer 7 carreiras de jersey avesso. Retomar a lã "Zephyr" fazer 7 carreiras de jersey pelo direito. Mudar a lã e fazer 7 carreiras o avesso pelo direito do trabalho e trabalhar assim até obter 1 metro e 50 de comprimento. São necessárias pouco mais ou menos 29 listras feitas com a lã nacrée, e 29 listras com a lã "Zephyr". Fazer a pala com a lã nacrée simples, apanhando as malhas na parte de cima da saia, duas malhas por cada lista de cada lado durante 8 listras e 3 malhas por lista sobre as 13 listras do meio; consegue-se assim obter 71 malhas (deixar a outra parte da saia à espera). O ponto da pala é feito da seguinte maneira: 1 carreira pelo avesso para encontrar-se no direito do trabalho, depois escorregar a 1.ª malha, passar a agulha do tricô na 2.ª malha e ir procurar a 3.ª malha, tricotar esta pelo direito e a deixar cair da agulha esquerda; fazer a 2.ª malha pelo direito tomando o fio de lã que está sobre a agulha diante de si, e recomçar em x; trabalhar desta maneira até o fim da carreira (fig. 1). Voltar pelo avesso e recommar o ponto rendado. Continuar a direito. Quando a pala tiver 10 centímetros de altura, fechar 21 malhas do meio para o decote, trabalhar cada

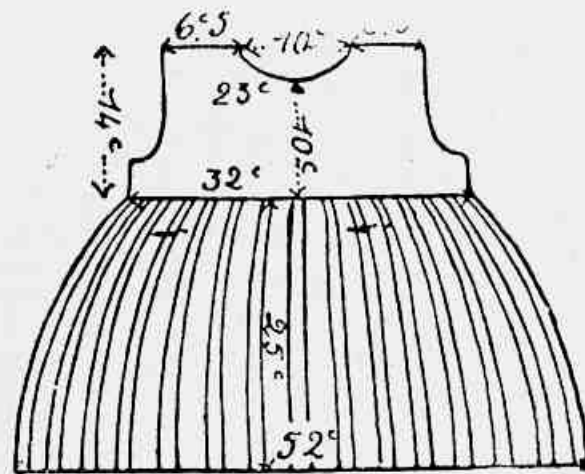
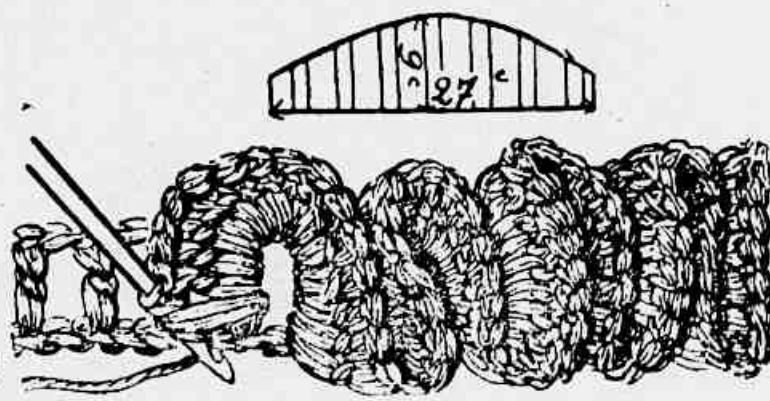
lado separadamente fechando do lado da gola duas vezes 2 malhas e 1 malha, e formar o ombro fechando todas as malhas restantes de uma só vez.

Fazer o segundo lado da mesma maneira.

As manguinhas trabalhadas da mesma maneira que a saia, empregando a lã "Zephyr" dupla. Pôr na agulha de tricô 7 malhas e aumentar de 1 malha no fim das carreiras pelo direito das listras, e no fim das carreiras pelo avesso das listras com a lã nacrée, de maneira a aumentar de um só lado do babado que deve chegar 21 malhas. Cessar os aumentos, fazer 5 listras a direito e diminuir em seguida como se aumentou, até chegar a 7 malhas, que são fechadas a direito.

Depois de feitas as costuras dos ombros rodear a gola com uma carreira de pontos simples feitos com a agulha de crochet e a lã nacrée. Nos ombros são deixados 2 centímetros sem coser de cada lado e pregados colchetes de pressão.

Empregar a lã "Zephyr" dupla para fazer a ruche da beirada da saia e das manguinhas. Fazer uma trancinha do tamanho da roda da saia, depois voltar fazendo um gradeado com pontos altos. Depois fazer pontos altos, mas com a lã empregada simples; 9 pontos altos sobre cada ponto alto da grade (o longo da haste), trabalhar serpenteando como indica a fig. 2. Fazer depois as ruches para as manguinhas e depois coser as ruches.





A' esquerda --- MARTHA O'DRISCOLL GOSTA DE SUBIR EM ESCADAS DE CORDA E CONFESSA QUE A ELASTICIDADE DOS MUSCULOS DAS PERNAS FICA MUITO MAIS ACENTUADA. VALE O CONSELHO?

SHELLEY WINTER E BRUCE BENNETT PREFEREM OS ESPORTES AO AR LIVRE. AÍ OS VEMOS JOGANDO A SHUFFLE BOARD, OU TRICK MENEVEN OU A FLUGA FLUGA... COMO É MESMO O NOME?

FAÇA GINASTICA!

E' esta uma crônica de fim de estação. Com o início do ano letivo, pondo fim às férias dos escolares, os adultos são, naturalmente, obrigados a acompanhá-los, voltando à vida sedentária da cidade, cu airda a uma afanidade prejudicial, por exaustiva. Des metodos de higiene só o habito elementar do asseio corporal é conservado, pois não ha tempo para a ginastica e outros exercicios capazes de manter a saude do corpo e a sua boa fórma.

Os iniciadores do sistema de educação física por meio da ginastica, como Guts, Ling etc., não pensaram na mulher, talvez por estar ela á margem de outras atividades que não as domesticas; d'ái serem esses exercicios cultivados para desenvolvimento dos musculos e força muscular. A ginastica suéca baseada no sistema de Ling, foi mais tarde adaptada á formação feminina e é considerada essencialmente educativa. São objetivos da ginastica suéca: Economia de esforço, capacidade física, resistencia fisiologica, agilidade geral, disciplina mental, disciplina moral. Esta disciplina moral é a que desenvolve virtudes como o sentido de companheirismo, o bom humor, senso de justica, etc., desenvolvidos pelos jogos em grupos e que fazem parte do sistema. Como fator estetico desenvolve a beleza física e a harmonia de movimentos. São largos e sábiamente coordenados os meios empregados na ginastica suéca e vão desde as atividades gerais até os exercicios de dança. Caminhar, correr, saltar, evoluções de marcha e carreira, combinação de diferentes tipos de movimentos ritmicos, tendentes a controlar musculos e nervos; exercicios de equilibrio, jogos ginas-ticos etc. Nes metodos empregados, ha os exercicios preliminares de ordem e precisão; os formativos que se dividem em séries, e são: da 1.ª série, tronco, braços e pernas; da 2.ª abdominais, dorsais e laterais. Para estes exercicios, o radio é um valioso auxiliar, com programas magnificamente feitos, nos quais não falta a dosagem de bom humor e exercicio mental, fornecidos pela verve brilhante do professor. Até o uso da musica introduzido na ginastica suéca, é um elemento agradável e valioso. O nosso grande pedagogo dr. Leunerço Filho disse: "A psicologia de hoje não separa o pensamento da ação. A educação de hoje não póde separar, tambem, o exercicio do corpo, da disciplina do espirito e do carater.

A vida citadina exige da creatura humana maior dispêndio de energias e requér por isso uma recuperação, que póde ser adquirida pela ginastica suéca e exercicios ao ar livre, como esportes ligeros, jogos anêns, passeios a pé feitos com metodo. Exercicios respiratorios, tão necessarios e simples.

Não basta viver, é preciso saber viver uma vida superior e útil, não só a si proprio como aos seus descendentes, legando-lhes, não só o indispensavel a uma existencia precaria e mediocre, mas o necessario a uma vida sã de corpo e alma, de carater e espirito. Porque são essas as vidas que enobrecem e dignificam a especie humana.



SEJA QUAL FOR O NOME, ESTE IMPORTA POUCO. ELES QUEREM E' DEFENDER A INTEGRIDADE FISICA. E UM CERTO ESFORÇO MENTAL PARA O CALCULO DA JOGADA, E' TAMBEM UM O'TIMO EXERCICIO.

Ao alto — O ESPIRITO DE COMPANHEIRISMO E UM POUCO DE TREINO DE PACIENCIA E BOM HUMOR, AJUDARÃO A APRENDIZAGEM. ISSO FAZ PARTE DO SISTEMA DE LING, DEMONSTRADO POR JACK KARSON.

A vida sedentária é um mal



A' esquerda — ANN RICHARD, UMA BELEZA NOVA, GOSTA DE ENTENDER OS "POBRESINHOS DE DEUS", COMO DIZIA O SANTO DE ASSIS, PORQUE A VIDA SINGELA E CAMPESINA DA' UMA NOÇÃO MELHOR DO VALOR HUMANO.

A' direita — ELYSE KNOX, NUMA CENA PARADISIACA. PARECE CONFIRMAR QUE NÃO HA NADA MELHOR QUE UM "WEEK-END" PARA REFAZER O CORPO E A ALMA. VIVER DA NATUREZA, DENTRO DA NATUREZA... O'TIMO!



TRABALHOS MANUAIS

Interessantes motivos para quarto de criança, quer para pintura decorativa de moveis e pequenos quadros, quer para bordado aplicado em colchas, toalhas e outras peças do guarda-roupa infantil. Estes desenhos representam uma série de cenas de travessuras de garotos.

Os trabalhos devem ser executados com material de cores alegres e vivas. Para o bordado aplicado, recorta-se a fazenda contornando só o desenho externo, o resto faz-se com as linhas de côr.

A fazenda para o rosto e os braços deve ser de tonalidade rosada ou côr de carne.

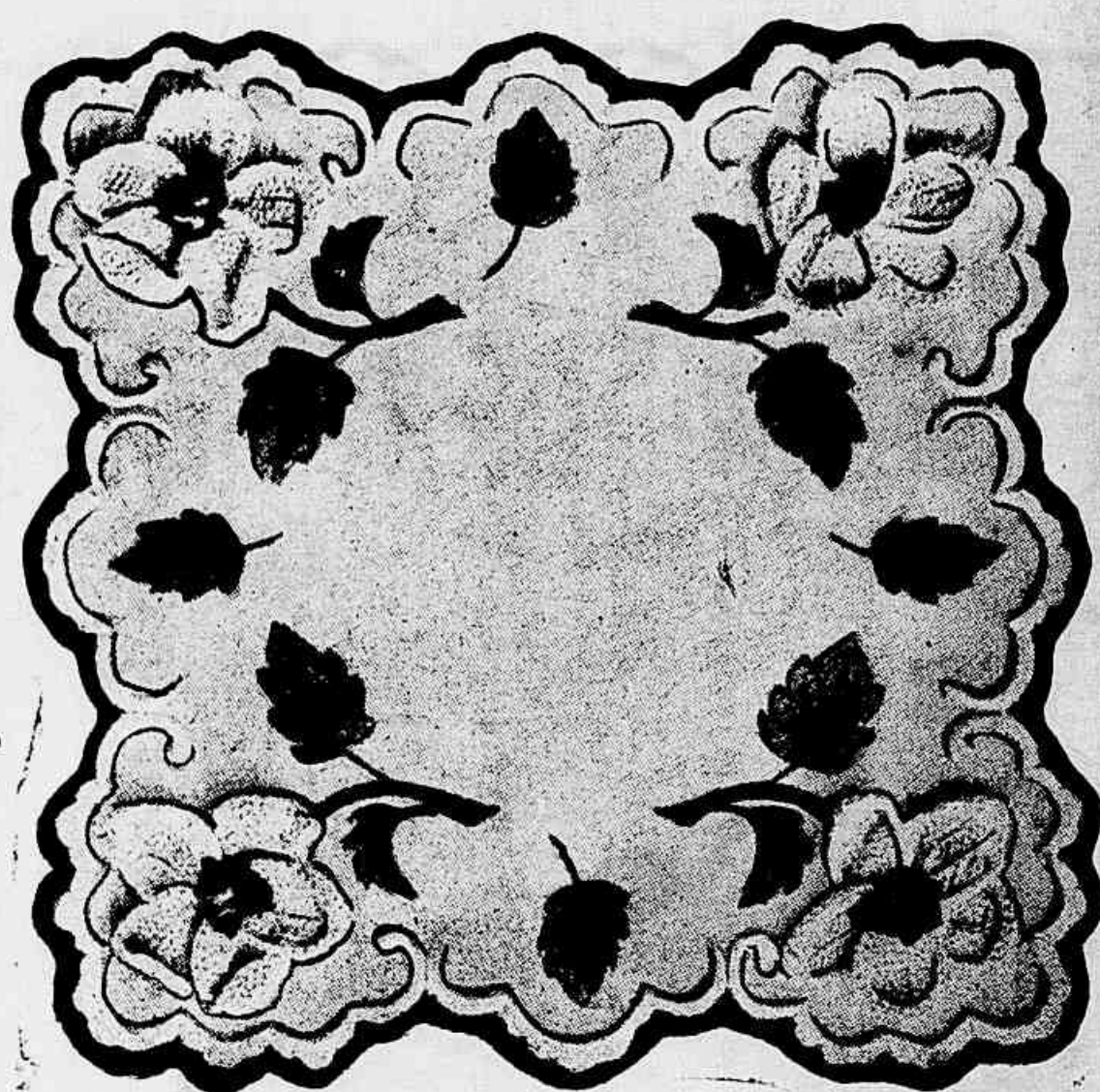
Para a pintura decorativa pode ser usado o esmalte comprado em latinhas pequenas.

O sapolim, ou qualquer outro esmalte quando sêco pode ser dissolvido com um pouco de agua rás



O CROCHET ARTISTICO

ROSA BRAVA. Linha mercerizada rosa palido. Começa-se pelo centro com desoito pontos fechados (laçadas) sobre estes 18 meio pontos. Paralelos a estes fazem-se outros tantos pausinhos de um lado e outro acabando por fazer em toda volta 2 carreiras de meio ponto para tornar as petalas concavas. Os estames amarelos são feitos com 12 a 15 argolas.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



O macaco azul

(Continuação da pag. 39)

forços e as minhas mais profundas concentrações!... E' inu'till! Todavia, creia, senhor, o meu maior desejo, tôda a ambição de minha alma foi sempre, como hoje ainda, compor alguns versos, poucos que fossem, fracos muito embora; mas, com um milhão de raios! que fossem versos! e que rimassem! e que estivessem metrificadlos! e que dissessem alguma coisa!

— E nunca até hoje o conseguiu?... interoguei, sinceramente pasmo.

— Nunca! Nunca! Se o metro não sai mau, é a idéia que não presta e se a idéia é mais ou menos aceitável, em vão procuro a rima! A rima não chega nem à mão de Deus Padre! Ah! tem sido uma campanha! uma campanha sem tréguas! Não me farto de ler os mestres; sei de cór o compêndio do Castilho; trago na algibeira o Dicionário de consoantes; e não consigo um soneto, uma estrofe, uma quadra! Foi porisso que pensei cá comigo: "Quem sabe se haverá algum mistério, algum segredo, nisto de fazer versos?... algum segredo, de cuja posse dependa em rigor a faculdade de ser poeta?... Ah! e o que não daria eu para alcançar semelhante segredo?... Matutava nisto justamente, quando o senhor, conversando com o seu amigo, afirmou que o segredo existe com efeito e, melhor ainda, que o senhor o possui, podendo por conseguinte transmiti-lo adiantel!

— Perdão! Perdão! O senhor está enganado, eu... — Oh! não negue! Não negue por quem é! O senhor tem fechada na mão a minha felicidade! Se não quer que eu enlouqueça confie-me o segredo! Peço-lhe! Suplico-lhe! Dou-lhe em troca a minha vida, se a exigir! — Mas, meu Deus! o senhor está completamente iludido!... Não existe semelhante cousa!... Juro-lhe que não existe!

— Não seja mau! Não insista em recusar um obsequio que lhe custa tão pouco e que vale tanto para mim. Bem sei que há de prezar muito o seu segredo, mas dou-lhe minha palavra de honra que me conservarei digno dele até a morte! Vamos! declare! fale! diga logo o que é, ou nunca mais o largarei! nunca mais o deixarei tranquilo! Diga ou serei eternamente a sua sombra!

— Ora está! Como quer que lhe diga que não sei de semelhante segredo?

— Não me negue por tudo o que o seu coração mais ama neste mundo!

— O senhor tomou a nuvem por Juno! Não compreendeu o sentido de minhas palavras!

— O segredo! O segredo! O segredo!

Perdi a paciência. Ergui-me e exclamei disposto a fugir:

— Quer saber o que mais? Va' para o diabo que o carregue!

— Espere, senhor! Espere! Ouça-me por amor de Deus!

— Não me aborreça. Ora bolas!

— Há de persegui-lo até alcançar o segredo!

E, como de fato, o tal sujeito acompanhou-me logo com tamanha insistência que eu, para ver-me livre dele, prometi-lhe afinal que lhe havia de revelar o mistério.

No dia seguinte já lá estava o demônio do homem defronte da minha casa e não me largava a porta.

Para o restaurante, para o trabalho, para o teatro, para tôda a parte, acompanhava-me aquele implacável fraque côr de café com leite, a pedir-me o segredo por todos os modos, de viva voz, por escrito e até por mímica, de longe.

Eu vivia já nervoso, doente com aquela obsessão. Cheguei a pensar em queixar-me à polícia ou em prender uma viagem.

Ocorreu-me, porém, uma idéia feliz, e mal a tive disse ao tipo que estava resolvido a confiar-lhe o segredo. Ele quase perdeu os sentidos de tão contente que

ficou. Marcou-me logo uma entrevista em lugar seguro e, a' hora marcada, lá estávamos os dois.

— Então que é?... perguntou-me o monstro, esfregando as mãos.

— Uma coisa muito simples, segredai-lhe eu. Para qualquer pessoa fazer bons versos, seja quem for, basta-lhe o seguinte: — Não pensar no macaco azul. — Esta' satisfeito?

— Não pensar no...?

— Macaco azul? O que é macaco azul...?

— Pergunta a quem não lhe sabe responder ao certo. Imagine um grande símio azul ferrete, com as pernas e os braços bem compridos, os olhos pequeninos, os dentes muito brancos, e aí tem o senhor o que é o macaco azul.

— Mas que há' de comum entre esse mono e a poesia...?

— Tudo, visto que, em quanto o senhor estiver com a idéia no macaco azul, não pode compor um verso!

— Mas eu nunca pensei em semelhante bicho!...

— Parece-lhe; é que a's vezes a gente está com êle na cabeça e não dá' por isso.

— Pois hoje mesmo vou fazer a experiência... Ora quero ver se desta vez...

— Faça e vera!

No dia seguinte o pobre homem entrou-me pela casa como um raio. Vinha furioso.

— Agora, gritou êle, é que o diabo do bicho não me larga mesmo! E' pegar eu na pena, e aí está' o maldito a dar-me voltas no nicho!

— Tenha paciência! Espere alerta a ocasião em que êle não lhe venha a' idéia e aproveite-a logo para escrever seus versos.

— Ora! Antes o senhor nunca me falasse no tal bicho! Assim, nem só continue a não fazer versos, como ainda quebro a cabeça de ver se consigo não pensar no demônio do macaco!

E foi nestas circunstancias que Paulino me escreveu aquela carta.

Soldados de Cristo

(Continuação da pag. 5)

Foi creado a pedido do Ministerio da Guerra para servir com o exercito dos Estados Unidos, relevando na retaguarda os homens necessários na linha de fogo. As WAACS cumprem essa função substituindo os homens em cargos para os quais as mulheres deram provas de possuir mais

habilidade e maior experiencia e tomando o lugar dos soldados em outras para os quais são especialmente treinados. Como vai longe o tempo em que as velhas e masculinizadas sufragistas lutavam com a policia nas ruas de Londres para a defesa dos direitos do sexo frágil... Atualmente a mais tímida das mulheres provocaria um sorriso de desdém, nos lábios masculinos, se apellesse para a fragilidade de seu sexo na defesa da antiga galanteria... E, nessa luta pela liberdade individual, que é uma consequencia da liberdade coletiva, somos chamadas ao campo do dever da mesma forma que os homens. Mas, apesar disso, ainda precisamos lutar pelos nossos direitos... E as WAACS os obtiveram em parte. Esses soldados de saias fazem parte do exercito recebendo instrução militar generalizada e aperfeiçoando-se na especialidade que escolheram. Seu soldo é equivalente ao dos homens e os postos que ocupam também. Mas há algumas restrições: 1.º) Uma oficial só pode comandar mulheres. 2.º) As WAACS não podem continuar na dependencia economica de seus maridos soldados. 3.º) A comandante Oveta Culp Hobby, que aos 38 anos conquistou o posto de coronel, jamais poderá ser promovida. E isso a pesar de que, com suas 500.000

SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS CR\$ 1,90

subordinadas, a comandante das WAACS terá sob o seu controle administrativo uma tropa superior à da maioria dos generais. Seis meses após a organização do Corpo Auxiliar Feminino, que em Maio último completou um ano, foi feita uma estatística de seus trabalhos, através da qual ficou provada a sua indiscutível eficiencia. De inicio suas funções foram especificadas e eram apenas quatro: serviço de comunicações, trabalhos administrativos, transportes motorizados, cozinheiras e padeiras. Neste momento elas exercem mais de 140 especializadas diferentes! "Em todos os serviços que exigem paciência, habilidade manual, rotina diaria e rapida coordenação mental e física, as mulheres demonstraram sua superioridade sobre os homens", declara ainda a Coronel Hobby. Isso as torna insubstituíveis na administração, nas comunicações, como especialistas em nutrição e dietética, como telefonistas, datilografas, taquígrafas, etc. Nesses trabalhos, pelas estatísticas, uma WAACS substitue um soldado e meio. Mas, em compensação, como *chauffeur*, uma pequena da reserva vale apenas três quartos de um homem... Um grupo de 56 WAACS substituiu 128 homens na Administração dos Correios. O último serviço que lhes foi determinado é o de manejar instrumentos de observação junto às baterias anti-aéreas. E a declaração feita pelo general White ao Congresso foi: "Elas o fazem melhor do que os homens e aprendem mais depressa". A principio o numero de voluntárias para o Corpo Auxiliar Feminino era relativamente reduzido não passando de 1.000 por semana, devido ao preconceito que as perseguia, tanto em seus lares como nas forças armadas. Não tardou, porém, que as primeiras a receberem instrução e ingressem no serviço ativo, demonstrassem que aquilo não era um brinquedo nem um simples desejo feminino de "brilhar". Era trabalho serio e eficiente. Então, todas as mulheres que desejavam realmente fazer alguma coisa útil e não sentiam inclinação para enfermarias, nem se haviam empregado nas fábricas ou outros setores de guerra, correram a alistar-se no exercito ou na armada. E em breve a cifra do exercito havia subido para 5.000 por semana, sendo que no mês de Abril atingiu 58.000. Os pedidos de WAACS pelos chefes das diversas seteres da guerra vão além de 500.000 (375.000 só para a aviação). 19.000 foram requisitadas pelos generais que comandam as forças destacadas fóra da America. Mas apenas um pequeno numero delas está encarregado de copiar documentos secretos e semente algumas centenas atravessaram o mar. Quasi todas estão empenhadas em setores pouco heróicos talvez, mas indispensáveis à Victoria. E treinando outras WAACS que por sua vez treinarão mais outras... Há apenas 202 no Norte da Africa, mas o general Eisenhower tem pedido com insistência que lhe mandem mais, muitas mais, pois são insubstituíveis no serviço.

Seus pratos SERÃO APROVADOS POR TODOS...

...si preparados com a saborosa **Maizena Duryea**. Sopas, pudins e demais pratos preparam-se facilmente com **Maizena Duryea** e ficam mais saborosos e altamente nutritivos.

Aqui está o segredo de alimentos deliciosos e apetitosos de fácil digestão — **MAIZENA DURYEA**.

À VENDA EM TODA PARTE

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

IAÇÃO ARMADA

Recebemos o numero 52, referente ao mês de Março p. passado, de NACÃO ARMADA, revista civil e militar dedicada à segurança nacional. Traz esta edição muitos trabalhos interessantes, abordando os temas mais variados. Civis e militares subscrevem os diversos assuntos.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Salada de frutas



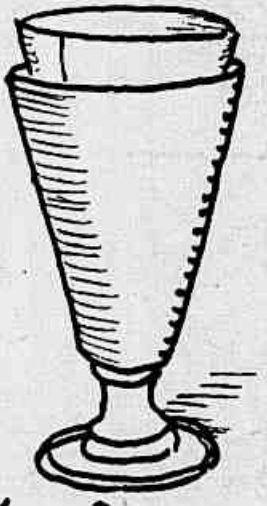
Banana



Pêra



Maçã



Laranja



Uva



Figo (No feminino)



Mamão



Tangerina (de Tanger)



Carambola



Fruta de conde Limão



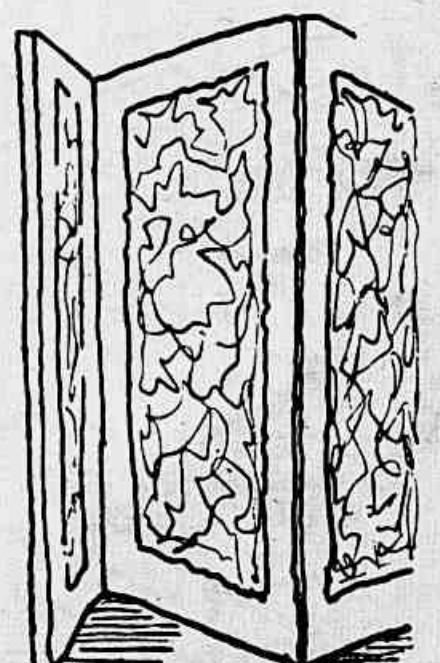
Jaboticaba



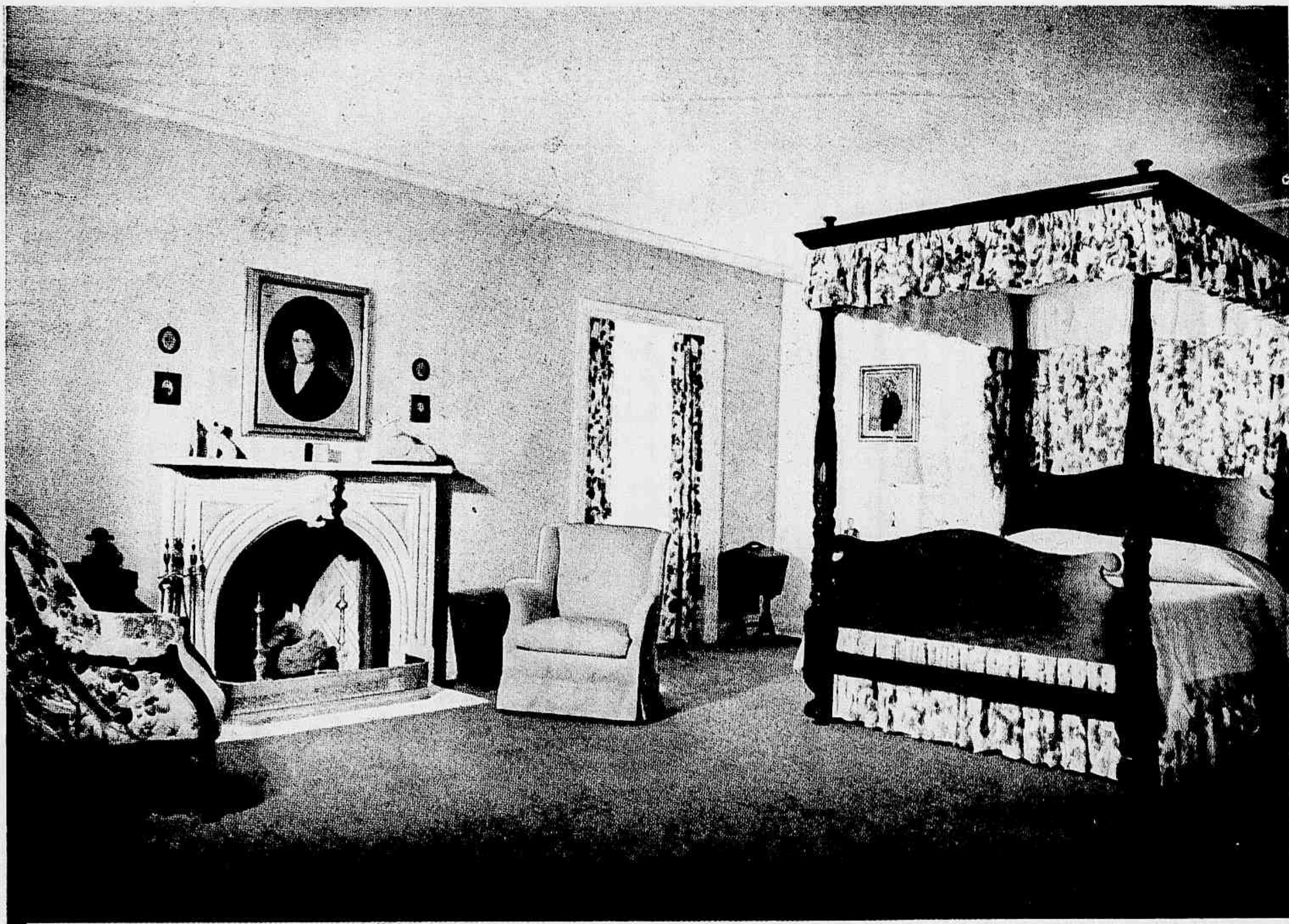
Côco



Pitanga



Abricós



ADAPTAÇÃO DE ESTILOS

Estampamos acima um aspecto de um quarto de dormir, luxuoso embora sóbrio, apresentando porém uma certa complexidade de estilos que, em virtude da arte e da simplicidade com que foi ornamentado, serve para torná-lo mais belo e cômodo.

As poltronas modernas, baixas, contrastam elegantemente com o leito colonial de docel, de pés torneados.

Ao fundo da peça uma lareira completa a ornamentação deste rico ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS